

"Simplesmente inesquecível"
- Sergio Alencar -

TÃO PERTO D&mm

UMA LINDA HISTÓRIA DE AMOR



HUMBERTO FAG



"Simplesmente inesquecível"
- Sergio Alencar -

TÃO PERTO D&mmm

UMA LINDA HISTÓRIA DE AMOR

HUMBERTO FAG

De repente quando menos esperei o amor me apareceu
Me fez esquecer que eu era sozinho
E se fez tão por perto que de tanto me amar
Fez ao meu lado o seu ninho
De repente descobri a razão de tudo
Que posso falar ou ficar mudo

Ter defeitos, fraquezas, mas acima de tudo
Terei vivido o amor com certeza
Que fez da pedra bruta, delicadeza
Transformando alma e o coração em uma completa fortaleza
O amor traz esperança ao coração
do silencio se faz canção
Da chuva, a vida, a plantação
E da morte, esperança em forma de oração...

HUMBERTO FAG

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Começo de tudo](#)

[A descoberta](#)

[O Passeio](#)

[Missão cumprida](#)

[Reencontro](#)

[Amor no ar](#)

[De volta ao começo](#)

[Tão perto de mim](#)

[Bibliografia](#)

Agradecimentos

Agradecer é uma das melhores partes para mim após a conclusão de um trabalho. Acredito que é nesse momento que lembramos de todos aqueles que nos ajudaram a transformar em realidade tudo que planejamos.

Começo meus agradecimentos primeiro a minha esposa, amiga e companheira Alessandra. A Você que transforma tudo em poesia, em inspiração, todo o meu amor.

As garotas mais incríveis que um pai poderia sonhar ter, Giovanna e Isabela, que fazem os dias serem iluminados de alegria, mesmo quando chove e ficamos sentados olhando as gotas de água caindo do céu. Muito obrigado queridas filhas.

A tia Márcia por acreditar, a Mônica pelo incentivo, a Lúcio Mauro pelas palavras e pelo meu Editor .

A Amazon, por acreditarem que posso chegar tão longe quanto imaginei que um dia poderia. Sem vocês seria impossível.

A minha rede social dos Amigos para Sempre do Facebook.

Em especial a todos os leitores que ávidos por uma boa história permitem que eu possa me aproximar do coração de cada um através desse livro, os inspirando, os tocando ou simplesmente estando tão perto, como o próprio título do livro.

Muito obrigado.

Prefácio

“Escrevo aqui no presente para que no futuro seus olhos possam lembrar de mim, quando sua mente me esquecer.”

Bob Marley

“Meus olhos já não enxergam como outrora, não projetam mais a nitidez dos detalhes do que acontece em minha volta e para ser sincero apesar de ter desenvolvido aguçadamente meus outros sentidos, ver as cores, tons e linhas é maravilhoso.

Com certeza meu coração saberá quando ela estiver por perto, sentirá quando se aproximar de mim. Isso sempre acontece, sempre acontecerá e sério mesmo, sempre aconteceu. Ela mantinha um poder natural de me encontrar todas as vezes que eu estava perdido. Pode parecer piegas imaginar que essa história de amor é como tantas outras, mas não é, como nada neste mundo é, nada é igual, nada é perfeitamente idêntico, pode ser simétrico, pode ser parecido ou ter em comum características próximas, mas na essência não são iguais, nunca serão a mesma coisa.”

Dito isso, resta-me confessar sinceramente essa é mais uma história de amor.

Uma história de amor simples como amor deve ser, verdadeira como o sentimento precisa ser, ambígua pois da mesma forma que é intensa ao mesmo tempo precisa de leveza.

Descrever ou ler uma história de amor, requer apenas uma coisa: *corações apaixonados.*

E o seu, querido leitor ou leitora, pode ter certeza que provavelmente é um desses corações.

Boa leitura!

Começo de tudo

“No começo só havia o vazio
transbordando com infinitas possibilidades
Das quais uma delas era você”

William Hartz

Eu sou o Téo, ou melhor o Teodoro, um nome esquisito eu sei, até hoje não compreendo exatamente o porquê os meus pais escolheram me chamar assim, talvez meu pai tenha se inspirado em alguns daqueles músicos de sua época, apesar de mesmo eu tendo procurado, nunca encontrei algum com o meu nome.

Lembro dele quando passava horas em frente ao seu aparelho de som Gradiente, um “*três em um*” que tocava Disco Vinil, fita cassete e rádio AM/FM. Vejo-o claramente sentado em sua “*cadeira do papai*” com recosto acolchoado, em frente a sua discoteca que era distribuída estrategicamente para que pudesse trocar os discos com mínimo de esforço.

Ele guardava aquela coleção de LPs tão apaixonadamente, que ninguém ousava pôr as mãos.

Meu pai realmente tinha um gosto musical refinado, era seletivo até na definição de cada estilo musical . Conforme o dia da semana, por exemplo, ele escutava aos domingos sempre Roberto Carlos, The Fevers, Bee Gees, Abba, talvez porque fossem músicas mais tranquilas, já aos sábados era a vez do samba e da bossa nova, pois para ele, nesse dia poderia tomar sua cerveja tranquilamente sem se preocupar em prejudicar o sono do dia seguinte.

Durante as manhãs da semana, músicas instrumentais das mais diversas. Cantarolava baixinho. Algumas vezes, não raro, puxava minha mãe pela mão para dançar. Ela sempre sorria e evitava inutilmente ser envolvida nos braços do meu pai. E era sempre assim eles ficavam lá na sala, horas e horas dançando.

A única coisa que sinto falta nesta fase é de não ter conseguido conversar mais com ele, ou quem sabe de ter recebido dele algumas orientações nos meus primeiros passos rumo as conquistas da minha juventude que estava a desabrochar.

Queria vê-lo me aplaudindo nos jogos quando eu era um dos artilheiros do nosso time do colégio, ou simplesmente me apoiando nas rodadas que eu não fosse bem. O seu silêncio ensurdecedor era algo que aprendi a conviver, mas que sempre me fez falta ouvir sua voz.

Mesmo reconhecendo suas qualidades, não obstante, criar filhos era quase totalmente terceirizar para a minha mãe. Os homens de sua época, cresceram em um entendimento que eram apenas “os provedores do lar”, foram ensinados a trazer a comida para dentro de casa simplesmente, o resto era da mulher. Então se abster entre outras coisas na ajuda de tarefas rotineiras da casa para ele era normal.

Não me recordo alguma ocasião que se interessou em saber sobre minhas lições da escola, ou se havia participado de alguma reunião. Espera um pouco, acho que minha mãe me contou que uma vez ele foi, ficou quieto e depois nunca mais apareceu.

Não preciso nem me esforçar para reconhecer que estava fora de questão sentar-se e conversar conosco sobre coisas triviais do nosso dia, sobre aquelas dificuldades de adaptação que surgem nas muitas mudanças de fases que todos nós passamos, como por exemplo da infância para pré-adolescência, da pré-adolescência para a adolescência, e daí por diante.

Minha mãe era o que eu poderia chamar de uma grande mulher, afinal ela cuidava de *tudo*, fazia de *tudo* e ainda arranjava tempo para estar presente em qualquer assunto que dissesse respeito a mim e a Vivian, minha irmã.

Dela eu lembro sim, em *todas* as reuniões da escola, *todas* apresentações, *todos os* torneios, *todas as dificuldades* que viessem a surgir em qualquer esfera de nossa vida, *todos* LITERALMENTE, dos pequenos sucessos aos pequenos tropeços, *todos, todos* os momentos.

Minha irmã Vivian era mais velha que eu dez anos, ela era casada com um cara rico, Jacob era seu nome, muito chato, mas muito chato mesmo, isso não é opinião apenas minha, pode acreditar. A família dele era dona de império patrimonial, cujas as propriedades se estendiam pelo interior de São Paulo e Minas Gerais. Eram prédios, casas e apartamentos. Logo então, todos os seus desejos materiais sempre eram atendidos. Eu acredito que ele tinha a *certeza* de que o dinheiro comprava tudo.

Sinceramente pode ser que ele tivesse tudo que o dinheiro pode comprar (materialmente falando) talvez aí esteja a explicação para ele não conseguir empatia dos meus pais, lhe faltava *humildade*, reconhecer que nem tudo é do jeito que desejamos, que as pessoas não são frutos do que queremos que elas sejam, mais ainda, não podemos controlar as pessoas. Enfim, esse traço egoísta de sua personalidade acabou criando gigantescos abismos entre ele, minha mãe, meu pai e eu, cujo o assunto “casamento da Vivian”, ou as escolhas que ela havia feito, dificilmente eram pauta em nossas conversas.

Meu pai, era um homem *simples*, que acreditava nas coisas *simples* da vida, vivia de forma *simples*. Minha mãe, uma romântica, que vivia meramente

para esse amor que abrangia meu pai, eu e minha irmã, e as flores que ela regava todos os dias na varanda de nossa casa, e Nick, fiel escudeiro.

Éramos felizes, *simples* assim.

Comigo Jacob tentava ser legal, volta e meia, ele me trazia alguns presentes como uma caixa de seus gibis, de quando ele criança ou trazia “emprestado” alguns bonecos usados de sua antiga coleção do Falcon, me lembrando incessantemente que eu deveria ter cuidado e que precisaria devolver no final do mês.

Lembro que ele adorava esnobar meu pai com seu Monza 2.0, preto com roda gaúcha, e para provocar ainda mais ele deixava o Monza estacionando do lado do carro do meu pai, um Fiat 147 amarelo meio creme.

Jacob entrava pelo portão já gritando aquelas piadas que somente tinham graça para ele, que comparavam os dois carros, do meu pai como um Tecoteco e o dele como um Jato supersônico.

Minha mãe até se esmerava em fazer as comidas que ele gostava, passava horas preparando para quando chegasse, porém, ele fazia questão de demonstrar que não reconhecia o esforço dela, nunca elogiava e também nunca o vi agradecendo. O que era pior ele não compreendia que a casa não era dele, ficava com os pés sobre o sofá, abria a geladeira, tomava as cervejas do papai, sem citar quando não soltava aqueles “puns” ridículos e ria como se todos adorassem o cheiro horrível que fazia todos se retirarem da sala.

Vivian se desentendeu algumas vezes durante nossas refeições, especialmente aos domingos no qual era um ritual almoçarmos todos juntos na casa de papai. Houve um dia que ele sempre deselegante e bêbado, abriu a geladeira quebrando a sobremesa de morango que minha mãe havia feito.

A partir desse episódio, suas idas na nossa casa aos domingos foram diminuindo.

Meu pai ficava quieto mas sei que não gostava dessa situação. Quero aproveitar também para lembrar das qualidades do meu pai. Eu sei de coração, que apesar de tudo, dessa característica predominante monástica que mantinha, existia uma rara exceção. Acontecia quando se tratava de minha mãe, o quanto ele gostava de elogiar minha mãe na frente de qualquer um, acredito que era uma forma de reconhecer tudo que ela fazia por nossa família. Os olhos do meu pai pareciam dois corações quando o assunto era sua amada, era incrível a mudança em seu semblante, passava de um homem de cara fechada para um homem dócil e amável. Ele era muito apaixonado por ela, isso é verdade, somos testemunhas do quanto sentíamos esse sentimento refletido em suas ações no dia-a-dia. extremamente zeloso com

tudo que dizia respeito a minha mãe, tanto era que a palavra dela sempre definia o rumo de nossas vidas. A cortejava mesmo após muitos anos, muitos percalços.

Algumas cenas eu guardo bem lá dentro da minha memória, como por exemplo de me deitar em uma rede que ficava na varanda, do lado da sala, com as pernas para cima, lendo meus gibis e rascunhando desenhos de personagens que habitavam minha imaginação. Entre uma música e outra que tocava no 3 em 1 do meu pai, eu observava a forma com qual ele se entregava àquele momento, era como se o céu fosse ali, ficava tão absorvido com as melodias que alguns momentos eu tinha receio que ele fosse abduzido. Quando eu era pequeno lembro que chorava desesperadamente pensando que ele tinha morrido quando ele ficava inerte com os olhos fechados, parecendo que estava em transe escutando Mozart.

Falando sério, com toda certeza, se alguém o indagasse sobre o que seria a felicidade para ele, sua resposta seria convictamente: *a felicidade é aqui!*

Bem, como eu era o caçula, eu não era muito ouvido, nem levado muito a sério, contrapartida essa carência de atenção foi substituída por um carisma natural que aprendi a explorar e usar ao meu favor.

Eu estava no ensino médio, no último ano.

- *Téo, já está na hora de ir para o colégio! Seu pai já está nervoso te esperando.*

O carro do meu pai, já estava ligado.

Como aqui em Holambra, no outono, os dias frios são frios mesmo, o carro antigo de meu pai era refrigerado a ar, por isso precisava ser aquecido bem antes de sairmos, corríamos o risco de ficar parados onde estivéssemos, como já aconteceu no ano passado que o carro estancou bem na frente do colégio, na entrada das aulas.

As ruas ficavam repletas de folhas, que caíam deixando um misto de tonalidades coloridas sob o calçamento, cores verdes, laranja, vermelhas e marrons, um espetáculo da natureza, com uma suave atmosfera romântica.

Estava eu ali, sentado na frente ao lado do meu pai, escutando o noticiário.... nem prestava exatamente atenção as notícias tamanha era minha ansiedade de ver ela, a garota mais linda de todas, a mais encantadora, inteligente, no entanto, inacessível, intocável, impossível, que eu jamais havia visto nesses meus longos 17 anos....

O colégio é um desses colégios antigos, tradicionais, com uma estrutura antiga, meio colonial, meio barroca eu acho até que romana (não leve em

conta essa minha comparação, eu não entendo nada de arquitetura).

Bem, tem tudo que uma família deseja para seus filhos com relação a uma boa escola, a que eu estudava tinha: bons professores, boas salas de aula, uma cantina, um auditório, meus amigos, e muitas meninas bonitas.

Na entrada do colégio uma porta grande com vitral colorido, janelas enormes igual a daquelas que passam nos filmes da sessão da tarde. Os carros e os ônibus escolares paravam brevemente para os pais deixassem os filhos.

Nessas horas, todos se encontravam inevitavelmente.

Meus amigos estavam lá, entrávamos quase sempre juntos até a sala. Estamos juntos desde os primeiros anos de estudo, nos conhecemos uns aos outros demais, até ou principalmente os defeitos, pelo menos eu assim acreditava.

César ficava em pé encostado em um pilar no final da escadaria que permitia o acesso a área interna quase todos os dias, confiante de que as meninas do colégio eram apaixonadas por ele, nós brincávamos que o pilar até tinha o desenho do seu corpo de tanto que aquele lugar ficou marcado por ele. No fundo ele um cara muito espirituoso, com uma vaidade exacerbada, mas meio impaciente no trato com o sexo oposto.

- *Ou Téó não viu quem está ali, ou ela está olhando apenas para mim!*

Diz César antes de nos aproximarmos e nos cumprimentarmos.

Eu não quis olhar, no entanto meu coração batia forte como se uma explosão causasse o rompimento em um vulcão.

De quem ele está falando?

Claro, é dela, da garota da qual eu falava antes, o sonho que me acalentou em parte de minha adolescência.

Quando eu a via era como se algo me prendesse ao chão, me paralisasse. Apesar de tentar a todo custo disfarçar, era inútil, dava para ver na minha cara.

César sorrindo, apenas atesta o que todos já sabiam, e ele estava certo: *para me deixar sem jeito era só fazer referência a ela: Márcia...*

.... quando falava esse nome uma música imediatamente começava a tocar, as luzes de todos os refletores, luminárias, candelabros, tipo o sol, tudo que brilhava começava como num passe mágica se voltar para onde ela estava, sim, havia também um perfume de rosas, muitas rosas, de todas as cores, percorriam todo o caminho por onde ela passava.

- *Ei acorda!*

Escuto os sorrisos da turma em volta de mim :Charlie, Tom, Márcio e o César.

Novamente tento desviar a atenção

- *O que? o que foi? Alguém sabe o que vai cair hoje na prova?*

Tentativa inútil mais uma vez

- *Nossa pessoal, precisamos fazer algo para que o nosso amigo não tenha uma parada cardíaca.* - Aos risos Tom põe o braço em meu ombro enquanto andamos para dentro do colégio, e eu, sem olhar para trás sinto que alguém está nos observando.

Será?

Lembro um fato muito engraçado nessa época, um dia de aulas como outro qualquer outro, mas depois que prova foi distribuída, uma daquelas tipo “*avaliação surpresa*” naquele exato momento eu sabia que em alguns minutos eu estaria prestes a entrar em desespero.

A sala de aula era grande, mesmo assim as carteiras que ocupávamos ficavam próximas umas das outras; eu me sentava na segunda fileira, era o penúltimo antes do fim da fila, distante dos professores, o que poderíamos simplificar “eu era da turma do fundão”, porém, bem localizado o suficiente a ponto não perder nenhum detalhe da Márcia.

Eu havia aprendido de uma teoria que vi em um filme da sessão da tarde que era o seguinte: *a nossa memória funciona rapidamente com tudo que aprendemos descortinando as respostas no primeiro momento*, nada comprovado cientificamente, mas eu acreditava que se respondesse rapidamente o que vinha a minha cabeça, eu acertaria a maior parte delas, quiçá todas.

Seria considerado o mestre, teria a admiração de todos, doce ilusão a minha...

Logo que acabávamos a prova éramos liberados por ordem de entrega, pelo meu grande desempenho então eu deveria ser um dos primeiros a entregar.

Eu olhava discretamente quem estava terminando a prova...

...acho que o Tom, vai entregar....

nãooooooooo...

não...

ele não entregou...

será que alguém mais...

a tensão se instalou em mim...

por alguns instantes pensei estar tomado por tipo um espírito que desceu sobre minha mão e a caneta parecia ter vida própria...

...rabiscos.... números e por fim...

...fim ...acabei...saí...

...andei pelo corredor silencioso das salas de aula e fui ao pátio me sentindo algo assim como um Einstein.

Fui até o pátio...orgulhoso, convicto do meu alto desempenho.

Eu olhava a *todos* como se *todos* soubessem do meu grande feito.

Agora mereço um lanche.

- *Sim claro que mereço.* – Afirmava para mim mesmo

Sentado com um pacote de biscoitos que minha havia colocado em meu bolso, pus-me a deliciar quando....

...repentinamente.....

Alguém senta ao meu lado....

...um perfume conhecido....

...como se um anjo descesse do céu e se sentasse ao meu lado.

- *Oi Téo, posso sentar-me aqui?*

Sem acreditar, levanto os olhos e vejo ela... **meu Deus, era ela.**

- *Cla...cla....claro que pode!* Falei quase sem voz, que custou a sair.

Ao mesmo tempo que me levantei.

Ela sorri e pede para que eu me sente.

Mas deixa apenas eu esclarecer um detalhe, para mim, naquele momento, não era um sorriso qualquer, *era o sorriso do universo para mim*, a maior demonstração de que a beleza pode se materializar em uma pessoa, resumindo *inebriante, ofuscante, radiante, blá, blá, blá!*

- *Ah obrigada!* – se acomodando ao meu lado com o seu lanche comprado na cantina e seu refrigerante.

O que você achou da prova?

Eu respondi antes de pensar - *Não tive dificuldades, mas sei que poderia ter sido melhor, algumas questões me deixaram em dúvida.*

- *Eu também gostei.*

- *Que bom Márcia.*

Ela morde o pão, e sinceramente nunca vi uma cena tão linda. Cada vez que ela mastigava eu sentia que aquele era o pão mais sortudo do munto.

- *Estão fazendo o passeio do final de semestre, você irá?*

- *Os meninos me chamaram, eu pretendo ir sim. Você vai?*

- *Se meu pai deixar eu irei sim.*

Enquanto estamos ali, as turmas vão sendo liberadas e inevitavelmente meus amigos se dão conta que eu estou conversando com Márcia, **sem dúvida** esse seria o assunto da semana.

Nos dias que se seguiram, nós tivemos outros pequenos encontros entre uma ou outra atividade, nos intervalos, nas entradas do colégio, mas ela não parecia tão entusiasmada quanto eu.

Lembro uma vez que eu peguei em sua mão, sem querer claro. Ela sorriu, mas tirou rapidamente. Conclusão: não dormi naquela noite, mesmo sem saber se ela também gostou.

- *Como pode existir alguém que não é preciso falar nada, fazer nada para que torne seu dia mais feliz, mais colorido. (pausa para respirar)*

Os dias se passaram até que o resultado da prova saiu em um mural na parede da entrada de nossa sala.

O meu nome não estava lá?

Provavelmente deve ser porque a minha nota poderia deixar os outros alunos sem graça. Só podia ser por isso.

Fui chamado pela professora Estela, que também era orientadora pedagógica do colégio para me perguntar se estava tudo bem comigo, ou, se havia tido algum problema no dia da prova, possivelmente febre alta, o que justificaria o meu desempenho tão pífio, quem sabe algo poderia ter me causado delírios ou miragens, como por exemplo aquela resposta que coloquei na matéria de história sobre a descoberta do Brasil, que afirmei em letras garrafais que *“Dom Pedro I teria se apaixonado por uma índia que conheceu em Portugal, ficou tão inebriado com sua beleza que acreditando ainda encontrá-la, nomeou Pedro alvares Cabral para descobrir onde ela se metera...”*

Surreal não é mesmo?

Bem, essa também foi a impressão causada pela direção do colégio.

Estela queria rir e ao mesmo tempo se manter séria, conseqüentemente tive

que fazer outra prova, desta vez sem nenhuma ajuda dos gênios ou espíritos da educação.

A descoberta

“Somente quando encontramos o amor,
é que descobrimos o que nos faltava na vida.”

John Ruskin

A primeira vez que vi um computador foi em uma feira em uma feira no Colégio, estávamos na década de 90, época em que os computadores pessoais se tornaram produto de massa. A [Intel](#) entrava no mercado com seu processador Pentium, em 1993, seguido pelo Pentium II, em 1997. A [AMD](#) também lançou seu primeiro Athlon no mercado em 1998, que rodava a incríveis 750 MHz.

A década também é conhecida pelos consoles de games com microprocessadores, como o [Playstation](#), lançado pela [Sony](#) em 1995, eu tinha um vídeo game Atari e jogávamos em um Play time que nada mais era um lugar no qual encontrávamos máquinas a disposição, era só pagar por fichas.

No fim da década, a Apple apresentou seu primeiro iMac, um computador que unia todos os componentes ao monitor, resultando em um produto extremamente compacto para a época – foi o primeiro All-in-One, foi o máximo.

Apesar de acompanhar tudo de longe com um devido fascínio, sem poder comprar um computador, eu sonhava em ter um. Lembro que até simulava estar manuseando um através da televisão de 12 polegadas enferrujada e sem o tubo que meu pai guardava na garagem e que pretendia vender na Eletrônica do seu compadre Armando.

Poucas as pessoas nesta época tinham condições de ter um computador. Em nossa classe apenas alguns, pouco menos da metade.

Para fazer um trabalho de aula, tudo era feito na “*raça*” ou melhor na mão mesmo, com canetas de ponta grossa, letras desenhadas em cartolina tamanho A3.

Neste dia da feira de tecnologia, 15 de agosto, houve a sugestão da Direção do colégio de que os alunos que possuísem computadores deveriam convidar outros alunos para juntos descobrirem o universo da tecnologia, uma tendência que ganhava uma dimensão global e que já dava sinais que estaria influenciando muitas profissões num futuro nada distante.

A ideia era que as duplas trouxessem o que aprenderam para dividirem com o restante da turma na sala de aula.

Para equalizar os ânimos foi estabelecido que as duplas seriam formadas através de sorteios. Lembro de Márcia, Kamile e Lorena tentarem influenciar o sorteio de alguma forma para que os seus nomes aparecessem juntos a alguns meninos que elas paqueravam, inclusive o meu. A todo custo queriam que o sorteio suprisse suas intenções, mas não obtiveram sucesso, alguém as entregou, fazendo com que seus nomes fossem colocados no final da lista.

Como eu previa, minha dupla não foi com nenhuma delas.

O sorteio começou quando a professora de Informática começou a ler os nomes

- *Ellen fará dupla com...*

Em seguida, abrindo o papel....

- *Com Teodoro.*

É nesse momento que meus olhos prestaram atenção nela pela primeira vez.

Quem era Ellen afinal? Aquela menininha quieta, meiga, que usava um óculos lilás, que estava sempre sorrindo, tinha uma pele branca como de uma boneca de cera, uma bochecha rosada que parecia uma maçã, os seus cílios eram grandes como as asas de uma borboleta prestes a alçar voo e o seu cabelo marrom escuro contrastavam com sua tez suave.

De verdade acho que eu nem mesmo, nem meus amigos sabíamos ao certo quem era Ellen, se eu ouvisse o som de sua voz com os olhos fechados, com certeza não saberia identificá-la. Ela apenas sorria quando me via e sempre baixava a cabeça quando eu passava com os meus amigos, ela era muito reservada e talvez isso explique a razão pela qual não era convidada para as festas que fazíamos.

Até esse dia, poucas vezes nós tínhamos nos falado, raríssimas vezes eu acho, só depois eu soube pelo o que ela mesma me confidenciou, que em muitas ocasiões estivemos perto, mas eu não havia sequer notado sua presença.

Para não ser injusto, recordo-me apenas uma ocasião em um intervalo no qual esqueci o dinheiro do lanche e ela, não sei como soube e dividiu comigo o seu lanche que me foi entregue pelo Tob a seu pedido, mesmo com minha resistência em não aceitar, fui agradecer e lembro que ela enrubesceu diante de suas amigas quando eu cheguei próximo.

Ah teve outra vez, eu a encontrei em uma comemoração de festa do Dia do Estudante, eu dancei com ela uma música rapidamente somente porque todos estávamos trocando os pares a cada música, nós acabamos dançando metade

de uma canção, pois fui puxado por Márcia para continuar a dançar com ela.

Sem graça, nem nos despedimos e não a vi mais naquela noite.

Mas foi com essa menina que dei os primeiros passos na direção à minha grande paixão profissional, a tecnologia.

Particularmente, nesse quesito TI, meu futuro era improvável, tudo indicava o contrário, eu não tinha condições de comprar um computador e muito menos de pagar por um curso. Era uma época rudimentar tecnologicamente falando. Tudo relacionado a computadores era excessivamente caro.

Mas o acaso me trouxe Ellen e minha vida tomou um rumo a partir dali em diante. Se eu fosse fazer uma analogia com esse momento da minha vida eu diria que ela segurou minha mão, como uma pessoa de bom coração faz ao ver um cego tentando inutilmente atravessar uma rua sozinho, conduzindo devagar até a outra margem.

A partir daqueles semanas que viriam, ela conseguiu produzir em mim uma paixão tão grande pela Tecnologia, um entusiasmo tão fantástico que me deu a impressão, anos depois, que ela já sabia o que iria acontecer no futuro, como uma visionária olha para o futuro sabendo o que irá acontecer, e aconteceu, o mundo foi invadido pelos computadores, pela internet, pela tecnologia, e quando essa previsão se concretizou, eu já estava pronto. Graças a ela, graças a Ellen.

Naqueles dias que estudamos juntos, eu tive a oportunidade dar meus primeiros passos. Com medo de pegar no mouse, levar um choque. Outras vezes errando as funções do teclado. Ela era cuidadosa, paciente, como se estivesse ensinando uma criança a andar, me conduzia e envolvido pela sua paz eu ficava em paz, melhor eu ficava confiante.

Tudo estava do jeito que eu precisava para entrar de vez nesse universo fantástico dos *bytes*, *megabytes*, *gigabytes*, *terabytes*, *etc. etc.*

- Téó, é muito simples, por mais que não pareça. O que fazemos na sala de aula, pode ser feito de maneira muito mais bonita e extremamente rápida aqui no computador.

Ela foi me guiando, pelas teclas, pelos atalhos, pelas janelas, pelo *mouse*, em seguida pelos sites, pelos comandos, enquanto as pupilas dos meus olhos cresciam como se eu acabasse de ter descoberto um grande tesouro, que mudaria o resto de minha vida.

Nós sorríamos bastante. Parávamos em pequenos intervalos, tomávamos sucos, depois deitávamos no tapete para mascar chicletes, ela me perguntava

o que eu tinha aprendido e me pedia para que resumisse aquele dia, eu sempre arrumava uma brincadeira, ríamos muito como crianças.

Um dia entre tantos sorrisos ao treinar diversas fontes de letras, eu escrevi brincando no computador **“quer casar comigo?”** e ela respondeu embaixo **“sim”**, nesse mesmo instante nós dois enrubescemos e passamos a nos chamar apenas naquele dia como **“esposa”** e ela me chamava **“esposo”**.

Brincadeira essa que só durou só naquele dia.

Foi assim, cada vez mais estávamos na companhia um do outro, sem prevermos nada, nem vislumbramos nada além daqueles momentos que eram opostos ao das aulas em que eu me distanciava dela parecendo que não a conhecia ou que nem fazíamos dupla, não me pergunte por quê, talvez eu diria que por temer ser motivo de piadas para a minha turma, para a turma da Márcia.

Hoje confesso sinceramente ter vergonha de ter ignorando-a tantas vezes, podia apenas sorrir para ela.

Bem, vamos em frente, ²os primeiros computadores pessoais ajudavam bastante em áreas específicas, como editoração e desenho. Planilhas também se popularizaram rapidamente, assim como processadores de texto. À vista disso, quem quisesse escrever uma carta ou montar uma publicação, já tinha ferramentas digitais disponíveis que auxiliavam.

Assim que a internet chegou, programas que ajudavam a interagir com a rede mundial de computadores rapidamente caíram no gosto popular, como mensageiros instantâneos e programas para compartilhamento de arquivos.

Uma semana inteira, todos os dias, lá estava eu na porta da casa da Ellen.

Mesmo com minha indiferença na sala na aula, Ellen não mudou em nada comigo, sua gentileza, sua atenção, sua voz, sempre ‘
sorrindo, como se me compreendesse muito mais do que qualquer outra pessoa.

Na mesa de estudo estava tudo sempre organizado, como se ela estivesse me esperando ansiosamente.

Um jarrah com flores estava sempre presente em nossa mesa.

Lembro bem que ficávamos horas no computador. Eu fui aos poucos descobrindo facilidade a usar os programas, o primeiro o **Word star**, que era um processador de textos da era pré-Windows, que foi escrito originalmente para CP/M e depois transportado para DOS. Como não tinha interface gráfica e nem existia mouse, o único jeito de formatar o texto ou mover o cursor era com uma combinação de teclas. Por exemplo, para mover o cursor para cima,

teclava-se CTRL+E, ou para baixo CTRL+X. Para deixar o caractere em negrito, era CTRL+P+B. Bem trabalhoso, é verdade, mas era a única forma de fazer isso naqueles tempos.

Não dá nem para imaginar a facilidade que seria anos mais tarde.

Ah, e as mensagens instantâneas? Sério, ela usava para conversar com as suas primas, chamava-se ICQ, dava a possibilidade de conversar via computador com outra pessoa em qualquer parte do mundo. Fiquei pasmo parado em frente ao computador de boca aberta, coçava a cabeça, enquanto ela ria baixinho e eu sussurrava “*Meu Deus!*”

Quando a internet se popularizou, rapidamente estes programas se tornaram os preferidos de todos, a princípio somente para conversar, mas logo surgiram novas possibilidades, como enviar imagens e até arquivos mais “pesados”. Tudo isso ficou pra trás com a revolução seguinte, os smartphones, que deixaram na palma da mão todas as possibilidades de interação com outras pessoas. Mas os pioneiros nunca serão esquecidos, aqueles que nos faziam passar horas na frente da telona conversando com conhecidos, ou fazendo novos amigos.

O grande dia chegou, eu estava esbanjando confiança e comentando com o pessoal o que estava mais ou menos previsto. Já as meninas desdenhavam Ellen, dizendo para ela, que ela estava parecendo nossa professora de Geografia, ela ria desconcertada e dessa vez eu a trouxe para perto de mim sob todos os olhares, vi em seus olhos a importância que foi para ela, se sentir protegida.

Estávamos tensos antes do início, ela olhou para mim, e pela primeira vez peguei em sua mão para surpresa de todos, e principalmente dela

- *Nós vamos conseguir....* – Olhando-a pisquei o olho.

-*Sim nós vamos Téo.* – Ela sorrindo lindamente levanta os olhos encarando todos.

Apresentamos na frente da sala, sob a atenção fuzilante de Márcia e suas amigas. Eu acho que até fui bem durante os primeiros cinco minutos, mas em seguida Ellen deu uma verdadeira aula deixando boquiabertos toda a turma.

No final, sem restar dúvidas nos aplaudiram.

Foi a segunda vez que nos demos as mãos.

O Passeio

O dia mais esperado no semestre chegou, o passeio da turma.

Sem muitos exageros, minha mãe preparou guloseimas, aquelas preferidas por mim, para que eu não sentisse fome durante o passeio da turma, e eu, por mais que a tentasse convencer não conseguia mudar a sua determinação em cuidar de mim, era inevitável para ela.

Já na estrada, a animação tomava conta e fomos todos cantando dentro do Ônibus, o caminho é realmente fascinante, montanhas repletas de árvores que faziam sombra sob suas copas, a natureza exuberante das descidas e subidas nas montanhas, pinheiros e alamedas frondosas, com pássaros afinados. Um riacho passa dentro do bosque e a casa que vamos passar o dia é muito aconchegante.

Lembro de todos os detalhes daquele dia, do minicampeonato de futebol, que confesso, nunca levei o menor jeito. Recordo-me das conversas na varanda, da gente comendo biscoitos de chocolate, de Márcia sentada em uma rede de frente a mim. A turma contando histórias engraçadas, outras vezes brincando de imitar alguém. Foi um dia inesquecível, afinal, nunca havia imaginado que poderia ficar tão perto dela.

Quando voltamos os meus amigos conseguiram um jeito de nos colocarmos lado a lado.... e fomos, eu e Márcia, Márcia e eu.

Acho que o tempo poderia parar ali mesmo.

Depois que retornamos, demorou para que eu esquecesse cada minuto daquele dia maravilhoso.

Tudo passa tão rápido, quando demos conta, as férias chegaram ao fim, eu e Márcia estávamos bem mais próximos, mas não namorados. A nossa turma se reunia para irmos ao cinema juntos, tomamos sorvete, e dessa vez, fomos a uma apresentação de teatro que Ellen tinha conseguido entradas para todos nós.

Coloquei a mochila no quarto e fui até a cozinha. Meu pai e minha mãe estavam tomando café. Meu pai sentado e minha mãe, usando um dos seus aventais prediletos, o que eu e a Vivian rabiscamos quando crianças com pequenas palavras como “Eu te amo mãe”.

- Oi pai e mãe?

- Oi. - Responde meu pai e continua – *Sente-se, precisamos conversar sobre algo.*

Levanta com uma xícara de café na mão, a outra mão no bolso da calça.

- *Pois não pai... - como ele não gostava de falar muito, uma conversa a seu pedido só poderia ser muito importante, eu sabia que era algo sério...e o que é pior: o assunto principal só podia ser EU!*

-*Você está com 17 anos, como eu acredito que deve lembrar eu servi o exército durante oito anos, desde que você era pequeno acalentava o sonho de que você também fosse militar...eu fui, seu avô foi e você também deve estar esperando...*

- *Como assim pai? Eu não me recordo de ter falado que gostaria de servir o exército.*

Antes que eu quisesse continuar, meu pai fez o sinal de PARE.

Me calei enquanto a grande notícia foi dada:

- *Irei levar você a Capital, você entrará para o Exército. Eu mesmo tomei as providências para seu alistamento, o seu tio Jorge já deu entrada nos papéis e já está decidido.*

Um silêncio quase fúnebre se abateu naquele exato momento.

- *Pai, eu não quero servir. Isso é impossível pai...não por favor!*

Meu pai colocou a xícara de café na mesa, levou mãos aos cabelos, como se tentasse segurar a sua insatisfação com minha reação, ou buscar uma forma mais eficaz de me convencer, enfim, ele continuou sem me encarar como sempre fazia, eu continuei sentado com as duas mãos na testa, de cabeça baixa.

- *Bem filho, seu pai esteve nas Forças Armadas nesta mesma idade que você tem agora e pelo que sei, pelo que me conta foi uma das melhores coisas que poderia ter acontecido para ela.*

Olho para minha mãe, com os olhos cheios de lágrimas.

Meu pai já está de pé frente a janela.

Eu tento argumentar para minha mãe, me vitimizo, faço charme, finjo que vou chorar ainda mais, mas é inútil, em vão, não consigo mais mudar os fatos.

- *Tudo bem pai eu sei que você acha que será bom para mim, mas para mim não será. Talvez já tenhamos conversado sobre o assunto, mas não me recordo de ter falado que gostaria de ser militar. Só quero que saiba o que é importante para você, sinceramente, pode não ser para mim entende? não tenho a menor vontade de usar uniforme, bater continência, levantar de madrugada e sair correndo como um louco gritando SELVA!*

Meu pai, continua calado, olhando o horizonte pela janela. Intacto, firme e frio.

Calmamente minha mãe puxa uma cadeira e se senta ao nosso lado. Corta devagar um pedaço de bolo enquanto e com aquela voz serena

- Filho, tome um pedaço de bolo que eu fiz especialmente para você. Agora olhe para mim...escute sua mãe, dê-se uma chance. Como sabe que não irá gostar de algo, se você ainda não experimentou. Deixe para emitir uma opinião segura após vivenciar o que precisa viver. Viver o que tem para viver. Eu e seu pai te amamos e queremos que você aprenda a superar os seus desafios, e lá será uma ótima escola.

Enquanto carinhosamente me aconselha, coloca o café na minha xícara, meu pai sai da sala pisando duro, e com aquela cara fechada de poucos amigos que era uma marca sua.

Minha mãe me pede que eu olhe para ela de novo:

- Téó não fique assim.

-Tudo é muito cômodo quando temos os nossos pais, mas de repente tudo pode mudar, como em um passe de mágico, você deve sempre estar preparado.

Minha mãe insiste - *Longe de nós queremos causar algum sofrimento a você que tanto amamos, mas confio que a experiencia de estar longe de nós, lutando, assumindo responsabilidades irá amadurecer você e lhe trará grandes lições que te acompanharão pelo resto da vida.*

Levantei da mesa, dei um beijo em seu rosto e me dirigi para o meu quarto.

Eu sentia que ela me acompanhava com os olhos.

No silêncio do meu quarto, na cama, choro como uma criança perdida em um supermercado com um monte de receios, uma avalanche de pensamentos começou a me bombardear.

Talvez se eu conversasse com alguém, desabafasse sobre o que eu estava sentindo seria bom naquele momento de tantas incertezas.

Foi quando me veio a ideia de enviar uma mensagem, talvez alguém respondesse. Fui até a gaveta da escrivaninha do lado de minha cama, peguei o meu **pager**, coloquei no peito, e tomei coragem, procurei por ondem alfabética e o primeiro nome que aparece é o de Ellen, sim, ela era sensata, gostava de ajudar e sempre tinha uma palavra de consolo para todos nós.

- Não....

Pulei, fui direto para letra M, M de Márcia.

Mande a mensagem

- *Pronto, com certeza ela irá responder logo.*

Passaram-se mais de vinte minutos e nada.

Enviei para Beth, amiga de Márcia, também não respondeu.

Meus dedos correram para cima e encontrei o nome de Ellen novamente.

- *Oi Ellen.*

Certo de que não teria resposta, levantei para trocar de roupas. Já estava tirando a blusa quando o Beep avisou que havia chegado uma mensagem.

Eu pulei na cama na esperança de ver o nome da Márcia,

Era uma mensagem.

De Ellen.

- *Oi Téó, o que houve?*

Eu respondo sem muito entusiasmo.

- *Te atrapalho, você está ocupada?*

- *Não, não, estou estudando, mas pode falar, o que está se passando?*

- *Estou indo para o Exército amanhã, meu pai irá comigo, ao Comando do Exército.*

Eu realmente esperava que ela respondesse rápido.

Alguns minutos se passaram.

Beeep!

Era a mensagem dela:

- *Téó....calma.... não entendi direito. Você está se alistando?*

- *Meu pai já me alistou, sem me dizer nada, eu estou muito chateado, acho que com medo sabe? Segundo meu pai, isso será bom para mim. Não vejo como, mas vou precisar ir.*

- *E as aulas?*

- *Pelo que eu entendi, não é para agora, eu ingresso no próximo ano.*

- *Poxa Téó.*

- *Estou muito chateado.*

- *Imagino, mas veja por outro lado, você terá autonomia total sobre você mesmo, vai encarar outros desafios e ficará mais experiente. Sabia que meu*

pai também esteve no exército e gostou muito?

- Não sabia...

O fato de saber que o pai de Ellen havia servido o exército não foi ao todo confortante, mas a intenção dela sim havia sido.

- É Vou pensar nisso.

Obrigado, eu precisava falar com alguém.

- Que bom que fui escolhida.

Ela diz do outro lado da linha sorrindo.

- Estarei torcendo por você, qualquer coisa me avise. Não fique triste, tudo vai dar certo.

Depois da apresentação de duplas nós não nos aproximamos como poderia ter acontecido, mas foi o contrário, eu me muitas vezes me escondia dela, não obstante falar com a Ellen me acalmava, me reconfortava, de verdade.

Aos poucos fomos nos conhecendo, mas eu sempre evitava qualquer estreitamento de amizade, mesmo reconhecendo no íntimo que tínhamos muito em comum.

Nesse fatídico dia do anúncio de minha ida para as forças armadas, mesmo após apaziguado meu coração com os conselhos de Ellen, eu continuava inconformado queria algo que me desse mais força, mais ânimo...

... enviei uma mensagem novamente para Márcia

As horas passaram sem resposta e eu teimava em continuar com o Pager na mão crente que seria correspondido.

Mas a mensagem nunca chegou.

Não consegui dormir direito naquela noite, sonhei com um fuzil, com acampamentos em florestas escuras e sombrias, gritos de homens sofrendo e grilos desafinados perturbando o sono.

Eram umas duas horas quando fui até a janela de meu quarto. Ali para mim era o melhor lugar para pensar.

Lá estava eu, pensando, pensando, pensando.

Via os últimos carros passarem na madrugada, pessoas vindas de festas, alguns carros correndo, as luzes dos prédios sendo apagadas...e em pouco toda a cidade dormindo, menos eu.

Missão cumprida

“A formiga é pequena, mas elas são um exército quando juntas.”

Raul Seixas

Os gritos de ordem poderiam ser ouvidos na esquina da grande avenida Dos Expedicionários, os olhos de centenas de jovens se fixavam amedrontados e atentos a todos os movimentos dos soldados que marchando, se exibiam simetricamente do outro lado da avenida dentro do quartel. Parecia que todos os passos eram um só....

Homens de verde, com ar de poucos amigos organizavam a fila, enquanto pelo nome e sobrenome éramos convocados sob os olhares das pessoas que passavam com destino ao comércio local.

Sem querer, fui me dando conta de que eu seria igual a todos que estavam ali, independente de cor, classe social ou carisma como eu achava que tinha.

Estávamos em frente ao Batalhão de Infantaria Motorizada, sob um sol forte diante de uma extensa e vasta grama verde ocupava todo quarteirão da praça Capela do Infante.

Acima em um relevo mais elevado, podíamos avistar os prédios das companhias de pelotões.

Nós continuamos na praça bem em frente a esse cenário, e por vezes a impressão que tínhamos é que existiam dois mundos distintos, o de fora dos portões e o de dentro.

Uma igreja lapidada com cuidado, com imagens centenárias de Santos e Santas, vitrais coloridos e edificações primorosamente mantidas pelo exército, serviam como ponto de encontro para muitas ocasiões formais e informais de muitas gerações de jovens que passaram por aqui.

Ao lado, quase na esquina, uma padaria, a São Leopoldo. Durante todo o dia o cheirinho do pão se espalhava chegando até os famintos recrutas “de serviço” – termo usado para designar aqueles militares que dormem no quartel porque em escala de plantão. O aroma do pão assando era tão bom que volta e meia, uma miragem surgia nos mais famintos, como se de fato o pão estivesse sendo servido ali mesmo.

∞∞∞∞

Enquanto isso, quilômetros dali a vida continuava minha turma se

dedicava aos estudos a todo vapor.

-Estou com muita vontade de ir ao baile! Vocês vão? Márcia pergunta a duas amigas, Marta e Glória.

- Eu vou claro, não podemos perde.

Você já pensou em todos os meninos de uma só vez no mesmo lugar?

Glória responde falando alto

- Seria uma “glória” mesmo....

- Márcia, você vai, não é?

- Sim, eu irei sim. Preciso me distrair um pouco.

Márcia responde com um certo entusiasmo.

- Amiga, eu sei porque você está assim, o Téo está no exército, não é? Vocês não irão se ver com tanta frequência, mas quem sabe assim não apimenta a relação.

Márcia afirma balançando a cabeça afirmativamente e Glória conclui com sua definição nada romântica

- Sabe meu pai já foi militar e pode ter certeza, ele não está nem aí. Você não vai sofrer não amiga, geralmente militares não ficam sozinhos muito tempo. Chove meninas que adoram uniforme.

- Por favor Glória, não vê que nossa amiga está triste. Pede Marta ao ver que Márcia ficou desconcertada com a frase de Glória.

Marta tentando retomar a sua tentativa de alegrar Márcia, sugere:

- Podemos ir neste final de semana para a casa de praia dos meus tios. O que acham?

- Adoreiiiiii!!!! Exclama Glória.

Márcia também sorri e agradece:

- Acho que será bom mesmo.... obrigada meninas.... vamos sim!

-Obaaaaa!!! Glória abraça as amigas e juntas saem pelo pátio do colégio.

Enquanto conversam, Ellen passa com livros debaixo dos braços cruzados.

- Vocês não vão chamar Ellen?

- É melhor não, não é mesmo?

Gargalhadas começam a surgir na conversa baixinha que estavam tendo.

Márcia completa:

- *Ela pode afastar boas promessas de uma noite maravilhosa....*

O clima ainda é de saudade na minha casa, eu já estava fora há uma semana. O alistamento que meu pai havia me dito já estava concretizado, entre a apresentação e o ingresso foram alguns dias apenas, no entanto seriam três meses em regime integral de internato, eu ficaria o dia inteiro, e nesses primeiros meses os finais de semana também.

Em casa, pequenos hábitos continuavam como sempre: a leitura do jornal matinal, algo sagrado, o café forte, o pão torrado com manteiga, uma jarra com leite quente, uns biscoitos de leite que minha mãe fazia, um achocolatado para arrematar.

Por volta das 06 horas da manhã, de moto o jornaleiro entregava o jornal em casa e a partir daí, obviamente não adiantava muito falar com meu pai que devorava cada linha com o entusiasmo de quem acabara de receber um grande presente.

Isso acontecia todos os dias incondicionalmente.

- *O café está pronto Alberto, venha para não esfriar!*

Meu pai resmunga como sempre, mas vem obedientemente.

- *Sinto falta do nosso menino!* Minha mãe, com um suspiro no final da frase.

- *Ele vai ficar bem, já é um homem feito. Nós os criamos ensinando o principal: honestidade, verdade e dedicação. Esses são nossos pilares, e é por isso que estou certo de que foi o melhor que fizemos.*

- *Eu não sei. Talvez você esteja certo, mas não sei* pondo as mãos no rosto, minha mãe aguarda meu pai se aproximar, que abraçando-a acolhe-a beijando-a na testa.

Em outro canto da cidade, não muito distante dali, César, começa a contar o dinheiro do caixa, seu pai tinha uma loja de construção onde toda a família trabalhava, inclusive César.

- *Pai está faltando uns cem reais;* Exclama César ao pai.

- *Não grite aqui dentro da loja César, quantas vezes já te pedi.*

- *Desculpe pai.*

César tem uma relação complicada com o pai, que falando a verdade não é seu pai mesmo, quero dizer é ele quem cria o César. A sua mãe, foi casada outras vezes, separando outras tantas, quando o ele ainda era pequeno ela casou com o senhor André, um italiano alto e de uma personalidade difícil, muito exigente, e sem a menor vocação para ter filhos. Que ele era bravo todo

mundo sabia, mas ninguém sabia, pois César era dessas pessoas que esbanjavam alegria. Há alguns boatos que ele já bateu na mãe do César, mas são especulações que nunca eu acreditei.

Vi muitas vezes César triste, como se quisesse desabafar com alguém, mas ele sempre desconversava. Por outro lado, essa relação nada normal com os pais eram refletidas na sua falta de delicadeza com o sexo feminino. Poderia explicar melhor se eu tivesse estudado psicologia, mas sem sombra de dúvida a consequência da negligência de sua mãe o fez estar magoado o que foi a mola propulsora para um desvio de personalidade notável.

- *César tem umas ferramentas que preciso que você leve até a loja do Sr. Alfredo, isso precisa ser agora.*

- *Sim, já estou indo.*

Alguns segundos se passam.

- *Eu falei agora!* Exclama em alto e bom som o Sr. André.

César derruba uns parafusos no chão, nervoso tenta arrumar tudo rapidamente e sai de cabeça baixa resmungando.

Antes que ele colocasse os pés fora da loja

Eram caixas pequenas, no entanto pesadas e a distância até a loja do Sr. Alfredo

César era alto, motivo pelo o qual o seu pai não desistia de pô-lo nos trabalhos mais pesados que exigiam força.

Bem, ele foi levar as caixas e no caminho parou para descansar em frente a vitrine de uma loja de roupas. Enxugou o suor e viu pelos vidros da vitrine, Ellen.

César pôs-se logo de pé para ir assim que sua presença ali tinha sido percebida, colocando as caixas no carrinho com dificuldade o mais rápido possível, acabou chamando ainda mais a atenção.

- *Oi César!*

Tentando desviar o olhar, sem graça - *Oi Ellen! Desculpe ter derrubado aqui em frente a sua loja, quer dizer nem sei se é sua, mas eu preciso levar essas ferramentas na loja do Sr. Alfredo. Está tudo bem com você?*

- *Não tem problema César, você está trabalhando, é meu amigo e além do mais essas caixas são muito pesadas para você sozinho. Espere, peço para levarem para você.*

- *Não Ellen, por favor, é uma tarefa minha...*

-É pesado e você pode se machucar, por favor, não tem problema nenhum, peço para Solano levar para mim no carro.

Solano, um senhor de bigode tão forte que parecia com aqueles lutadores de sumô, ele era o motorista da família a muitos anos, estava limpando o para-brisas quando escutou a voz doce de Ellen

- Dona Ellen me chamou?

- Sim Solano, por favor ajude meu amigo a levar essas ferramentas para a loja do Sr. Alfredo.

- Claro senhorita, agora mesmo. Sem titubear Solano põe vai em direção a César que prontamente pega as caixas de ferramentas, uma por uma, saindo com o carro para o destino pedido logo em seguida.

Assim que Solano dá partida no carro, César é convidado a entrar na loja e sentado de frente para Ellen agradece.

- Obrigado Ellen, não precisava se preocupar comigo, mas obrigado mesmo.

- Não precisa agradecer, vou pedir algo para você beber, deve estar com sede.

César continua resistindo a gentileza de Ellen, mas é em vão. Logo estão conversando despreocupadamente, quando a porta da Loja se abre e de lá surge o Sr. André.

- Já para casa! O que faz aqui moleque?

- Não é isso que você está pensando!

- Eu te mandei fazer algo e outra pessoa foi fazer em seu lugar, seu folgado. Liguei para o cliente que disse que era outra pessoa que havia entregado as caixas, enquanto você está aqui tomando suquinho e de conversinha fiada.

As pessoas na loja começam a olhar, claro que espantados, enquanto Ellen intervém:-

- Com sua licença, mas foi eu que pedi para meu motorista levar, não foi o César.

Os olhos do Sr. André são pequenos e nessa hora arregalaram-se como se o fogo fosse sair por eles. Sem dizer uma palavra saiu batendo a porta.

Ellen olha para o César, que de cabeça baixa pede desculpas.

- Eu que devo desculpas César, me perdoe. Só queria ajudar.

“A persistência é o caminho do êxito.”

Charles Chaplin

As aulas já estavam prestes a terminar no colégio, eu perdi os jogos que acontecem sempre no último semestre. O nosso time foi campeão, um excelente resultado que perseguíamos há quase três anos, ou seja, desde o primeiro ano do colegial, e eu, mesmo sem ter participado dos jogos, era lembrado várias vezes como o melhor do time, me sentia participante ativo de tudo relacionado a essa conquista. Mesmo que de sentir o desejo de estar lá, estava feliz.

No vestiário toda a turma estava lá, o nosso atual atacante cujo o sobrenome era Somar, costumava usar de toda sua modéstia para afirmar que era por causa dela que os bons resultados vinham. Afinal ele era quem iria *somar*.

Indiscutivelmente ele foi considerado o melhor jogador da temporada e todos o bajulavam como se SOMENTE por causa dele o time sagrou-se campeão.

- *Muito bom Somar, talvez devêssemos todos comemorar no FreeDay hoje à noite! O que acha?*

Diz em tom de ordem o nosso capitão, Eurico, sobe gritos e expressões de vitória.

- *Sim, vamos sim, precisamos marcar esse dia para sempre.* Somar afirma categoricamente levantando os braços para o alto como se fosse dar um soco no nada.

O *FreeDay* era o point daquela época, hoje nem existe mais. Ali era onde toda a juventude dos colégios da cidade se encontravam, o nome em português *Dia Livre* remetia à tentação subliminar que ninguém no dia que estivesse ali, precisaria pensar em estudar. Eu confesso que adorava, lembrava aqueles Pubs de Londres onde os Beatles se apresentavam no começo da carreira, há quem insista em dizer que o *FreeDay* era o famoso e lendário Cavern Club.

A noite começou com os tilintares dos copos cheios, com brindes efusivos, vodcas russas, danças, muitas danças entre gritos de vitória. O colégio em peso estava lá, inclusive Márcia e suas amigas.

Durante algum tempo, Somar, não tirava os olhos de Márcia, que disfarçava, e nem parecia estar incomodada, pelo contrário parecia estar gostando do assédio explícito do campeão da noite.

Como geralmente acontece nessas comemorações com bebida, os ânimos ficam descompensados, os limites da maioria que estavam ali, já não poderiam ser medidos com racionalidade de alguém sóbrio. Pedir para “parar” era algo que não constava no menu daquela noite.

César já estava aos beijos e amassos com mais ou menos três garotas, Charles e Tom ficavam na sinuca, ao lado de algumas amigas que riam o tempo todo com a falta de habilidade deles com o esporte, para eles entre uma partida e outra a noite passou sem contratempos, já para o restante houve cenas de empurrões, quebras de copo, gente vomitando, e muito mais.

Quando a música ao vivo parou, no palco, ninguém nada menos que o herói da noite: Somar.

- Alô....alô.... está ligado o microfone?

Todos pararam e a atenção foi voltada para o palco, quando somar continuou.

- Foi um jogo e tanto, não?

- Foi mesmo....

Um coro de vozes se fez parar responder ao grande Somar.

- O que eu queria dizer é que sou o artilheiro, consegui ajudar toda a equipe, mas não consegui o meu maior objetivo.

Um silêncio se fez e sem esperar muito, Somar conclui:

- Não consegui acertar o coração da garota mais linda desse colégio, dessa cidade....

Um tempo olhando para Márcia e conclui:

- A garota mais linda do mundo....

Mais um minuto e termina:

- Márcia, você é a mais linda

Os amigos mais próximos do Somar, eram os mais exaltados com a confissão do seu ídolo, gritam e batem palmas: *Salve Somar! Salve Somar!*

Enrubescida por estar no centro das atenções Márcia sorri como se estivesse em plena consulta ao Dentista, justamente naquelas horas que ele pede para não fechar os lábios.

Nesse mesmo instante, do lado de fora, Tom entra no carro para levar César, Márcio e Charle para casa.

- Vamos lá pessoal, precisamos ir! Cesar, você não pode fazer isso com

uma garota.

- *Como assim? Ela deu mole, mulher é isso mesmo.*

- *Pelo amor de Deus César, não é nada disso. Você está bêbado.*

Cesar fica no meio da rua com um copo na mão, exclamando em alta voz:

- *Venha cá princesa que eu vou te mostrar como é um homem de verdade!*

- *Por favor César! Vamos embora!* Tom continua insistindo para que todos entrem no carro, com a porta aberta Charle e César colocam o César dentro do carro.

Tom segue dirigindo enquanto a música tocando no carro empolga a todos, que cantando seguem pelas ruas da cidade.

- *Parem o carro!* - Márcio pede antes de chegar até sua casa – *Parem o carro por favor!*

- *Encosta aí Tom, se não quiser que Márcio suje o carro!* Fala rindo Charle.

- *Eu não fiz nada dessa vez....* - Diz César

- *Eu não posso ir para casa, eu não posso....* Márcio extravasa, começando a chorar copiosamente, ainda dentro do carro.

- *Meu velho vai me matar! Sim, é isso que vai acontecer.*

Continua chorando, enquanto o que era alegria e barulho dentro do carro subitamente se transforma em silêncio e apreensão.

Assim que deixa o César em casa, que sai cambaleando e custa a abrir o portão se despedindo inúmeras vezes, eles deixam Charle no prédio em que mora.

Tom, segue devagar com o carro, estaciona próximo a casa dele que fica em um bairro fechado. Desliga a chave do carro, abaixa o rádio e olha para Márcio:

-*O que houve Márcio?*

- *Eu não posso voltar para casa, meus pais não aceitam nada do que eu faço, nada do que eu gosto. Nenhuma das minhas escolhas são aprovadas por eles. Simplesmente tudo que eu faço não é bem visto e se eu chegar assim como estou agora, não vai prestar. Eles vão gritar comigo, vamos discutir, vai ser horrível novamente, ontem mesmo já aconteceu brigas em casa por bobagens....*

Os seus olhos já não abrem de tantas lágrimas. Soluçando compulsivamente.

- Márcio, não fique assim, não se culpe por nada, eu não sei como posso te ajudar, mas você pode dormir na minha casa, eu irei ligar para os meus pais e tenho certeza que não tem problemas.

As famílias de Márcio e Tom eram opostas, enquanto Márcio trazia as marcas da incompreensão e intolerância, a do Tom depositava no diálogo e compreensão as suas bases.

Os pais de Márcio, dois executivos que trabalharam juntos e que anos mais tarde se envolveram tanto que tiveram um filho sem planejarem, em vista disso se casaram, logo em seguida abriram uma empresa, nos dois depois outro filho, a Marisa. Apesar de aparentemente terem constituído uma família, a ideia de grandeza os perseguia, em comum os dois possuíam uma ganância acima do normal que os fazia competir entre si. Com egos inflamados buscavam incessantemente demonstrações de poder que servia de desculpas para ocuparem o tempo, o trabalho sempre em primeiro plano. Márcio e Marisa, ainda pequenos compreenderam desde cedo que os dois estariam sozinhos a maior parte de suas vidas. Quando eu olhava a mansão na qual viviam, cercada por empregados, não podia sequer imaginar a solidão entre aquelas paredes, eles viviam isolados em mundos paralelos.

Recordo-me algumas as vezes que Márcio saía conosco, ele não contava para onde iria, não tinha hora para voltar, não precisava ficar preocupado em receber ligações dos pais com aquelas preocupações comuns como *“qual lugar onde estava, com quem estava, que hora volta, etc.”*

Apesar de nunca ter tocado no assunto, nós sentíamos o distanciamento quase completo com relação aos seus pais. Talvez aí esteja a explicação de ocasionalmente Márcio exagerar na bebida, algo que o acompanhou durante muito tempo.

Tom, tinha um carro básico, de família de classe média, era um cara que esbanjava felicidade. Ele e os pais moravam em uma casa colorida, próxima a saída que dava para o bairro luxuoso onde Márcio morava. Ainda criança, os seus caminhos se cruzaram algumas vezes, por exemplo quando o pai de Tom foi trabalhar como motorista de sua mãe. Nessa época, eles se conheceram e brincavam juntos nos jardins da casa, até o dia que a mãe de Márcio desconfiou por algum motivo da amizade dos dois, e passou a evitar que brincassem juntos e aos poucos os fez se distanciarem.

Tom conseguiu estudar no mesmo colégio de Márcio devido a bolsa integral que conseguiu, sua dedicação era extrema, unia essa qualidade aos sonhos que acalentava em poder ajudar seus pais, e, graças a notas exemplares nos concursos anuais de bolsa estudantil, foi agraciado com a bolsa integral até o final do colegial. De verdade, ele sempre foi muito

esforçado, digo isso porque sei que ele estudava com livros emprestados, usava os lápis até não haver mais lugar para segurá-los, seus uniformes eram adquiridos no bazar do colégio, onde eram doados os uniformes usados por outros alunos. Ele quase nunca levava dinheiro para o lanche, mas o lanche que sua mãe carinhosamente preparava, isso não o faltava, sua lancheirinha estava sempre com ele.

O interessante dessa história do Tom é que nunca o vimos reclamando, xingando ou revoltado. Um grande exemplo para todos nós.



O episódio com Somar não acabou por aí, ele deu em cima da Márcia de todas as formas. Galanteios, bilhetes, presentes e até flores. No fim o inevitável aconteceu.

Eu já estava prestes a concluir a primeira temporada dentro do Quartel, havia emagrecido muito, meus cabelos estavam ralos, bem curtos do que costumavam ser. Antes de ingressar no exército a maioria da turma, até minha mãe, brincavam que eu parecia com John Lennon, e , de verdade, eu até gostava da comparação, mesmo não concordando.

A última formatura, aconteceu com as devidas solenidades, concomitante as manifestações de euforia por todos nós que conseguimos passar a fase mais difícil de adaptação a vida militar.

O sol nasceu e já estávamos em forma, em frente a primeira companhia.

- Coturnos brilhando! Barba bem feita! Cabelos devidamente cortados! Unhas limpas! Uniforme com vincos! Olhar altivo! Pensamento confiante!

Esse era nosso lema, tudo impecável!

A cerimônia contaria com a presença dos familiares e amigos.

Aos poucos víamos da sacada do nosso dormitório os convidados chegando. Eu confesso que tremia por dentro, muito mais do que tremi durante os exercícios de madrugada, dentro de lama e nos pântanos repletos de insetos. Eu havia enviado os convites para os meus pais, alguns dos meus

amigos mais chegados, para Márcia, Ellen... aguardava sinceramente que viessem.

- *Alunos! Soldados! Militares! Eu hoje tenho o orgulho de tê-los em minha unidade. Sei de todo o esforço que fizeram para estarem aqui, de tudo que passaram, e por fim essa conquista vem a coroar essa determinação, essa dedicação.*

Fala em alto tom o Capitão Tadeu, nosso comandante, a quem tive o enorme prazer de ter aprendido a reconhecer que tenho muitos limites, mas posso enfrentá-los, quiçá superá-los.

A banda tocava as Canções Militares, famílias aguardavam os **boinas verdes**, como éramos chamados. Existia todo uma sequência pré-estabelecida no cerimonial de entrega das boinas, juntamente a apresentação de pequenos vídeos de nosso treinamento.

Em seguida o juramento à bandeira e por fim o hino nacional.

Assim que fomos dispensados com o *fora de forma* mais aguardado dos últimos meses. A alegria tomou conta de mim, não conseguia me conter, jogarmos as boinas para o alto, como um símbolo da conquista do triênio, fui imediatamente abrindo espaço com as mãos por entre a multidão a procura de minha família e, dela, a Márcia claro, claro que viria.

Para ser sincero, lá no fundo, eu não tinha certeza se ela viria, mas queria acreditar eu estava enganado, provavelmente ela estaria com minha família, com nossos amigos.

- *Olha ele, olha ele!*

Ouvi a voz inconfundível do Tom, e quando olhei já vinham em minha direção Tom, Márcio, César e Charle.

Nos abraçamos como se estivéssemos longe durante muitos anos. Uma sensação maravilhosa eu senti naquele momento.

- *Cara, você está muito bem de uniforme!* - Charle abraçando-me coloca a mão em minha cabeça, me cumprimenta sorrindo.

- *Se você não fosse homem, eu iria casar com você!* - Sorrindo César rebola, em seguida todos riem e escuto-os falarem ao mesmo tempo.

Meus pais se aproximam sem que eu perceba, com aquela a voz inconfundível do meu pai que está logo atrás de mim:

- *Soldado Teodoro?*

Os meus amigos se afastam olhando emocionados quando eu me viro e vejo aquele casal lindo de braços abertos com os olhos cheios de amor.

- *Pai, Mãe.....*

É só o que consigo dizer abraço-os e nos mantemos assim durante alguns minutos sob os olhares de meus amigos.

- *Filhinho, como você está? Estão cuidando de você, te tratando bem, está se alimentando bem?*

- *Está tudo bem mãe... quanta saudade...* - Sorrindo e sem graça eu beijo seu rosto e passo a mão em seus cabelos.

César sem perder a chance lembra de coisas engraçadas que passamos na casa dos meus pais, lembrando do dia em que quebramos a vidraça da casa da vizinha mais chata do quarteirão e minha mãe sem saber de nada, no mesmo dia foi levar para ela um bolo que havia prometido a décadas. A vizinha pensou que era para se desculpar e pediu para minha mãe me avisar que estávamos perdoados.

Já colecionavam tantas histórias, apesar de tão jovens.

Estava tudo maravilhoso, meus amigos, meus pais, mas faltava o grande amor da minha vida, Márcia.

- *Pessoal, e a Márcia, não veio?*

A sensação que eu tive nesse momento é que não devia ter perguntado. Será que não devia ter tocado no assunto? Rapidamente o semblante de todos mudou, percebi que estavam esquivando-se a responder e um desconcertante desvio de atenção surgiu na mesma hora.

- *Bem acho que precisamos ir, você precisa descansar!*

Foi a única frase que ouvi da minha mãe, depois não me recordo de nada, perdi-me no espaço, sai de órbita literalmente.

Tom que sempre foi o mais sincero de todos, verdadeiro como de costume, não se conteve:

- *Sei que não é um bom momento, mas você precisa saber....*

Eu me viro para ele, tiro minha boina e espero ele continuar:

- *Depois que você veio para o Exército, não demorou muito, mas Márcia se afastou de todos nós. No começo pensamos que era por motivos óbvios, ela não queria sofrer lembrando de você estando conosco. Mas aos poucos percebemos que ela estava feliz, saindo com as meninas e se divertindo, até que somar começou a dar em cima dela, e aconteceu. Estão namorando sério a alguns meses.*

Não quis acreditar, sinceramente não quis. Fiquei esses meses acalentando

tê-la comigo nesse dia tão importante, sonhei cada minuto com seu sorriso, sua voz me chamando, seu olhar sem desviar dos meus, do seu orgulho ao dividir comigo esse momento.

O que eu fiz? O que houve conosco? Eu errei?’

Milhares de perguntas.

Talvez nunca terei as repostas.

∞∞∞∞

As manhãs quentes da temporada de verão haviam começado, as grandes janelas do alojamentos normalmente ficavam abertas a noite para que o frescor da madrugada amenizasse o calor provocado pelos dias de sol incessante. Acordamos todos com a alvorada ao toque da corneta que ecoava o famoso som da canção cujo nome não poderia ser mais sugestivo: ***Levanta Soldado***.

Sorrisos, brincadeiras e muitas piadas surgiam nesse momento enquanto na correria os coturnos eram lustrados, os uniformes passados, barbas sendo feitas impecavelmente para não deixar nenhum fio, até que os mínimos detalhes de nossa apresentação individual fossem incansavelmente revistas.

Descíamos todos para o Rancho, esse nome queria dizer um grande complexo de refeição reservado apenas para Cabos, Soldados e Alunos militares, do outro lado em uma alameda com coqueiros e mais parecendo um hotel ficava o Cassino dos oficiais e não menos elegante o Cassino dos Sargentos.

Uma fila para pegar comida se fazia ao som das vozes de milhares de militares, e que o que sempre culminava em mais piadas, mais risadas, mais especulações sobre o que estava para acontecer naquele dia.

Após a refeição, seguia um rápido intervalo até a toda a tropa se reunir formalmente para as orientações. Todos se organizavam no pátio abaixo para as ***“Ordens do Dia”***, que era realizada através de uma programação minuciosa das atividades pontuadas, minuto a minuto, hora a hora.

Assim que concluído essa etapa, fazíamos um desfile, ou, ***“ordem unida”*** para massificar a sincronia dos movimentos. Normalmente o comandante do batalhão aguardava da sacada do Pavilhão de Comando, juntamente com alguns oficiais de alta patente, tomando um chá, diante das continências de toda a tropa, acompanhava com binóculos escuro afim de identificar os “Mocorongos”, ou, como eles mesmos definiam: ***àqueles que acreditavam ter***

ou fazer corpo mole.

Nos reuníamos em seguida em frente a lanchonete, do Sr. Laurete, a quem eu pensava, quando não o tinha conhecido ainda, que se tratava de uma mulher por causa de seu nome. Ele não era militar, mas tinha permissão de manter a lanchonete em funcionamento, depois de conhece-lo soube que gostava tanto da vida militar que falava como militar, andava como militar e era sério como a sua maioria.

Todos nós tínhamos uma liberdade de comprarmos e pagarmos apenas em nosso recebimento. Lá sempre era um momento gostoso de descontração.

Eu estava com meu lanche quando soube da Festa de Verão que a nossa unidade fazia anualmente, um evento regional, pessoas da cidade e das outras vizinhas participavam ativamente, com barracas de doces, música e muita diversão.

- *Teremos o início das festas de Verão, no ano passado foi muito bacana, todo mundo pegou. Acho que precisamos lembrar disso, nesse ano vamos não vamos ficar sozinhos hein!* - Rindo Geraldo fala alto e em seguida toma seu refrigerante -.

- *Nunes e Geraldo, eu acho que não vou neste ano, estou pensando em ir para minha cidade.*

- *Geraldo, acho que o Teodoro vai pedir para não ir porque está com medinho.*

- *Hum, medinho hein?* - Geraldo confirma rindo -.

Eu também dou risada, mas ainda abalado com a possibilidade de não ter visto Márcia na entrega das boinas, tenha me gerado algum receio em tentar prematuramente uma nova paixão. Enfim, para eu estar longe de qualquer concretização de outro relacionamento, neste momento, é sensato.

Respondo, tentando justificar:

- *Não é isso, preciso ir ver meus pais, sinto que preciso ir vê-los. Sinto que minha mãe está precisando de mim, eu não sei, mas vou.*

A minha relação com minha mãe era muito forte, sou filho único, e sempre fui muito ligado a ela. Sempre conversamos muito e nossos gostos, nossas opções muito parecidas.

Viajei no outro dia pela manhã.

Quando cheguei em casa após a viagem, não havia ninguém no portão como eu esperava. Era comum todas as vezes que ia visitar os meus pais, encontrar minha mãe fazendo aquele bolo que eu amava ou algum quitute “*a lá mamãe*” como eu carinhosamente apelidava suas invenções culinárias. O meu pai já olhando o relógio para estimar quanto tempo eu levaria para chegar, e ficava de prontidão no portão. Nick meu cachorrinho já latindo desesperadamente por colo anunciava quando eu estava próximo.

Empurrei o portão que ficava encostado, passei pelo pequeno jardim, percebi que as flores estavam um pouco murchas, coisa que jamais aconteceria pelo esmero que tinha com sua roseira, que para ela era sinônimo de uma casa feliz.

De repente sinto um ar pesado corroborando com um silêncio incomum no qual eu não estava acostumado.

A cadeira de balanço que ficava na varanda balançava devagar mesmo com um vento tímido e rasteiro. Apesar disso soprava sem alarde minimizando a temperatura quente daquele dia. Na porta da entrada, o jornal de meu pai caído no chão, finalmente um sinal de vida, Nick aparece, sem latir, com um choro baixinho balançando o rabinho, sem seguida lambendo minha mão.

Abaixei para pegar o jornal e ver a data. Era de hoje pela manhã.

Olhei pela janela da sala, mas não consegui ver muito, o vidro da janela não permitia ver o interior apenas refletia o exterior, mas nenhum sinal de movimento eu percebia sem dúvida.

Sentei nos degraus, e coloquei a mão ao queixo, imaginando o que poderia ter acontecido.

Algo me dizia para esperar.

Era quase noite, Nick começa a latir do meu lado, quando um carro para em frente de casa, era o Carro de Tom.

- *Téo!* – Desce rapidamente Márcio pelo lado do carona, com os braços abertos.

- *Márcio, Tom.....* – eu grito, em um misto de surpresa e alegria por reencontrá-los.

- *Téo, quando você chegou? Ficamos sabendo que estava aqui, viemos buscar umas roupas para seu pai, estávamos indo ao Hospital.*

- *Eu cheguei a algumas horas, mas não sei o que aconteceu, não tem ninguém em casa, mas porque vocês vieram buscar roupas para o meu pai....*

hospital. - Falo já com ar de preocupação prenunciando a resposta.

Tom quebra o silêncio:

- *Amigo, você sabe que pode contar conosco, não é?*

- *Por favor, me conta logo! O que houve com os meus pais?* - Começo a me desesperar.

- *É sua mãe, ela não está bem!* – Explica Tom

Enquanto isso Márcio põe o seu braço em volta do meu pescoço, como fosse me proteger do que Tom ainda diria:

- *Sua mãe teve um infarto e está na UTI. Seu pai está com ela.*

- *Meu Deus....*

Em meio ao silêncio pergunto quando foi, e eles me respondem que foi na madrugada, e que meu pai estava com o carro quebrado, então ele ligou para o pai do Tom que veio rapidamente para ajudar a socorrer minha mãe.

Sáímos dali rapidamente e fomos para o hospital, eu lembro que chorei dentro do carro até nos aproximarmos.

Quando chegamos no hospital uma das cenas mais comoventes que eu já vi, meu pai sentado em uma cadeira com os óculos de minha mãe em uma mão e na outra o casquinho de frio dela. Ao me ver ele continuou sentado, aos poucos foi soltando o choro, enquanto eu me sentei ao seu lado.

Meu pai como eu já sabia, não sairia muitas palavras, estava em uma reclusão profunda...as lágrimas escorriam pelo seu rosto

- *Pai, olha para mim por favor.....*

Ele me olha.

- *Pai, você não tem culpa de nada, mamãe vai ficar bem, ela te ama, e eu também. Você não tinha muito o que fazer, e o que fez, foi o que pode naquele momento. Eu te amo pai.*

Ele fica abraçado comigo um longo tempo, enquanto Márcio e Tom ficam do nosso lado nos abraçando também.

Eu nunca imaginei que perderia minha mãe tão cedo, ali ao lado dela observava seu rosto tão lindo, ela inerte no caixão ...sem escutá-la me chamar carinhosamente como fazia...com o mesmo semblante sereno de quando eu chegava zangado porque o time que eu jogava no colégio havia perdido.

De repente tudo o que vivemos passam diante dos meus olhos como num filme.

As inúmeras apresentações no colégio, ela sentada com aquela máquina de fotografar polaroide, que comprou juntando as moedas com a venda dos seus bolinhos.

As fotos espalhadas nas paredes da casa, as nossas viagens à praia registrada no porta-retrato. A minha primeira festa de um ano, ela do meu lado me ensinando a bater palmas, escuto até os seus gritos de euforia nos primeiros passos que dei. E ela encantada quando no corredor de nossa casa eu ensaiava músicas com letras desconexas e totalmente desafinado, o que para ela era a maior prova que Deus existe, que a beleza do céu estava ali, em mim. Sua participação nas brincadeiras que fazíamos, eu, ela e a Vivian com água e sabão.

Lembro da sua dificuldade em me ensinar inglês, língua que ela tinha grande resistência, mas que para não me decepcionar, entrou depois de tanto tempo sem estudar, em um curso para aprender inglês. Ela fez isso apenas para me ajudar a aprender... e mesmo assim não aprendi. Ela nunca reclamou.

E nossas viagens, o monte de comida que fazíamos juntos, ela rindo sem parar quanto eu saía correndo para chamar o papai para provar nosso “prato especial”.

- Tantos momentos mamãe...as noites de sono que você passou ao meu lado quando eu adoecia.

- Eu queria que soubesses o quanto te amo....

- Nem lembro se cheguei a confessar que não sei viver sem você.

Eu vejo-a vindo ao meu quarto nas noites frias me cobrir, e eu, muitas vezes fingia dormir apenas para sentir o seu carinho que se despedia sempre com “Eu te amo filho”.

Do lado de Vivian que está sentada, eu me despeço...

- Mãe, eu sei que me ouve, eu queria que soubesse do amor que sinto por você e a falta que você vai fazer... nunca mais terei a sua mão segurando a minha como nos primeiros dias de aula que eu ficava tão assustado.

Nunca mais terei sua força em me fazer enxergar o que eu tenho de melhor.

Vou sentir falta de dormir em seu colo, como fazia e tinha certeza de que nenhum mal poderia me afetar, pois você não deixaria. Não deixaria o lobisomem ou o fantasma me assombrar...você sempre estava lá quando eu abria os olhos.

Nossa família, era apenas, eu, você, papai, Vivian e o Tom, e agora mamãe?

Vivian segura em mão, e abraça o meu pai. Ficamos os três parados ali.

Sem esperarmos que meu pai falasse algo, de repente para nossa surpresa, ele também se despede.

Querida, você foi, é e sempre será o grande amor da minha vida. O único amor da minha vida. Obrigado por estar meu lado em todos esses anos. Te amo.

Enquanto ele encerra eu deixo debaixo de suas mãos que estão juntas, um bilhete.

“Agora não teremos mais as flores em casa, que você insistia em colocar sobre cada cantinho para que não esquecêssemos jamais a beleza que há em tudo, mesmo nos lugares mais feios, com uma flor, uma rosa, ele se transforma.

Obrigado por tudo mãe, descanse em paz...”

Uma grande lição que infelizmente essa perda me trouxe é que tudo pode mudar tão rapidamente que precisamos lembrar de aproveitar muito cada momento, pois poderá ser o último.

Os irmãos do meu pai vieram para o funeral de minha mãe, ficaram do lado do meu pai o tempo inteiro. Vivian e seu esposo estavam de preto, ele com óculos escuro e com cara de choro, que eu confesso “ficou ridículo”. Já com os irmãos do meu pai, eu sempre achei bacana o relacionamento deles. São três irmãos e uma irmã. Sempre os vi juntos em todos os momentos importantes, estavam sempre unidos.

Me recordo bem quando meu pai sofreu o acidente na linha férrea onde trabalhava desde a juventude.

Meu pai construiu sua vida profissional no Ceará Linhas Férreas S/A, fez muitos amigos e foi também lá que viu minha mãe pela primeira vez. Os dois foram apresentados em uma inauguração da estação, que reuniu as famílias da nossa cidade.

Minha mãe contava o quanto meu pai era bonito, o quanto era disputado pelas garotas da cidade, mas mesmo assim, não desistia dela. Contava com orgulho o tanto que a cortejava até que conseguiu conquistá-la. Meu pai tinha um porte mediano, mas era muito carismático, minha mãe era uma mulher fisicamente bonita e agradável, conversava todos os assuntos que você quisesse.

O casamento dos dois foi na estação na qual meu pai trabalhava, um dia de muita felicidade pois neste mesmo dia, minha mãe confessou que estava

grávida, eu apressado queria participar desde o começo.

Ela trabalhava em uma empresa Chinesa, a Rohm Elétrons, uma gigante mundial no setor de Eletrodos para capacitores de telas de computador. Aos poucos foi se desgastando consumida pela dupla jornada de trabalho, entre os cuidados comigo e com minha irmã, com a casa e com o trabalho na Rohm.

Inevitavelmente se desligou da empresa, passando a se dedicar inteiramente a ser mãe em tempo integral. Nunca a ouvi dizer que arrependera ou que estava triste pela decisão que tomou. Muito pelo contrário, a sua disposição e vitalidade em estar presente participando de tudo relacionado a nós, era prova de que ela tinha escolhido a melhor opção, ficar conosco.

Falo orgulhosamente que tenho a certeza que ela poderia ter sido uma grande executiva, uma grande empresária, mas ela não quis, ela preferiu ser uma grande mãe, a minha grande mãe, uma grande esposa, a esposa do meu pai, uma grande mulher, a mais admirável que já conheci.

Até o dia que meu pai se acidentou caindo de uma altura de quase seis metros e fraturando as duas pernas, sua coluna foi afetada com o impacto e nunca mais ele foi o mesmo. Os irmãos tomaram conta da situação, conseguiram que meu pai se aposentasse, além de providenciarem carro adaptado, uma cadeira adaptada e ajudaram em necessidades que estávamos passando naquele momento.

Ainda no enterro percebi que eles, meus tios queriam falar comigo, vi-os comentando algo, apontando em minha direção, mas eu só queria ficar sozinho, me esquivei o quanto pude, em alguns momentos fiquei presente fisicamente mas distante, de onde o caixão estava, observando o nada, olhando fixamente o infinito ouvindo a voz de minha mãe...sentindo sua presença.... uma rápida paz me inundou como sempre acontecia quando eu estava perto dela.

∞∞∞∞

No exército, em casos de falecimento de alguém da família, uma dispensa era concedida. Para mim, foi uma pausa muito oportuna, eu queria estar ao lado do meu pai nesse momento.

Passávamos a maior parte do tempo calados, apenas monólogos que eram necessários eram ditos, podendo até serem alongados no máximo em mais uma ou duas palavras, pequenas frases que se compreendidas em seu

sentido, o assunto se encerrava imediatamente.

A casa está silenciosa. Os pássaros que minha mãe costumava alimentar no quintal nem aparecem mais. Meu pai está mais quieto do que já costumava ser, a sua vitrola não foi mais ligada e o último disco que escutou antes de minha mãe partir, ainda está lá.

A campainha de casa não faz muito barulho, minha mãe queria uma que tivesse um som suave e por isso quase nunca conseguíamos identificar se era a campainha de casa mesmo ou era a vitrola do meu pai.

Tocou algumas vezes, e custou a nos darmos conta que havia alguém na entrada.

Eu fui atender.

Deixei o livro que estava lendo no sofá, me levantei e abri a porta.

- *Oi, vim saber como você está.* Era Ellen

- *Ellen! Poxa que bom te ver.*

Nos abraçamos rapidamente e já fomos para dentro de casa.

Meu pai surge na porta que dá acesso para cozinha com uma xícara na mão.

- *Filho! Quem é?*

- *Pai é Ellen, Lembra?*

Meu pai conhecia bem os pais de Ellen, mas não a conhecia muito.

- *Olá Ellen, como você vai? Eu estou cuidando de umas coisas aqui na cozinha, fique a vontade.* - Visivelmente triste, não espera dialogo, virando-se de costas volta para a cozinha.

Ellen continua sentada pois não deu tempo de levantar para tentar cumprimentar meu pai, que já havia se retirado, ela olha para mim e pede desculpas por ter vindo sem avisar.

- *Ellen, não precisa se desculpar, você é minha amiga e estou muito feliz que veio me ver. Meu pai não conseguiu aceitar ainda. Está muito difícil para ele.*

- *Poxa Téo, eu sinto muito. Espero que seu pai tenha forças para superar o quanto antes essa falta. E você, me fale sobre você.*

- *Eu estou bem, sinto saudades, muitas*

- *Sabe do que eu lembro, do tempo que todos nós ficávamos juntos o tempo inteiro. Do quanto nos ajudávamos.*

Ela recorda.

- *Tivemos tantos momentos legais, e era isso que gostaria de lembrá-lo, pois eu sei o quanto está difícil esse momento para você tanto quanto para seu pai. Pensei que talvez a lembrança de nossas risadas ajudaria a cicatrizar um pouco a ferida que você tem aí dentro de você. Por isso vim.*

Durante alguns minutos eu quis ficar calado, apenas escutando ela. Me fez sentir algo havia se afastado de mim alguns dias: **esperança e alegria**.

- *Ellen, obrigado por ter vindo.....*

Respiro profundamente e me ponho para traz, recosto-me com a cabeça totalmente no sofá olhando para o teto.

Ela põe a mão na minha mão e diz suavemente - *Essa dor vai passar e em breve restará uma lembrança cheia de gratidão por tudo que sua mãe representa para você. Quero que saiba que pode contar comigo viu?*

Eu, ainda com os olhos voltados para o teto, sinto escorrer em meu rosto uma única lágrima, que caiu e molhou sua mão na minha.

Nos olhamos por alguns segundos, ela meio sem jeito, em silêncio, ouvimos um carro parar em frente de casa, eram eles, Tom com Márcio, César e Charle.

- *Não acredito.*

-*Sim, pode acreditar...eu chamei-os para vir aqui te visitar.*

- *Obrigado Ellen...*

Passamos a tarde juntos lá em casa, e não demorou muito para o silêncio ceder lugar aos sorrisos, as lembranças. Ellen olhava carinhosamente para mim, acredito que ela estava feliz em estar conosco, em me ver descontraído, lembro que anos depois ela me confessaria a amizade entre eu, Tom, Márcio, Charle e César era linda de ver, mas ela não tinha coragem de se aproximar da gente.

A luz entrou pela janela, vi meu pai sorrindo com as piadas do César lembrando casos antigos, Charle nos contando como é morar na Capital e suas aventuras, Tom e Márcio nos falando sobre a loja que montaram juntos, por fim eu me senti como em uma grande família.

Tive certeza naquele momento que ter amigos é como saber que nunca estamos sozinhos.

∞∞∞∞

Eram meados dos anos 90 todos nós já estávamos empenhados em concluir a faculdade e alguns já trabalhavam. A maioria de nós tínhamos perspectivas de qual profissão abraçaríamos e o mundo em ebulição nos desafiava.

¹Nessa época a música baiana foi mania nacional com Daniela Mercury, que ficou conhecida como a “rainha da Axé music”, também conjunto É o Tchan, Banda Eva de onde saiu para carreira solo a baiana Ivete Sangalo que agitava as festas no Cassino dos Cabos e Soldados.

No Rio de Janeiro o grande destaque foi o Funk Carioca que despontou principalmente com a dupla Claudinho & Buchecha e que eu nunca conseguia compreender aquela dança que criaram. Mas isso não era um problema, pois a música era muito boa.

Entre os artistas que produziam música Pop, foram febres Sandy & Junior, Deborah Blando, Patrícia Marx, Dominó, Fat Family e Pepê & Neném.

No Rock Brasileiro foi com as bandas Skank, Jota Quest, Raimundos, Planet Hemp, O Rappa, Charlie Brown Jr., Los Hermanos, Sepultura e Angra, vale destacar também que bandas veteranas surgidas na década anterior como os Paralamas do Sucesso, Kid Abelha e Legião Urbana ainda tiveram muito destaque durante a primeira metade da década.

Eu estava no carro dirigindo escutando uma rádio pop rock, quando ouvi pelo noticiário que o Conjunto Musical Mamonas Assassinas, destaque nacional que vendeu em um único disco mais de 1 milhão e 800 mil cópias, pouco tempo depois de estourarem o conjunto inteiro faleceu num acidente aéreo em São Paulo.

Foi um episódio muito triste.

É até hoje.

Nessa época eu já não morava com meu pai, ele continuava na mesma casa em que vivemos, sozinho com o nosso cachorrinho Nick fazendo companhia vinte e quatro horas. Mesmo sentindo-o mais forte, era habitual o ver falando com minha mãe, como se ela ainda estivesse ali. Levei-o para o coral da igreja, coisa que ele já havia me confidenciado simpatia, acabou se reconstruindo com a música, fazendo novos amigos que passaram a preencher todo seu tempo entre uma e outra apresentação nas cidades vizinhas e aos finais do ano na catedral ou no teatro de nossa cidade.

Como soube desde pequeno, ele dizia com a música o que não conseguia dizer apenas falando.

Eu estava morando no Rio de Janeiro, consegui a todo custo me formar no curso de Processamento de Dados na UFRJ, realizando o meu sonho de adolescente, pronto para dali em diante projetar e desenvolver softwares e aplicativos para empresas.

Nunca esqueci na minha formatura, vieram meus amigos, Ellen cumpriu o que havia me prometido, que tentaria trazer o meu pai e conseguiu, finalmente o velho andou de avião pela primeira vez.

Naquele dia, não vou esquecer, ao desembarcar no aeroporto eu a vi como nunca havia visto, ela estava sem óculos, usava um vestido tomara que caia, branco que exibiam os ombros escondendo discretamente o busto, não pude deixar de apreciar o contorno do seu quadril. Ela estava com um batom vermelho escuro que realçava sua pele clara, o seu cabelo com mechas claras que contrastavam com o ar tímido que eu trazia dela. Ela estava realmente linda. Por alguns momentos fiquei parado sem reação ao vê-la.

Me dando conta do que havia me trazido ali, abracei meu pai longamente.

∞∞∞∞

Antes mesmo de ter concluído a faculdade, consegui uma vaga de estágio em uma das grandes empresas do ramo de Tecnologia, a IaM, que fica Av. Pasteur em Botafogo. A condição era a que fosse morar definitivamente no Rio, e não voltar para minha cidade como planejado.

Fui contratado logo após concluir o período de estágio e comecei a namorar uma Analista, que logo depois se mudou para os Estados Unidos para trabalhar no Google. Não tive e nem quis mais ter notícias dela.

Da janela do meu pequeno apartamento eu conseguia ver a Baía de Guanabara onde eu passava horas divagando em pensamentos inspirados naquela visão maravilhosa da imensidão, do oceano, navegando com os veleiros e partindo com os navios pelos mares até se perderem no azul.

Noutras tantas vezes, costumava percorrer nos táxis do Clóvis toda a avenida das Nações Unidas para ir de encontro as primeiras vistas do morro do corcovado, ele ia me contando tudo sobre os bares, os becos, as avenidas e suas aventuras ao longo dos anos desde que teria vindo de Fortaleza. Imagino como para ele era importante me contar aquilo, suas conquistas em realizar o feito de chegar com uma mala de esperanças, com coragem e com muita vontade de vencer, hoje com filhos na faculdade, o seu táxi novinho e um coração de ouro.

O café chegou enquanto abria uma carta que recebi do César.

O César continuava morando em Holambra, dentro do envelope também continham algumas fotografias nossas da juventude. Antes de começar a ler vi as fotos de nossos passeios, nossas festas, nossas comemorações. Estou péssimo em quase todas as fotos...

A carta não foi digitada como as de hoje, assim pela letra do César, percebo o carinho pelo capricho em sua letra:

Holambra, São Paulo.

Soldado, como andas?

Não sei se você está solitário ou acompanhado. Nada mudou muito desde que você se foi, eu continuo procurando minha alma gêmea, e acho realmente que ela chegou. Lembra da Elaine, que trabalhava no Fórum, aquela que na festa da Paolla, você levou um fora quando foi pedir para dançar com ela? Isso mesmo, ela. Voltamos a nos falar em um evento esportivo, você sabe que ela torce pelo atleticano aqui da cidade? Muita coincidência não é mesmo? Imagina quando eu demonstrar a ela meus dotes culinários e minha habilidade com a música. (risos) estou melhorando (mais risos).

Amigo, quando você vai voltar para ver a loja do Tom e Márcio? Parece que deu tudo certo com os dois, mas com os pais do Márcio está cada dia mais difícil, enfim, parece que só aumentou e fortaleceu o que existe entre eles.

Ah o Charles, como sempre, muito reservado quase não nos vemos e uma vez ou outra, recebo uma ligação dele que me conta algumas novidades, como por exemplo a que se casou com uma garota chamada Rebeca que era sua aluna. Teve que sofrer uns “perrengues” para conseguirem ficar juntos. Pelo que sei, ela é bem mais nova que ele, e os pais dela não aceitaram muito, é o que eu sei. Ele irá te contar tudo quando você vier. Ellen, está do mesmo jeitinho, atenciosa, amável e generosa, teve muitos problemas com os pais que só pensam em dinheiro então foi para França estudar Francês (claro), mas ela está namorando o Alex, aquele que os pais são dono do Posto de Gasolina na saída para Rodovia. Ela parece estar feliz, não sei, quase não conversamos mais.

Ah, não posso deixar de falar para você sobre o colégio, está em reformas, vão ampliar. Lembra o pilar onde eu esperava vocês? Pois é, vão derrubar para construir uma passarela. Que triste, não é?

Bem amigo, acho que é isso.

Volte logo. Quando der, mande notícias aí da cidade maravilhosa.

Abração do seu “irmão”

César Armando Leônidas de Freitas.

Márcio entra em casa desolado com algumas mudas de roupa em uma mão e na outra a chave do carro. Suas chances de reconciliação com os pais acabaram, ele não podia mais conviver com a incompreensão que ambos insistiam em manter diante de sua escolha. O auge da insatisfação foi a de perder o trabalho que exercia desde a adolescência nas empresas do pai, de forma tão humilhante.

A reunião dos acionistas funcionava como um termômetro que servia como vitrine aos melhores resultados do ano, aos melhores executivos do período, sendo indiscutivelmente um meio de separar os que traziam mais dinheiro para empresa dos que tinham desempenho modesto e precisariam apresentar números melhores urgente. Todos sabiam, no entanto, que aquelas reuniões funcionavam como meras alavancas para impulsionar as disputas internas por atenção e poder.

Márcio era desses filhos que nunca desafiavam os pais, tendo em vista que em um confronto, os interesses dos pais prevaleciam absurdamente. Durante toda a infância regrada a muitos luxos, e faltou o principal, o diálogo, a participação, a empatia. Nunca houve um momento íntimo de desabafo, e todos os pequenos desentendimentos eram sufocados por caros presentes que de alguma forma atingiam o objetivo de substituir a compreensão e o amor.

Neste dia, Márcio havia ligado cedo para o Tom, buscando se fortalecer para estar preparado para o que vinha pela frente, afinal, o show iria começar, e o palco no qual seu pai com certeza não era o coadjuvante, estava pronto.

∞∞∞∞

Os executivos da Empresa chegavam cedo, devidamente paramentados “terno e gravata” para os homens, já para as mulheres, um “terninho sóbrio sem nenhum brilho. As conversas giravam em torno da economia, dos números das últimas reuniões, um entusiasmo superficial diluía o clima hostil que existia.

A mesa de quase três metros de pedra de mármore era coberta de um vidro transparente e com flores brancas em pequenos vasos que eram distribuídos no centro. As cadeiras, confortavelmente dispostas em sentido horário a tela que era acoplada a imensa janela com vista para as montanhas.

- *Márcio, como vai?* - Pergunta com a mão estendida, Paulo Henrique, sócio diretor da empresa o cumprimenta.

- *Olá Paulo, quanto tempo. Está tudo bem sim.* – Márcio responde e logo olhando para o relógio demonstra nervosismo

- *Soube que casou.*

Sem acreditar Márcio, desconcertado, respira fundo e responde:

- *Desculpe a grosseria, mas não sabia que você tinha conhecimento de minha vida particular.*

- *Calma Márcio, me desculpe a mim pela indelicadeza, mas não é bem um segredo para ninguém não é mesmo?* – Rindo se retira para cumprimentar outros executivos que estavam chegando.

A forma na qual Paulo insinuou a pergunta trazia a ironia que Márcio já estava acostumado a enfrentar por causa de sua opção sexual. Sem dar muita atenção ao real motivo, se colocou em uma cadeira e aguardou o início da reunião.

- *Caros senhores, bom dia a todos! Damos início a reunião de fechamento anual com as posições contábeis e financeiras registradas em todas nossas filiais. Com os senhores sr. Caio Mastelar, presidente executivo.*

A apresentação foi breve, mas não breve as palmas que se seguiram.

- *Obrigado, obrigado!* - Entra por uma grande porta lateral com um terno escuro e uma gravata borboleta de cor amarela, que era sua marca registrada.

- *Vamos dar início a apresentação dos números e pôr fim a conclusão dos nossos auditores.*

Os resultados eram satisfatórios pelo que Márcio entendia, mas a sua impressão não era exatamente o desfecho que se revelaria.

- *Bem, agradeço a todos pelos desempenhos modestos mais crescentes neste ano, tivemos grandes movimentos e migramos muitos recursos para as áreas cruciais da empresa, o que nos trouxe o crescimento que esperávamos. Alguns dos nossos modelos de negócio foram comprovadamente desgastados com o passar do tempo e neste novo ano que inicia em breve não iremos mais apostar neles. Assim as filiais de Ribeirão, Jales e Jaú terão suas atividades encerradas gradativamente e serão integradas a de Bauru. Sendo assim, os executivos responsáveis por estas áreas deverão permanecer apenas até a conclusão dessa etapa, quando por fim, serão desligados da empresa com todos os seus direitos garantidos.*

Um grande burburinho surgiu no momento e como Márcio que era o

responsável por a Logística da operação de matéria prima desses centros não se conteve, levantando, sem falar nada, sai sob olhar fuzilante do pai, que também se levanta e pergunta em tom alto:

- Sr. Márcio, onde pensa que vai?

Foi a última frase que, segundo Márcio, ouviu sair da boca do seu pai.

Ele não foi informado sobre nada, mesmo sendo filho do dono do conglomerado de empresas, não foi consultado sobre os números que estavam em sua gestão e nem sobre como poderia fazer para atender as expectativas do pai, dos acionistas.

Nesse momento, sua carreira nas empresas da família se encerraria - definitivamente.

Algumas pessoas se afastaram deles, e outras simplesmente fingiam que não os conhecia, Ellen teve um papel fundamental nessa retomada a dignidade ora perdida dos dois, convidou-os a conhecerem um templo budista em Cabreúva. Daquele dia em diante, iniciaram uma grande transformação com relação ao que sentiam, resolveram montar um negócio juntos, mesmo sob toda a pressão e discriminação, tiveram coragem de assumir o relacionamento que mantinham em segredo, inclusive para nós seus amigos, o que nos deixou felizes pois conhecendo os dois como conhecemos, sabemos das qualidades que podem sustentar qualquer decisão.

A loja de presentes expandiu e virou uma grande livraria com café, ocupa todo um quarteirão de uma das ruas mais movimentadas de Holambra.

Eu os recebi aqui no Rio de Janeiro nessa fase difícil, e enquanto os ouvia falar, uma convicção tomou conta de mim, é muito importante para mim até hoje ***“Relacionamento não é verão o tempo inteiro, mas duas pessoas podem compartilhar um guarda-chuva e sobreviver à tempestade juntas.”***

∞∞∞∞

Acabando de sair do trabalho eu precisava passar no supermercado que ficava a poucos quarteirões dali, ainda que quisesse não passar lá, não poderia. Minha geladeira estava vazia. Eu sempre esquecia a lista do que precisava, mas alguns itens eram básicos para mim como algum yogurte, alguns pacotes de biscoitos e queijos, minha paixão, e era naquele departamento que passava a maior parte do tempo

- Queijo amarelo ou branco? Deixa-me pensar um pouco... estou ficando acima do peso...então...

- *Porque não escolhe o branco?* – uma voz atrás de mim tenta me auxiliar

- *Oi...?*

- *Ellen?*

- *Eu mesma...*

- *Como assim? Você...*

- *Sou eu Téó, ao vivo, em cores....* - Ela sorri com a mesma carinha do tempo de colégio.

- *O que você está fazendo aqui? Porque não me avisou que viria?*

- *Não sei, pensei que você não estivesse disponibilidade, eu sei o quanto tem trabalhado, quase não volta mais para Holambra.*

- *É verdade, minha vida está muito confusa*– Passando as mãos no cabelo

- *O que faz aqui no Rio?*

- *Estou fazendo um tratamento e o meu médico que é amigo do meu pai é daqui, então eu vim.*

- *Poxa, espero que não seja nada grave.*

- *Não é grave, mas é chato....*

- *Entendo*

- *E você, está morando aqui perto, não é?*

- *Sim, sim.... lembra, você que me indicou o lugar e eu gostei tanto que resolvi ficar por aqui mesmo. O meu trabalho fica a alguns quarteirões, então não preciso nem pegar o carro, o Clóvis me leva todos os dias.*

- *Quem?*

- *Clóvis é um senhor que tem um táxi, virou uma espécie de anjo da guarda. Sempre que eu preciso de alguma coisa, o Clóvis me salva,*

- *Que ótimo Téó, fico feliz por você. Mesmo.*

- *E você está fazendo o quê, aqui, agora?*

- *Eu vim comprar frutas. Minha tia não é muito adepta a comida saudável você lembra?*

- *Claro, ela gosta mesmo é de um bom vinho, não é?*

- *Sim, isso mesmo.*

Eu disfarço a minha compra, que nessa altura já estava repleta de guloseimas, macarrões, um pote de sorvete

-É Ellen, concordo que é preciso uma vida saudável...

E ela rapidamente compreende o que quero dizer.

Convido-a para nos encontrarmos antes dela partir, e combinamos quem sabe um cinema ou um teatro, que eu sei, é sua grande paixão.

Combinamos um teatro na sexta-feira a noite.

∞∞∞∞

- Tia, acho que a senhora lembra do meu amigo de Holambra, Teodoro, todos o chamam de Téo.

- Olá? Como vai?

- Oi querido Téo, quanto tempo.... você continua bonito hein?

Senti imediatamente esquentar minhas bochechas.

-Não precisa ficar sem graça Téo, a Tia Alice é assim mesmo, ela gosta de deixar os outros sem jeito.

Diz Ellen colocando a mão em meus braços descemos pelo elevador.

Posso afirmar que o perfume que ela estava usando precisava ser adotado em todos os elevadores, pois o aroma era tão agradável que a vontade era que o prédio tivesse mais de cem andares.

O Clóvis nos levou ao Teatro Municipal, saímos no final encantados com a peça Rainha Elisabeth, o cenário era fantástico, a atuação dos artistas e a música, simplesmente mágica.

Passamos em seguida a Casa Momus, um restaurante italiano desses que a gente entra e não quer mais sair, um local aconchegante e de muito bom gosto.

- Conte-me Ellen, como estão as coisas, seus pais, nossa cidade, você?

- Nossa cidade está tudo como antes de você partir, apenas com algumas novidades como o Moinho que está concluindo a reforma e alguns bairros novos que estão surgindo. Meu pai e minha mãe continuam aquela guerrinha de poder. Cada um que quer mais na empresa, em casa, comigo. Essas coisas que eu já estou acostumada.

- E o seu namoro como vai?

- Bem, digamos que o Alex não tem muita paciência, talvez o único defeito que encontrei nele por enquanto.

Enquanto ela ri, o garçom se aproxima com o cardápio.

-Boa noite, sejam bem-vindos. Posso pedir uma entrada para o casal?

- O que você sugere -pergunto enquanto trago o cardápio para perto de mim.

- Para começar com uma bebida refrescante, que tal inovar na hora do brinde? A mistura do gin, vinho rose, chai e manjerição deixa tudo com um toque de sofisticação e refrescância.

- Ótimo, o que você acha Ellen?

- Para mim, está tudo bem.

- Por favor queira trazer para a gente.

- Claro, um minuto. Com a sua licença.

- Meus pais estão na mesma vida de sempre, negócios, chácara, casa... não, sempre nessa ordem, às vezes, casa, chácara, negócios ..., mas sempre juntos. Meu pai, você conhece, cada dia mais turrão, minha mãe é minha é mais esposa do meu pai do que minha mãe.

- Entendo Ellen, fazer o quê não é mesmo? Meu pai está mais calado do que nunca depois que minha mãe se foi, ele nunca me diz o que está sentindo, mas confesso que ele tem tentado se aproximar de mim. Às vezes me liga, eu preciso puxar o assunto senão ficamos calados, mas vejo nele a intenção em estar mais presente na minha vida sabe. Agora me fale sobre esse tratamento que você está fazendo.

- Estou tendo que vir ao Rio de Janeiro para cuidar de uma doença chamada Endometriose que descobri por acaso, ela não é muito conhecida, mas causa algumas dores a princípio cólicas intensas e foi aí que descobri. Não é nada grave, mas é uma doença crônica que regride espontaneamente com a menopausa. Mas mudando de assunto, como vai você, seu trabalho?

O vinho tinha acabado de chegar. Interrompemos a conversa para brindarmos.

- O vinho daqui é uma delícia mesmo – Enquanto degusto mais um gole - Não sei exatamente o que está acontecendo na empresa, eles estão saindo do Brasil, pelo que entendi. Alguns executivos serão remanejados para Manaus, onde a fábrica ficará funcionando. Eu não tenho certeza o que acontecerá futuramente. Mas estou bem, preparado para voltar para nossa cidade se necessário.

Durante alguns minutos explicando a dinâmica corporativa na qual eu estava inserido me deu um imenso prazer em dividir com ela minha vida e

sinceramente como a muito tempo não acontecia fiquei feliz em saber que não estava só, alguém realmente se interessava pelo o que eu tinha a dizer.

Assim que falei minutos quase sem respirar, caio em si e vejo que ela está na minha frente com as mãos abaixo do queixo atenciosamente a cada sílaba minha.

- *Poxa Ellen, desculpe...acredito que falei demais.*

- *Não. não diga isso, adorei te ouvir. Saber de você.*

- *Obrigado, eu estava precisando....*

- *Téo – enquanto põe sua mão sobre a minha - nós somos amigos lembra?*

- *Claro. Claro sim....*

- *Téo, é o seguinte, no domingo teremos um almoço na casa da minha tia, tia Matilde, você lembra? Vem almoçar com a gente?*

- *Sim, claro. Acho que dá sim...é dá sim... eu vou.*

- *Que ótimo, que ótimo - Ela tirou da bolsa uma caderneta e escreveu o endereço.*

- *Com certeza o Clóvis conhece.*

- *Sim, o táxi do Clóvis conhece o Rio de Janeiro na palma da mão.*

Sei, sei, onde fica. Irei sim. Obrigado

- *Então tá, nós veremos lá.*

Apesar de todo o dinheiro que os pais da Ellen possuíam, eu acredito realmente que ela não se importava, lembro dela muitas vezes ajudando, fazendo questão de não demonstrar superioridade ou esnobar algum vestido para as meninas da nossa turma. Ela era a única que frequentemente ela levava sacolas repletas de roupas para doar no bazar do Colégio. Sabe, é impossível imaginá-la sem uma palavra de carinho, de apoio. Ela era uma conciliadora. Todos nós que a conhecemos temos essa impressão, a de que Ellen era especial...muito.

∞∞∞∞

Já era final do expediente, todos se preparavam para ir embora, o meu computador estava desligado quando Willian me chamou a sua sala e sem meio termos foi direto ao assunto:

- *Qual é Teodoro, você simplesmente é incapaz de garantir a segurança do*

servidor. Pela segunda vez nesta semana, tivemos dois picos de invasão.

- Willian, como assim?

- Já são oito clientes que relataram invasões, sequestros de informações, Sigilo de dados quebrados.

- Calma Willian, todos nós sabemos que qualquer programador hábil consegue invadir um computador explorando falhas nos softwares. As brechas mais utilizadas são as “portas” abertas pelos programas para receber arquivos, talvez seja isso. Quase todo software mantém esse tipo de mecanismo – não fosse assim, uma máquina nem teria como se conectar à internet, por exemplo.

- Téó, o que os hackers fazem é criar programas que enganam essas portas, entrando no computador como se fossem arquivos inofensivos e isso nós devíamos ter nos preparados. Você é o comandante deste setor. O responsável por tudo que está acontecendo.

- Eu preciso entender o que está acontecendo, mas antes deixe-me te explicar... -Fui parado bruscamente pelo Willian que estava com ar desesperado.

- Sim, eu sei, não venha me ensinar teoria que aprendeu na faculdade, eu época eu já tinha milhares de clientes no Brasil, estava indo para a terra do Tio Sam e já dava aula. Você sabe muito bem que depois de terem invadido, esses softwares do mal detonam o disco rígido. – Willian ainda em pé com mão na cintura, e olhos faiscando de raiva.

Eu continuo

- Willian, você também sabe que a máquina trava ou faz tudo que o invasor manda. Ele pode roubar senhas, baixar seus programas e apagar arquivos.

- Bom Téó se ajuda você, o que sabemos é que foi um “Cavalos de Tróia”, eles trouxeram “soldados”, prontos para assumir o controle da máquina que o receberem.

- Meu Deus! – Sem acreditar me sento na cadeira em frente ao poderoso diretor de Segurança. – Não é possível.

- Pois é, agora nós temos um grande problema. Reúna sua equipe e ninguém sai até me assegurarem que nenhuma informação de nossos clientes está comprometida.

- Sim, claro Willian...claro.....

Saio da sala com as mãos suando, rapidamente, me dirijo a minha sala, pequena com três monitores em minha mesa e um outro instalado acima da

porta com gráficos sendo atualizados em tempo real.

Ligo para minha assistente e peço que não deixe ninguém sair do prédio, que convoque a todos para uma reunião imediatamente.

Meu notebook está ligado e em alguns segundos minha sala está repleta de programadores, analistas, assistentes, todos que estão envolvidos na nossa área de SAV - Segurança contra Ameaças Virtuais.

- *Sei que todos estão sabendo o que está acontecendo, o caso é muito grave. Milhares de clientes que temos no mundo inteiro podem estar correndo perigo de ter seus dados e suas máquinas invadidas.* - Esfrego as mãos, olho o semblante de todos, uns pasmos, outros como se estivessem com uma grande interrogação na mente. - *Pessoal, eu não compreendo o que aconteceu, não consigo aceitar que com todo o esforço que fazemos, toda a preparação e treinamentos, permitimos que algo tão grave acontecesse.*

- *Senhor Teodoro* - Todos os olharam para Mike, de apenas 19 anos, um expert em Lógica, Orientação de Objeto, HTML, Java Script, CSS, uma Linguagem de Programação. - *Sabemos que essas informações são criptografadas, precisamos rastrear o caminho do código binário para poder chegar ao responsável.*

Uma mão se levanta, é Ataúde Araújo, um programador experiente:

- *Todo bom programador pode, através de configuração de servidor web (Apache, ISS) (Linux, Windows) acessar bases criptografadas pela Web, já que o acesso não é remoto.*

-*Se essa pessoa for de um computador central de um site de comércio eletrônico, por exemplo, o ladrão cibernético pode roubar números de cartão de crédito. Se ela for um servidor interno será mais fácil.* – Outro analista coloca mais um tempero.

- *Temos que encontrar onde está essa brecha imediatamente. Conto com todos. Não vamos sair daqui sem que resolvamos esse problema. Todos para as suas mesas. Temos muito trabalho pela frente.*

Quase três horas da madrugada, os olhos pesados e nenhuma posição concreta. Estávamos todos exaustos, os dados ficaram misturados e para piorar, fizemos muitas tentativas que demonstraram que o ataque está afetando mais clientes. Eram 30, já são 52 clientes.

O telefone da central não para de tocar mesmo com o avançar da hora.

O gráfico com o mapa que sinaliza os campos que se concentram os ataques estão identificados com pontos vermelhos, traduzindo: clientes afetados.

Eu quero gritar e ao mesmo tempo explodir.

O dia vai amanhecendo e nenhuma solução.

Muitos cafés, gente parado em pé de suas mesas aguardando o pior.

O elevador para em nossos andar e vejo pelos passos que é Willian.

É o fim.

∞∞∞∞

Reencontro

“Vou procurar um amor bom para mim - no qual me reconheço e me reencontro, me refaço e me amplio, me exploro, me descubro.”

Lya Luft

Ojantar na casa da tia da Ellen é algo que me fará bem, encontrar com ela novamente, me trouxe ânimo, por isso, acredito ser o esse motivo que inconscientemente chego mais cedo.

O elevador é demorado, um prédio antigo na Rua Nascimento Silva com uma grande árvore em sua frente, uma banca de revistas na calçada, esse era meu ponto de referência, eu havia perdido o endereço, e dessa vez, eu tinha vindo com meu carro, dirigindo pela primeira vez a noite nas noites do Rio.

O apartamento ficava no quarto andar, tinha uma porta de correr de vidro que dava para varanda, ali com um jogo de poltronas confortáveis podia se sentir a brisa que vinha do mar. Também algumas samambaias produziam um efeito natural, vários abajures espalhados pela sala e o piso de madeira davam um ar de aconchego.

Sento-me no banco do piano de caldas que decora, garbosamente a sala de estar.

- *Você toca piano?* – Uma voz desconhecida para mim.

Eu viro, e, quando vejo Karen, amiga de Ellen.

- *Oh Téó, deixe-me apresentar minha grande amiga aqui do Rio de Janeiro, estudamos juntas na faculdade. Téó essa é a Karen, Karen esse é meu grande amigo, que te falei, o Teodoro.*

- *Oi Téó, muito prazer!*

Eu estou sem palavras e custo a responder.

- *Sim, claro, muito prazer Karen. Muito prazer.*

Nos estendemos as mãos e como se um raio de luz caísse ali mesmo.

Fomos interrompidos pela tia da Ellen que nos convida a sentar para jantarmos,

Durante a refeição uma sensação de estar em uma família me invadiu como a muito tempo não sentia, por vezes apenas olhava-os, imaginava como era a minha família antes de minha mãe partir.

Uma deliciosa comida foi servida enquanto conversamos lembrando

histórias, conhecendo outras, eu apreciava aquele momento, olhava cada rosto, cada sorriso, cada palavra.

A muito tempo que não me sentia tão acolhido, tão feliz.

Fui me despedindo tarde, acho que se passava das duas da madrugada, já fazia frioquinho, descemos pelo elevador, eu e Karen, ainda rindo. Se eu estava me sentindo feliz, ali de frente para ela parecia realmente que era o ápice dessa sensação.

- *Você não vai acreditar, que já nos conhecemos, mesmo sem você saber quem eu sou. Não é mesmo* - Karen com as mãos próximas do corpo, junta-as graciosamente como em uma apresentação de ballet.

- *Realmente, acho que já nos vimos. Será que foi em um sonho?*

- *Não foi, eu trabalho na livraria que você sempre compra, a Salets.*

- *Como assim? Nunca nos falamos, você não comentou nada durante o jantar.*

- *Fiquei meio constrangida, me desculpe.* – Faz uma pequena pausa, enquanto eu coço a cabeça em um esforço aparente de lembrar. – *Mas Ellen, sabia. Ela que me contou sobre você, que viria, um grande amigo. Eu não imaginava que era você. Não sei, mas algo me dizia que alguém muito especial eu iria conhecer hoje.*

Me impressionou toda a sinceridade e ao mesmo tempo a sua beleza. Estava usando um vestido entre a altura do joelho, um salto alto de cor sóbria e um colar com um toque discreto e elegante ao mesmo tempo.

- *Você está de carro?*

- *Sim, e você?* – Ela responde, com um sorriso.

- *O meu está logo ali...*

Paramos na calçada e em segundos estávamos nos beijando. Não sei como, quem tomou a iniciativa...

- *Senhor o portão está aberto!* – Avisa o senhor grisalho atrás do vidro escuro que dá passagem para o exterior do prédio.

- *Oh, desculpe...já estamos saindo.* - Continuamos rindo. Eu tento retirar o batom nos meus lábios, que sei, estão ali bem presentes. Nos abraçamos.

∞∞∞∞

Na manhã seguinte, a persiana branca que fica na janela do meu quarto não foi suficiente para esconder a luz do sol. Abro os olhos devagar. Estou anestesiado pela noite anterior. Pelo jantar, a companhia carinhosa e acolhedora de todos, mas sobretudo por Karen que dormiu comigo.

De fato, nem deduzi o quanto Ellen ficou sem graça pela afinidade que eu e a Karen rapidamente desenvolvemos.

Mas aconteceu o inevitável para nós dois.

Dormimos em meu apartamento.

Ela está ainda com os olhos fechados, me levanto devagar para não acordar.

Vou até a cozinha

Ponho água no fogo para preparar o café

Volto até o quarto e permaneço a olhando

- Ela me conhece, já me viu, deve saber até os meus gostos literários.

Enquanto estava ali paralisado a admirando continuo a imaginar a noite anterior, cada detalhe, como ela segurava o copo e levava até a boca, como se sentava, os gestos que fazia com as mãos, o desenho do seu corpo e do seus olhos, que quando encontravam com o meu, me paralisava.

Ela acordou e aos pulos levantou rapidamente segurando o lençol a frente dos seios.

- Nossa, me desculpe.... não deveríamos ...

- Calma Karen, foi tudo tão bacana.... não peça desculpas.

- Bem, que horas são?

- Quase oito e meia.

- Preciso ir agora.... obrigada por tudo.

Em alguns segundos já estava na frente da porta, sem aceitar nada, um café, uma água, um sorriso, um beijo de despedida.

A Livraria estava aberta desde as 09 da manhã, Karen era a responsável pela análise e aprovação de novos autores. Dependia dela e de Mohamed a confirmação se a livraria aceitaria comercializar as obras enviadas.

- Já estamos no segundo livro do Michel Palms e me parece muito bom. A Amazon recentemente lançou um romance dele, e parece que explodiu de vender. – Mohamed comenta impressionado.

- Isso é muito bom, precisamos verificar essas informações e juntar as referências para que apresentemos a direção. Você faz isso enquanto termino este último livro do Jas Cursos, aquele autor Francês que escreveu o Outro lado da Lua.

- Deixe comigo. Vamos lá.

Em frente a livraria, lá está eu, como um adolescente, tremendo por dentro como se estivesse flertando a primeira namorada. Eu olhava pela vitrine com os livros expostos e não a via. Inutilmente olhei toda a vitrine, tentando disfarçar que meus olhos procuravam insistentes pela Karen.

Entrei na livraria, fui a seção de Literatura, fingi estar lendo. Com alguns livros nas mãos me dirigi ao café localizado dentro da própria livraria. Com um belíssimo romance do Nicholas Sparks, eu peço um capuccino e tento encontrar a Karen, percorrendo as prateleiras de livro com os olhos. A vendedora dá dicas para um senhor sobre um livro que trata de cuidados com as plantas, em outro local dois garotos olham juntos e comentam sobre livros de super-heróis. É um ambiente inspirador mesmo.

Espere um pouco....

Descendo pelas escadas conversando com um rapaz alto de óculos, com ar de intelectual.

É ela...

Karen....

Vejo-a apontando para alguns livros e depois se despedindo e saindo da loja.

O que eu faço?

A perdi de vista novamente.

Depois daquele dia, fiquei sem notícias dela. Mesmo eu sabendo que onde ela trabalhava, eu não entrei mais na livraria. Passava sempre na frente, olhava a vitrine. Mas não entrava.

∞∞∞∞

Onde estão nossos cartões de visita com o logotipo em cores que você mesmo sugeriu?

Karen olha para o editor de arte que se vira para ela com um ar de poucos amigos, que naturalmente faz questão de não se importar muito com o que

acabara de ouvir.

-Querida chefe, nós não fazemos correções, nós fazemos a arte, mas se a senhora quiser podemos sim, alterar algumas coisinhas.

- Vamos ver se eu entendi direito. Você fez a arte, nós não gostamos do resultado final e agora me diz que não irá corrigir? É isso mesmo?

- Acho que a senhora entendeu.

- Não temos mais nada que conversar. Obrigada.

Karen sai sem olhar para trás, entra em sua sala e imediatamente liga para a central.

- Olá Cinthia, me transfere para o Departamento Pessoal.

Alguns minutos e o editor de arte está desligado.

Karen tinha uma personalidade forte, decidida, uma perfeccionista que primava pela excelência em tudo que fazia. Cuidar da livraria era um trabalho algo que ela se dedicava inteiramente. Havia se formado em letras, escrevia para uma coluna literária e lia compulsivamente. Algumas decisões que tomava, eram condicionadas pela preocupação em tudo estar perfeitamente ordem.

Há algumas quadras dali, eu estava trabalhando em casa, depois do insucesso causado pelo ocorrido com a propagação de uma invasão que infectou e prejudicou 40% dos clientes, eu resolvi me concentrar em criar protocolos de segurança que fossem capazes de encontrar desvios nos códigos de acesso remotos, bloqueando assim tentativas de burlar o nosso bloqueio. Eu continuava na empresa, não estava desligado da área, já havia obtido sucesso em experiencias anteriores, talvez, tão perigosas como essa então passei a trabalhar praticamente sozinho. Fui conquistando aos poucos o respeito, e colecionando um histórico de cases de sucesso, que me garantiu a confiança necessária para sobreviver a essa intempérie que estava passando com o que ocorreu.

Resolver esse problema para mim virou uma questão de honra.

- Alô, Gary.

- Grande Téó! O que manda meu chefe?

- Preciso que você resolva o quanto antes as entradas para inclusão de novas senhas, elas precisam ser randômicas. Talvez aí esteja a brecha.

- Um minuto ... estou verificando. Mais um minutoooooo.....espere

- Você vai ver linha 4321, é justamente ali....

- *Carambaaaaaa....*
- *Verdade.*
- *Tranque a porta que libera o acesso via web e via remota, veja como levantar o sistema pelo script.*
- *Sim, sim, momento.*
- *Estou acompanhando, não está fechando.*
- *Pronto.*
- *Isso. Preciso testar....*
- *Deu certo! Deu certo!*

∞∞∞∞

Já não conseguia mais parar de rir, com as histórias que o César me contava pelo telefone. Sempre nos falávamos, estávamos em contato todas as vezes que surgia um bom motivo para nos distrairmos rindo, contando as versões mais engraçadas sobre acontecimentos do cotidiano.

- Téo, eu conheci uma garota meu amigo.*
- *Sério? Que bom, agora vê se você toma jeito.*
- *Bem, você sabe que eu sou do jeito que elas adoram.*
- Sim eu sei....*
- *Ainda estamos nos conhecendo, saímos algumas vezes, ela é uma delícia.*
- *Poxa cara, fico feliz mesmo por você, quando vai vir com ela aqui na cidade?*
- *Em breve, em breve.*
- *Vai ser muito bom. Tom e Márcio vão celebrar a união dos pombinhos. Você precisa vir.*
- *Não posso mesmo. Então não posso demorar...mudando de assunto.... tem visto meu pai?*
- *Seu pai está sempre cantando....* - risos -*essa semana o vi, estava na apresentação no colégio das crianças, foi cantando músicas para o dia da árvore. Ele não fala muito mas canta demais.*
- *Seus filhos, como estão?*

- Estão bem, a Pati está ficando linda e o Pedrinho um jogador excelente, igual ao pai.... não os vejo muito, aquela vadia da mãe deles entrou com um pedido judicial que me impede de me aproximar. Você sabe, os homens sempre são os errados não é mesmo?

- Você não muda mesmo hein?

- Vou me cuidar sim, veja se aparece em garanhão?

Sorrindo, nos despedimos.

Já era o segundo casamento do César, o primeiro ele foi impedido de se aproximar da ex-esposa mesmo tendo dois filhos. Eu soube que ele era agressivo, o que chegava ao ápice por causa de seu ciúme, sua sensação de posse. Apesar de ser meu amigo, sempre soube desse lado sombrio dele.

O sol se pondo, eu já havia voltado para meu apartamento, quando o interfone toca. Era Karen.

- Claro, pede para ela subir por favor. Obrigado.

Vou até a porta do elevador, ela não havia me dito que viria. As luzes pararam no quarto andar, olho o relógio, 05:50as luzes dos andares se movimentam novamente e em alguns segundos a porta se abre. Ela desce e quando me ver seus olhos estão mergulhados em um oceano de lágrimas. Eu a abraço e entramos.

- Tome uma água – eu falo ainda sem saber o que estava acontecendo.

Antes que eu feche a porta, ela se lançou sobre mim, nos beijamos como se o mundo fosse acabar naquele dia, e não poderíamos desperdiçar nenhum uma chance.

Fizemos amor ali mesmo na sala, no tapete.

Cochilamos exaustos.

Quando acordamos ela se vira para o meu lado.

- Vou precisar viajar neste final de semana. E provavelmente ficarei mais alguns dias da próxima semana.

- Tudo bem, vou esperar você.

- Como assim tudo bem? Não vai ficar com saudades? Não vai pedir para que eu não vá

- Como assim Karen?

- Não é isso que os homens fazem? Não vai sentir saudades mesmo

- Eu não falei que não vou sentir saudades.

- Mas também não falou o contrário.

Ela se levanta e sai procurando as suas roupas.

-Ei, Karen, o que houve?

-Eu que te pergunto.

- Meu Deus, eu só não quero que pense que vou te proibir de algo que pode ser bom para você.

- Tudo bem, mas eu gosto de homens fortes que me seguram, e não que me soltam.

-O quê?

- Sim Senhor Teodoro.

Eu continuei sem entender, e obviamente não adiantaria me fazer ser entendido.

Permaneci sentado, enquanto a ouvia murmurando baixinho frases que provavelmente eram de insatisfação. E como num passe de mágica, tudo que passamos em momentos atrás se transformou em NADA.

∞∞∞∞

Era aniversário do meu pai, e como eu fazia todos os anos, voltava para Holambra afim de estar ele, isso aconteceu desde que minha mãe partiu.

Por acaso, me encontraria novamente com Ellen.

No fundo, eu desejava encontrar com ela.

Peguei o primeiro voo da manhã com destino a São Paulo, o avião aterrisou em Viracopos próximo a hora do almoço, ainda teria mais alguns quilômetros até chegar a Holambra, almocei em um restaurante no aeroporto e passando pelo saguão uma loja de flores, eu não evitei a certeza que encontraria Ellen, comprei umas flores e não as soltei até chegar em casa.

Todas as vezes que volto para Holambra sinto a mesma sensação, paz, tranquilidade e um forte emoção de estar em casa. O portão de casa estava aberto, e logo que passo por ele, Nick vem latindo como se eu estivesse vindo de uma guerra.

-Saudades meu amiguinho.... quanta saudades.....

Meu pai surge na porta, com avental que minha mãe usava

- *Filho....*

- *Pai....*

Meu pai veio me receber como acabou virando um hábito que eu adorava, pois não era comum até pouco tempo atrás.

Vi que ele estava com avental que minha mãe usava. Nos abraçamos rapidamente. Ele não gostava nada de expressar o que sentia.

- *Vamos entrar filho, deixe-me ajuda-lo com as malas.*

- *Pai, obrigado...*

Entramos, olhando em volta tudo estava intocável, inclusive as coisas da mamãe, até o pote com agulha e linha que ela usava para fazer suas costuras, a disposição dos móveis, as suas anotações coladas na geladeira com pequenos imãs de frutas.

Fui ao meu quarto enquanto meu pai voltava para cozinha.

- *Fez boa viagem?*

Antes que eu respondesse.

- *Vou preparar um café para você, com um pão e queijo fritos.*

- *Ah, sim...obrigado pai, vou adorar.*

Depois de alguns minutos, percebi que ele não havia mudado muito seu lado contemplativo, tentei a todo custo em vão algum assunto com ele, mas ele era irredutível, calado, não perguntava nada sobre mim, e também não me respondia nada sobre ele. Um verdadeiro monólogo, no qual eu mesmo era o interlocutor de minhas próprias falas.

Isso só me confundia, não tinha a menor percepção do que no fundo ele estaria pensando.

Descansei um pouco e em seguida fui até a casa da Ellen.

O pai de Ellen, se separou de sua mãe por causa de outra mulher. O que a abalou profundamente. Muitas discursões por causa do dinheiro envolvido a fizeram se refugiar em um pequeno apartamento no centro de nossa cidade, onde vivia sozinha. Sua mãe continuava brigando na justiça pelos direitos a empresa, a pequena fortuna que conseguiu com o Marido. Ele, irredutível, se distanciava cada dia mais da família, da filha. O pior, a sua amante trabalhava com ele, e durante muito tempo, foi grande amiga da mãe da Ellen, inclusive eram confidentes. Enfim, desgastes incontáveis corroboraram para um processo de divórcio ainda mais desgastante.

Como eu sabia que ela estava morando sozinha liguei para ela e combinamos que eu passasse para conhecer seu apartamento.

Ao abrir a porta, senti um perfume no ar, e aquele sorrisinho maroto dela que nos faz pensar que não existe problema no mundo.

Assim que entrei, os detalhes de cada cantinho me chamaram atenção, na mesa forrada por uma toalha com bordas de crochê feitos por ela mesmo, do lado da mesa, dois quadros pintados com frases de esperança “ Você é capaz “, “ Tudo que podemos ser é melhor do que o que podemos ter”. Ainda próximo plantas se deitavam sobre o pilar que dá acesso a cozinha. Na janela, vasos de flores. No sofá, uma manta bege e um tapete que combinava com um de seus quadros, o mar, o sol e uma casinha de sapê.

- *Téo, que saudade.....*

Um grande abraço nos demos por alguns minutos

- *Como você está?*

- *Estou bem, sim...e você como está? Quando chegou?*

- *Cheguei hoje pela manhã, estou um pouco cansado, mas queria saber de você pessoalmente.*

- *Oh Téo, você é um doce mesmo. Venha sente-se, vou preparar algo para comermos.*

- *Posso ir com você a cozinha?*

- *Sim, claro...venha comigo....*

Passamos pela sala que tinha um estante com fotos. Vi a foto dela com Alex.

- *E você e o Alex?*

- *Estamos tentando mais uma vez.*

- *Como assim? Vocês se separaram alguma vez....*

- *Vamos para a cozinha que eu te expliquei.*

Entramos na cozinha, e por um instante pensei estar em uma cozinha de um Cheff de cozinha, com penderes sob um balcão com tampo de madeira, em volta cadeiras e panelas penduradas em uma parede de tijolinho com quadros grandes.

- *Como é bonita sua cozinha.*

- *Ah Téo, obrigada... você sabe que sou arquiteta, e que adoro decorar.*

- Está muito bonito tudo...pelo que eu sei seu pai queria que você cuidasse das empresas, ou estou enganado?

- Primeiro obrigada pelo elogio, mas você é suspeito falar Arquitetura não era o sonho do meu pai, ele queria que eu fizesse administração e cuidasse das empresas. Mas eu não tenho o menor jeito, e também a minha mãe, é doente pela empresa, com certeza não permitiria que eu metesse o nariz nos negócios.

- Compreendo.

- Vou fazer um lanche para a gente.

-Hum. O que vai ser?

- Vou fazer algo muito parecido com uma lasanha, só que feita com pão, você pode trocar o creme de leite por requeijão, fica super cremoso

- Aceito....aceito....

- Pega esse pacote de pão, retire as beiradinhas das fatias, distribua as fatias em uma forma até que preencha todo o fundo.

- Sim senhora madame...

- Téó, Téó....(risos)

Em uma vasilha ela despejou o creme de leite com o molho de tomate e o tempero, em seguida misturou bem.

- Isso vai ficar uma delícia.

- Ellen, o que eu faço agora?

- Agora Distribua mais uma camada de pão, molho, queijo, presunto, tomates e azeitona

Esperamos uns 30 minutos para ficar prontos, enquanto isso ela abriu um vinho branco e começamos a conversar sobre ela.

- Bem Téó, o Alex é um cara legal sabe, ótimo namorado, mas não tem a mínima paciência com a minha limitação.

- Eu não conheço o Alex, mas sei que ele era titular no time do Santos, não era?

- Sim, esse é outro ponto, ele precisa viajar muito.

- Entendi.

- Esse não é a questão, a questão é que a Endometriose me causa incômodos que diminuem várias coisas como apetite sexual e aumentam

outras como dor, cansaço.

- Você já tentou conversar com ele sobre isso.

- Já, ele no começo não acreditava muito, mas em seguida até tentou ir comigo nos meus médicos, mas alegava que era tudo coisa da minha cabeça.

Com o tempo eu soube mais sobre isso, por exemplo que a dor da endometriose pode se manifestar como uma cólica menstrual intensa, ou abdominal à relação sexual, ou dor “no intestino” na época das menstruações, ou, ainda, uma mistura desses sintomas

- Me fala sobre o trabalho, a empresa, é verdade que a maioria dos funcionários foram transferidos para Manaus?

- Sim, eu continuo no Rio de Janeiro, diminuíram pela metade a força de trabalho no Rio de Janeiro, a maioria foram para Manaus mesmo.

- Nossa....

- Agora eles dobraram as responsabilidades para aqueles que ficaram na empresa. Eu mesmo assumi toda uma área, a de Segurança da Informação dos Clientes no Brasil. Tive que abrir uma empresa paralelamente para prestar serviços ao invés de ser funcionário. É um novo modelo de negócios, segundo eles.

Ficamos conversando enquanto tocava Forgiveness de Ed Black.

Comemos devagar. vinho... música.... pôr do sol....

Deixei Ellen já no final da tarde, quase escuro.

Para ser sincero, com uma sensação de alegria tão grande como a muito não havia me sentido.

O Alex chegou no apartamento de Ellen, alguns minutos após de eu ter deixado o prédio.

- Então você estava com alguém? -Pergunta em alta voz

- Porque está gritando.

- Me fala logo.

- Nós ficamos conversando a tarde toda, Téo é meu amigo desde criança, somos quase como um irmão para mim.

-Sei, irmão...

- Alex, eu não preciso mentir para você.

Ele se aproximou de Ellen e segurou-a pelos braços a beijando com força.

-Alex....

Continuava beijando sem parar.

- *Você bebeu?*

-*Sim, tomei alguns goles, mas não estou bêbado.*

- *Meu Deus, eu já te pedi para não beber.*

-*Você não manda em mim sua vadia.... comece a tirar a blusa agora....*

-*Não irei tirar....*

O que houve ali não foi romântico, o Alex forçou o sexo, conseguiu, mas também conseguiu uma raiva gigantesca da mulher que poderia ter sido sua esposa.

Ellen, o pôs para fora do apartamento.

Não quis registrar nada na Polícia.

Mas ficou muito mal.

∞∞∞∞

Karen voltou de viagem justamente no dia seguinte em que eu estava em Holambra.

- *Hoje eu vejo as coisas como elas realmente são. Voltei de minha viagem e você não está aqui para me receber. Provavelmente deve estar muito ocupado.*

- *Karen, tudo bem com você também. Você sabia que é aniversário do meu pai. Eu falei para você que ele está sozinho e eu preciso estar com ele nestes momentos.*

O telefone fica mudo por um instante.

Escuto um telefone tocar do outro lado da linha, era para Karen.

- *Alô, sim...pode falar... um minuto Téó.*

Dá até para eu vê-la quando atende um telefonema importante, se levantado, esquecendo totalmente a conversa que estava tendo, zanzando de um lado para o outro - *sim, eu avisei ao Sandro sobre as correções que precisavam serem feitas antes do lançamento do livro....*

- *Téó, me desculpe...vou atender esta ligação e já te ligo.*

Com certeza ela estava com o celular na mão gesticulando como se o seu interlocutor estivesse ali na sua frente.

- *Desisto, incurável, sem o menor esforço de empatia, para ela uma ⁴Workaholic nata eu não teria a menor chance pois o trabalho sempre viria em primeiro lugar, sempre. Acima de tudo.*

Desliguei o meu telefone pensando eu, em uma última tentativa, ela poderia se sentir culpada por ter me deixado totalmente *no vácuo*. Mas não foi o aconteceu, não é bem o que acontece com quem convive com este tipo característico de pessoa, ou se acostuma em ser apenas coadjuvantes ou se tornam descartáveis.

Ela não me ligou de novo e as duas vezes que tentei fazer isso o seu telefone estava ocupado.

Os meses se passaram sem muitas novidades, o trabalho que estava desenvolvendo a partir do desligamento da Rohm agora se tornou mais online, e todo o esforço de ação não era mais ⁶*in loco*. Busquei me adaptar à nova realidade, preparando um local apropriado dentro de meu apartamento para que me permitisse trabalhar sem distrações, já que não teria supervisão de ninguém.

Providenciei uma mesa preta com tampo de vidro, um poltrona confortável marrom escuro, atrás de mim uma estante de livros, com gavetas práticas que eu guardava alguns documentos necessários para que não precisasse sair para nada. Do lado direito separei uma mesa de apoio com uma cafeteira, uma jarra com água, e alguns biscoitos. Era o suficiente para me manter sentado concentrado por horas.

O meu telefone tocava pouco, eu não tinha secretária, não precisava. Para mim o contato era direto, eu mesmo atendia e assim aconteceu.... recebi a ligação que iria mudar minha vida de uma vez por todas.

Nunca vou esquecer aquela quarta-feira ensolarada de janeiro.

- *Alô Téó?*

- *Alô....quem é? Ellen?*

- *Sim, eu mesma, como sabia?*

- *Oiii.... Que surpresa, você não acredita, mas eu estava pensando em você.*

- *Mentira Téó?*

- *Claro, claro...estava ouvindo aquela música que você adora.*

- *Hollow Coves..*

- Sim....
- *When we were Young*
- *Que significa.... Quando éramos jovens....*
- *É linda, não é?*
- *Sim...linda*
- *Bem, deixa eu ir direto ao assunto pois sei que deve estar ocupado....eu estou indo para casa da minha tia para concluir aquele tratamento lembra?*
- *Claro, claro....*
- *Ela não parece ter gostado muito, pois está com um novo namorado que conheceu nos encontros da terceira idade, ao que me parece não serei muito bem-vinda. Mas irei assim mesmo e de qualquer forma, gostaria de te encontrar para conversarmos o que você acha?*
- *Será ótimo será mesmo....eu estou trabalhando em casa, o meu escritório é em casa. Lembra que eu te falei sobre isso da última vez aí em Holambra?*
- *Claro que lembro.*
- *Porque não fica hospedada aqui enquanto está no tratamento.*
- *Não sei Téó....*
- *Faço questão, prometo me comportar....*
- *Seu bobo....*
- *Vai me dizer que você está com medo de reconhecer que eu sou um grande mestre na cozinha ...*
- *Hummm, assim não vale....*
- *Ainda tem o Clóvis que pode te levar para aonde você precisar.*
- *Sabe que não é uma má ideia....*
- *Bem, o convite está feito e eu realmente gostaria de sua companhia*
- *Vou pensar...*
- *Promete?*
- *Prometo...*

Alguns dias se passaram até ela vir, mas assim que desliguei o telefone uma súbita euforia tomou conta de mim. Pus a música mais alto, pulei no sofá, dancei sozinho. Os dias seguintes eu preparei a casa, comprei novas roupas de cama, perfumes aromatizantes em todos os ambientes, fiz uma feira com muitos alimentos que sozinho eu jamais compraria, tipo legumes, verduras, essas coisas.

Quando ela chegou com uma pequena mala, eu já estava aguardando com um lanche sobre a mesa, o apartamento cheirando a limpeza, o vinho já estava na geladeira a dias....

- *Meu Deus, como ficou legal o seu apartamento.*
- *Gostou?*
- *Claro, claro...ficou lindo.... a mesa, a cortina.... o seu escritório.... nossa...*
- *Vindo de uma arquiteta, para mim é um grande elogio.*
- *Como foi a viagem?*
- *Foi ótima, o Clóvis que me trouxe.*
- *Que bom...que bom...*

Naqueles dias nos aproximamos como nunca havia acontecido antes, mesmo com toda nossa história de amizade. Fomos silenciosamente envolvidos em pequenas descobertas em comum, tantas coincidências que estavam lá dentro de cada um de nós mas nunca percebemos, ou nos demos conta.

Evitamos o que já estava predestinado a acontecer, o que sentíamos um pelo o outro já não dava mais para segurar.

De certo modo não planejamos nada e tudo aconteceu delicadamente como deveria ser.

Amor no ar

A tristeza de uma despedida é necessária para que haja a alegria de um reencontro.

Edmundo Dragon Heart

Nas tardes daqueles dias, costumávamos passear muitas vezes na Confeitaria Colombo do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro com direito à vista ao Forte e ao museu se tornou um programa clássico para nós. O Forte que fica na exuberante da praia de Copacabana, quase coladinho ao Arpoador e a praia de Ipanema, outras vezes saíamos para comprar pão pelo bairro mesmo, tomar café com pão e queijo torradinhos, ela sempre fazia aquele gesto de estar adorando.... *hummmmmm*.

Como eu estava trabalhando em casa, a maioria do tempo, passávamos juntos. Recordo-me das vezes em que ela ficava horas na rede de descanso lendo ou na varanda olhando os prédios em volta. Escuto até ela dizer baixinho “*Continue, não quero te atrapalhar...*”

A música The Weeknd com Kina Grannis e Max era repetida com uma frequência tão natural que dava a impressão que todas as faixas continham a mesma música. Ela adorava escutar a harpa tocando no começo, duas vozes e uma só melodia.

Algumas vezes dançávamos em plena luz do dia, ou, ficávamos apenas sentados e outras a sentia me olhando.

Nossas idas de noite até a cozinha para fazermos vitamina. Quando eu ficava até mais tarde para concluir algo, ela me perguntava se eu estava com fome e sem que eu respondesse me trazia aqueles sanduíches enormes.

E assim se seguiram aqueles dias maravilhosos.

O tratamento de Endometriose havia trazido algumas consequências inevitáveis, como desconfortos que consequentemente causavam falta de apetite, alteração de humor, entre outros sintomas, mas a força de superar esses incômodos era incrível. Ela sempre estava sorrindo.

Em uma das consultas eu fiquei sentado ao lado dela enquanto em silêncio segurava minha mão.

- *Téo?*

- *Oi querida.... você não precisa estar comigo. Você não precisa passar por isso...*

- *O que você está falando? Como assim?*
- *Eu sinto muito.....muito....*
- *Ellen?...por favor.... eu não estou fazendo nada demais. Quero estar com você e me preocupo com o que está passando.*
- *Você sabe que nenhum dos meus namorados aceitaram?*
- *Como assim?*
- *Todos pensavam que a dor que eu sentia era brincadeira ou que estava evitando-os. Sempre dava algum tipo de confusão quando não, eles simplesmente sumiam. Eu não conseguia corresponder a altura sabe? E nenhum deles se importava.*

A verdade que descobri depois que aprofundei sobre o assunto é que muitas mulheres com esse problema nunca se sentiam plenamente atendidas quanto às suas questões sexuais, já que as dores, os incômodos que teimavam em permanecer limitava-as.

A expressão dos seus olhos remetia a um misto de amor e ao mesmo tempo segurança todas as vezes que eu perguntava sobre o que ela estava sentindo. Naqueles dias cheguei a pensar várias vezes que os nossos caminhos estavam cruzados desde o começo, eu precisava dela, e ela, de mim.

Apesar de estamos próximos algo me veio a lembrança: os pais dela, desde que se separaram, nenhum deles a procurou. Com certeza não devia ser bom para ela, talvez até mais do que eu poderia imaginar.

- *Ellen, fiquei pensando que talvez você devesse falar com seus pais.*
- O olhar dela era de atenção ao que eu tinha a dizer.
- *Eu acho que talvez se você permitir eu posso ligar para sua mãe, o que você acha?*
 - *Não sei, talvez.... mas por favor, se você notar qualquer reação negativa da parte deles, de qualquer um deles, por favor não me diga.*
 - *Certo..., mas duvido que isso aconteça.*
 - *Eles não se preocupam com a saúde deles, muito menos com a minha. Meu pai sempre alegou que essa doença que eu tenho e que minha mãe também tem é frescura, é mentira.*
 - *Mas eu na verdade não entendo de ele achar isso? Porque você mentiria?*
 - *Eu não sei se ele se preocupava, mas minha mãe sim. Ela não atendia às suas expectativas sexuais e isso irritava-o profundamente.*

- *Você há de considerar que não é tão simples assim?*

- *Sim, eu tenho consciência disso Téo, mas vai muito do que se sabe sobre o assunto. Conheço várias mulheres que não conseguem fazer com seus parceiros aceitem o que torna a convivência um saco.*

Ficamos em silêncio, eu tentei digerir toda as informações de forma que inconscientemente estivesse me preparando para o que viria. Sempre fui um homem com facilidade em conquistar outras mulheres, sempre fui fogoso por natureza, uma herança que sabe familiar, essas palavras de Ellen soavam como um aviso que não iria ser fácil. Mas eu estava disposto a enfrentar.

Por ela, por mim.

Naquela semana o tratamento havia terminado e ela voltaria para Holambra, fomos ver o mar um dia antes dela viajar.

Antes de chegar na praia fomos cantando, cada música como se o tempo tivesse voltado, éramos jovens com a mesma euforia daquela época.

Foi uma tarde maravilhosa. Saímos andando pela areia e voltávamos com conchas nas mãos e depois criávamos desenhos na areia com elas.

Quando eu mergulhava, de longe a via sentada acenando com mão.

Eu estava apaixonado como nunca havia antes estado.

Voltamos, já era quase noite.

Estávamos muito felizes.

Sugeri que fôssemos ao Talbet que nada mais era do que um desses barzinhos que ficam na orla da praia, e que nas noites, a gente pode escutar músicas, com toque meio havaiano tomando sucos deliciosos para alguns e chopps para outros.

Eu queria aproveitar cada minuto.

- *Topo, eu topo, vamos, vamos....* - Ela afirmou aos pulos no carro, como uma criança, Ellen me abraça.

- *Tudo bem....eu só posso concordar com a dama.*

Sentamos em um lugarzinho que dava para ver a noite, as estrelas beijando o mar contribuía para transformar a noite ainda mais fascinante.

Tomamos algumas cervejas, depois água com hortelã, alguns petiscos e novamente os risos, as piadas, as lembranças. Algumas pessoas começavam a chegar, e para nossa surpresa, a música seria com Cassy, uma cantora local que cantava músicas de nossa época.

- *Aceita dançar?... - E fomos para o centro*

Nos abraçamos e começamos a dançar...

- *Téo, como demorei tanto para perceber*

- *Bem eu não sei o que você percebeu, mas eu percebi o que quanto você é linda...*

- *Seu bobo....*

-*Sério.eu estava cego?*

- *Estou falando sério...*

- *Eu também...*

-*Eu demorei para perceber que adoro você.*

- *Eu estava pensando a mesma coisa, eu também me adoro...*

- *Engraçadinho....*

- *Verdade, eu adoro gostar de você.*

Nos beijamos por algum tempo e quando a música acabou, voltamos para a mesa.

- *Ellen, o que houve?*

- *Não foi nada. Podemos ir?*

- *Ok, ok, vamos Garçom por favor traz a conta*

Voltamos para o carro, e durante todo o percurso de volta, nenhuma palavra, apenas quietos ouvindo a música.

Quando chegamos no apartamento, eu abracei-a enquanto tomava água.

-*O que houve Ellen...*

- *Eu não gostaria de falar...*

- *Ok, mas não vamos deixar nada estragar esta noite. Foi tão especial esses dias não acha?*

- *Sim...*

- *E então...?*

- *Eu estou com receio. Você pode mudar sabia? É bonito, tem um bom emprego...pode me esquecer facilmente, e o que é pior.*

- *O que é pior?*

- *A gente pode perder até nossa amizade sabia?*

- Isso não vai acontecer....

Permanecemos abraçados até terminamos na cama.

∞∞∞∞

Após minha insistência para que ela ligasse para o pai, ela o fez no dia seguinte, no dia que iria retornar a São Paulo.

- Pai, está tudo bem com você?

- Não, sua mãe está de caso você sabia?

- Não sabia pai...

- Você nunca sabe de nada mesmo não é. Nunca procura se seus pais estão bem, se estamos com algum problema. Afinal para que criamos um filho não é mesmo?

- Como assim pai? Por favor olha o que você está falando,

- O que estou falando é a mais pura verdade. Você foi embora para o Rio, surfar com o Teozinho, enquanto eu cuido de tudo. Sua mãe não quer saber de nada, agora mesmo soube que está em Portugal com seu amante ou ... novo namorado...sei lá, não me importo.

- Pai

- O que é.

- Eu estou cuidando de mim, não foi o que você sempre me ensinou?

Um silêncio se fez do outro lado da linha por alguns instantes.

- Filha...

- Sim, é mas estou bem, passei muito mal alguns dias atrás, agora já estou melhor, eu estou no apartamento do Téo porque minha tia está de namorado novo sabia pai?...

- Meu Deus filha.... porque não me ligou?

- Não queria incomodar você

- De certa forma você conhece seu velho pai, filha, realmente não tenho tido muito tempo. Os negócios você sabe como é?

- Sim pai....eu sei...

- Me fale mais, está precisando de dinheiro?

- *Não pai está tudo bem eu tenho dinheiro guardado do carro que eu vendi.*
- *Eu irei depositar mais algum dinheiro na sua conta. Sabe aquela obra próximo a BR? – antes que assentisse - estamos concluindo a fundação e assim que terminar irei te visitar.*
- *Obrigada pai....*
- *Filha*
- *Sim....*
- = *Eu te amo...*
- *Eu também*

No quesito relacionamento familiar, eu percebi que Ellen e os seus pais eram frios, ausentes, cada um por si. Mas eu não iria julgar e nem tão pouco emitir minha opinião, era tudo tão difícil para ela, porque eu deveria piorar, não é mesmo?

Imagino que estar longe para ela não era uma opção, mas uma necessidade. Sinto que este afastamento físico entre eles, de um lado a permitiu experimentar um olhar mais amplo sobre vários aspectos da vida, que não eram lhe apresentados convenientemente por nenhum deles. Ela aprendeu sob um ângulo mais afetuoso talvez, ou até, mais complacente o valor contido nas pequenas coisas.

O fato é que a conversa entre eles, sempre encerrava quando não beirava a discursão, em uma compensação financeira, obviamente para suprir a ausência afetiva.

Em minha saga por conhecimento no intuito de auxiliar de alguma forma o seu tratamento, li sobre uma pesquisa feita pela ⁶London School of Economics, no Reino Unido que analisou as respostas de 200 mil pessoas de Austrália, Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos sobre os fatores que mais influenciam a sensação de bem-estar das pessoas, confirmando que o amor “*compra*” mais felicidade que o dinheiro.

Quando se trata de relacionamento, algo tão delicado, eu sempre fui muito cético com pesquisas assim, principalmente se exigisse uma definição absoluta entre o correto e o incorreto, o verdadeiro e o falso; acredito piamente que quando confrontadas cada parte tem sua própria verdade, cada lado tem sua uma perspectiva particular, percepções intrínsecas pertinentes ao que cada um viveu, ao que vive, ou, ao que se esperar viver, o que torna ainda mais impossível de estabelecer um ponto único como resposta, sob qualquer perspectiva.

O fato aqui era que Ellen sofria pela falta de algo tão genuíno, legítimo em tantas famílias, mas negligenciado em tantas outras, o amor. Um amor companheiro, acolhedor, um amor de pai, mãe nesse caso.

Sabe, ela me contou tantas histórias de sua infância, como nas reuniões do colégio que os seus pais sempre discutiam meramente para ver quem iria, um jogava para o outro e no fim, na maioria das vezes, nenhum aparecia. Afastamento que também acontecia com frequência em suas apresentações do coral, do ballet, do teatro e na medida que foi aproximando a vida adulta, um afastamento quase que completo de ambos os lados.

Eu sinceramente imagino que eles acreditavam que o dinheiro substituiria todo o resto ou que não seria necessário estar por perto fazendo aquelas coisas que geralmente os pais fazem como conversar, comer juntos, passear, brincar, rir, saber como foi o dia, viagens e em até não fazer nada.

Com certeza depois de algum tempo nessa roda viva, essa falta, dá uma outra “cara”, a “cara” da solidão, do estar à deriva, sem rumo e sem direção. A lacuna deixada por essa falta pode ser encarada de diferentes de formas, de pessoa para pessoa.

Lembro que enquanto ela contava o que tinha vivido desabafando, as peças iam se encaixando para mim, eu sentia lá dentro um enorme sofrimento em cada palavra que ela cuidadosamente escolhia para descrever o quanto de pequenas dores foram somatizando, consequentemente transformando-se em câncer.

Ainda no exército recordo-me que houve uma festa em sua casa, era aniversário de sua mãe, Ellen estava feliz e entusiasmada. Ela chamou todos nossos amigos para a festa que iria ocorrer no clube do condomínio luxuoso que ela morava; o pai dela bebeu demais causando uma série de incômodos inclusive com Beth, nossa amiga incomum, forçando-a a dançar tantas músicas que no fim Beth foi embora. Soube que os discursões, choros e indiretas foram corriqueiras durante toda festa. Conclusão: nunca mais Ellen fez festas em sua casa, o que para ela era mais um motivo para distanciamento.

O colégio era, na maior parte do seu tempo, um refúgio para ela, lá era onde ela encontrava alegria, mais que um local de aprendizado para ela servia de entretenimento que auxiliava a esquecer sua casa, seus pais, seus problemas.

Eu fico me perguntando, como eu nunca prestei atenção nela. Como eu deixei se* passar tantas oportunidades para conhecer quem verdadeiramente ela era. Um ser iluminado, uma aura linda, tão brilhante que resplandecia acima de tudo que ela passava.

A tarde chegou e as suas malas já estavam prontas, nós olhamos como se não estivéssemos acreditando que logo agora teríamos que nos despedir.

Ela se foi e com ela metade do meu coração.

∞∞∞∞

AExpoflora em Holambra é um acontecimento maravilhoso em nossa pequena cidade, mais de 300 mil turistas visitam a exposição durante os dias que acontece esse evento. Eu nunca perdi nenhum deles, desde a época do colégio, e hoje tinha um sentido especial, Ellen iria expor seus quadros de flores, não poderia perder.

Desde o dia que ela se foi, não consegui contato com ela. Certamente estava me evitando, com receio de sofrer novamente, ou quem sabe, o pior, perder nossa amizade que sempre foi tão linda.

Os seus quadros estariam na Exposição de Arranjos Florais que ficava logo após a Mostra de Paisagismo. Lá o principal objetivo era de mostrar variados arranjos de todos os tipos de flores produzidas em Holambra em um ambiente climatizado.

E seria lá que eu a encontraria novamente.

Eu não avisei que iria, nem pai mesmo sabia.

Estava de óculos escuros, vestia um jeans com uma camisa branca, ansioso, nervoso, tenso, vários adjetivos poderiam ser usados, mas o fato é que estava me sentindo como um adolescente em seu primeiro encontro oficial.

As pessoas vagavam por entre a exposição, belíssimas flores deixavam um perfume no ar indescritível, impressionantemente romântico, como eu... medroso como eu.

Eu estava lá por entre as pessoas como um visitante, mas conhecia cada cantinho, cada lugar, e o mais importante, eu sabia onde ela estava.

De nervosismo não fiquei seguro em ir no primeiro momento, ao contrário, queria evitar a sensação de não ser bem recebido por ela, afinal, não havia conseguido desde que ele se foi do Rio, nenhum contato, nenhum sinal de que estaria me esperando.

Ela não estava me esperando.

Ou estava?

Enfim...

Escolhi um lugar tranquilo, se é que poderia ter encontrado nessa multidão, mas tranquilo mesmo para mim era tomar coragem para ir até onde ela estava. E para isso eu precisava de coragem.

Um café?

Sim...

Dois cafés...

Sim....

Três cafés...

Sim...

Pronto?

Não ainda....

Mais um café...?

Não, tomei uma água, comprei uma bala para tirar o hálito do café.

Me levantei e

Fui....

Fui devagar fingindo estar conhecendo tudo como na primeira vez.

E de repente como se fosse a primeira vez, vejo ela.

Está de avental verde, com uma blusa escura.

O cabelo como uma cascata é amparada por um leve toque colorido de uma flor que segura um lado do cabelo, deixando descer alguns fios sobre os olhos, o que transformam seu rosto em uma das mais belas pinturas. Seu sorriso ao atender os clientes preenchem as flores que estão expostas como se o sol estivesse entre elas.

Eu fico parado no meio das vai e vem das pessoas ao meu lado.

Não escuto mais nada.

Não falo nada

Não faço nada

Apenas observo.

Como pode existir tamanha beleza?

Como pode haver tanto frescor?

Enquanto estou simplesmente congelado, meus pais parecem pesar mil quilos, minhas coxas petrificaram-se e os cílios dos meus olhos pararam.

Ela olha em minha direção.

Sorri tirando aqueles fios de cabelo, pousando por trás da orelha.

Eu começo a querer desmaiar.

Não consigo sair do lugar e ela continua me olhando.

Vejo-a saindo devagar olhando para mim.

Entrega o avental para alguém que deve trabalhar com ela.

Cumprimenta alguns fregueses e vem.

Vem olhando para mim.

Estou com as mãos na cintura, pois não paro de suar.

- *Téo....*

- *Hã....*

- *Téo, você está bem?*

- *Sim, sim.... claro.... e você.... como vai?*

- *Estou bem...ninguém me avisou que viria.*

- *Sim, é verdade. Quer dizer...eu não falei para ninguém.*

- *Quer sentar um pouco? podemos procurar algum lugar.*

- *Sim, por favor.*

Aos poucos fui recobrando os movimentos, a consciência e o meu coração voltaram a bater compassadamente. Fui me sentindo normal e minhas mãos começaram a parar de suar.

Nos sentamos em baixo de um ipê rosa, simplesmente maravilhoso.

Em silêncio, ficamos olhando para a árvore.

Olhamos um para o outro.

-*O que houve? Você não me atendeu? Não me ligou. Eu estava preocupado com você*

Ela não responde abaixando a cabeça.

- Eu não sei o que você sente por mim, mas sei o que eu sinto por você.

- *Téo, por favor.*

- Você precisa me escutar. Eu pensei que o que passamos tivesse algum significado para você. Foi tão forte para mim tudo que vivemos nestes últimos dias. Eu não parei de pensar em você nem um minuto. Não planejamos nada, apenas aconteceu. Depois você sumiu, me deixou sem saber se o que vivemos foi invenção da minha cabeça....

- Téó, eu te amo.

Parei a respiração na mesma hora. Estava pronto para os maiores argumentos possíveis para convencê-la do que eu sentia.

Olhei naqueles olhos escuros lindos e sem nenhum esforço minha boca como ímã foi de encontro a sua.

A música nos meus ouvidos me fez sentir que eu estava no paraíso.

- Eu também te amo.

- Muito....

- Eu amo mais....

Rimos e nos abraçamos.

∞∞∞∞

O café da manhã na casa do meu pai dessa vez foi diferente, a vitrola dele estava tocando logo cedo, as mesmas músicas de outrora. Levantei ainda com o sol tímido, ele já havia agado as plantas sob os olhos vigilante de Nick, que ficava deitado nos degraus cuidadosamente prestando atenção a tudo que meu velho fazia.

- Bom dia pai...

- Bom dia filho...o café está na mesa.

- Obrigado....já leu o seu jornal.

- Sim...a câmara de vereadores irá votar a mudança nos valores do IPTU.

- De novo pai?

Ele ri, como se eu nunca tivesse saído dali.

Assim que sentei, Ellen apareceu radiante como a aurora.

- Bom dia meu amor....

Levantei e puxei a cadeira para ela se sentar.

- Melhor dia impossível.
- O meu também foi ótimo.

Havia um bolo de cenoura com cobertura de chocolate que eu adorava, mas não me lembrava de que meu pai sabia fazer.

-Pode olhar, espero que goste, eu fiz com seu pai enquanto você dormia. Foi a quatro mãos.

- Como assim? Você não foi dormir comigo?

- Sim, mas era tarde quando vi barulho na cozinha. Seu pai queria fazer algo para você acordasse e eu apenas ajudei, escrevi a receita para ele e fui acompanhando. No final ele não quis concluir com receio de não ficar do jeito que você gosta, e eu terminei

Nesse instante meu pai entra e timidamente sorri para mim.

- *Poxa pai, não sabia desse seu dote culinário.*

- *Espero que goste.*

- *Está uma delícia pai.*

- *Ellen me ajudou, agradeça a ela também.*

Olhei para ela, segurei sua mão e beijei.

O café terminou, fomos para a varanda.

Ficamos nós três lá conversando metade da manhã.

Eu precisava voltar para o Rio de Janeiro, algumas reuniões e apresentações estavam agendadas, Ellen veio comigo e pela primeira vez viajamos de avião juntos.

Clóvis já nos esperava como sempre no aeroporto.

- *Sr. Téó, Dona Ellen sejam bem-vindos...*

- *Olá amigo, como vai? me ajude aqui com as malas.*

Seguimos pelo mesmo caminho que fazíamos todas as vezes do aeroporto para o nosso apartamento. Clóvis nos contou suas histórias e como o Rio, em sua concepção havia mudado desde que partimos.

Os dias no Rio após a chegada de Ellen foram maravilhosos.

Entre uma e outra reunião e um e outro remédio para endometriose de Ellen, vivemos dias mágicos. Não havia espaço entre nós para discursões sem sentido. Estar perto um do outro era bom demais, as vezes apenas com um

olhar já era o suficiente para que soubéssemos o que o outro gostaria de dizer.

Não eram necessário palavras.

Às vezes, passávamos até horas em silêncio meditando.

Ela dizia que o silêncio era como uma música, nós não vemos as notas, mas sentimos a melodia quando paramos em silêncio para escutar.

Ela me fez voltar a estudar inglês. Entramos juntos em um curso na mesma rua do escritório no qual eu participava como consultor. Eu ia três vezes na semana para reuniões, nos encontrávamos no saguão do prédio, ela me esperava, linda, sentada lendo pacientemente o seu Kindle.

O curso era um desafio para mim, que já vinha calejado de tantas tentativas frustradas no intuito de aprender o idioma. O meu trabalho exigia conhecimento um mínimo de familiaridade com o idioma, digamos reconhecer a linguagem técnica utilizada pelos programas, eu já conhecia algumas expressões padrão rapidamente, destarte precisava me libertar da seara dos jargões e termos desse universo de TI e navegar por outros mares, escapar do Google Translator que usava até mesmo em conversas triviais.

Ela já dominava, apenas me acompanhava sentando do meu lado, me dando forças para que eu não desistisse. Sempre ria com minhas respostas nada usuais para um aluno, como por exemplo eu insistia em responder qualquer pergunta do professor apenas com “What?”, virando um jargão, todas as vezes, antes de responder quando indagado na sala de aula, a classe quase inteira respondia em uníssono “WHATTT?”.

Sem falar que eu falava para Ellen que para aprender inglês de verdade a gente precisava assistir filmes em inglês sem a legenda, era um verdadeiro fracasso para mim, como no filme o Gladiador com Russell Crowe que conta a história de Commodus toma o poder e se livra de Máximos, um dos generais favoritos de seu predecessor e pai, o grande filósofo, rei e imperador Marcus Aurelius. O bravo guerreiro é forçado a se tornar gladiador nas arenas e precisa lutar pela vida.

O embaraçoso para mim é que durante todo o filme, que assistimos em um sábado tarde, em nossa casa, com direito a pipoca e sanduíche de pernil, é que fiz confusão com o enredo do filme, por causa de minhas debilitadas traduções cujas as palavras não condiziam com o verdadeiro sentido.

E foi assim que ficamos várias tardes juntos, sobre o pretexto que estávamos exercitando o inglês, mas o que queríamos mesmo era apenas ficar juntos.

Nessa época, como pequenas viagens pelo litoral. Como quase sempre é

verão aproveitamos no mês de abril que era seu aniversário para irmos para um lugar de mar calmo onde quase não tem onda, escolhemos a Praia da Azeda e Azedinha, a maravilhosa Costa do Sol, sem prédios, sem trânsito e com um visual de tirar o fôlego. Antes passamos no centro de Búzios, compramos alguns artesanatos, uma linda canga para ela, que confesso, a canga só ficou bonita porque foi ela que vestiu. Em seguida caminhamos pela deliciosa Orla Bardot, atravessamos a Praia dos Ossos, e em seguida alguns minutos com o pé na areia, encontramos a escadaria para a Praia Azeda.

A praia tem um casarão abandonado que serve de apoio para os vendedores ambulantes que comercializam comidas e bebidas. Com inúmeras barracas, a oferta era bem variada.

Naquele dia decidimos que iríamos ficar na Vila de Pescadores e assim o fizemos, afinal, alguns dias em Búzios revigora qualquer um. São 20 praias ao todo, e precisaríamos de mais alguns dias para conhecer.

Nos hospedamos em um hotel de arquitetura colonial, nostalgicamente decorado e com uma boa infraestrutura de quarto, com portas voltadas para a praia, e coqueiros que dançavam com o vento.

A noite na pista de dança ficamos tão envolvidos, que nem parece que o lugar estava lotado.

Subimos para o quarto.

Nos amamos como se o mundo tivesse sido feito apenas para nós dois justamente naquele dia.

Acordamos ainda cedo para garantirmos o primeiro aquátaxi. O **aquatáxi** é um meio de transporte mais divertido e molhado de **Búzios**. São pequenos barcos de fibra de vidro com capacidade para até 7 pessoas – basicamente pedalinhos motorizados.

Fomos às praias de Manguinhos, Tartaruga, **da** Armação, Azeda, João Fernandes **e** João Fernandinho. Nadamos naquelas águas cristalinas por horas, em seguida de volta ouvimos muitas histórias de pescadores, enquanto atravessávamos a costa admirando paisagens deslumbrantes.

Como estávamos hospedados em João Fernandinho que é uma das praias mais bonitas de Búzios, não paramos um minuto e o dia passou rapidamente.

- *Já arrumou suas coisas?*

- *Ah não Téó....quero ficar mais....* – Ellen se espreguiça ainda na cama e com as cobertas aninhadas em suas pernas.

- *Verdade, a vontade que eu tenho é largar tudo e vir morar em um lugar*

como esse. Sem se preocupar com nada.

- Vamos fazer isso? – sorri e põe a mão nos olhos fechando-os.

- Podemos pensar sim. Agora precisamos ir, levanta daí sua preguiçosa e vamos voltar para casa! - Digo ainda sorrindo.

Fomos consolidando uma relação cercada de afabilidade mútua, cuidados recíprocos e interesse genuíno um pelo o outro.

Nosso apartamento, diferentemente da casa gigantesca que os pais dela possuíam no interior de São Paulo, era pequeno, mas a energia que emanava era tão positiva, que muitas ocasiões concordamos que não conseguiríamos viver com mais do que tínhamos.

A endometriose não dá trégua, ela é cruel, não se limita a incomodar apenas, ela interrompe com o bem-estar, com a alegria, muitas vezes a vi chorando no banheiro outras vezes quando estava sentada e se levantava rapidamente sentia contrações terríveis, quase caindo de dor.

Ele fazia questão de mostrar que estava tudo bem.

Eu sabia que não estava.

∞∞∞∞

Meu meu pai veio nos visitar, seria apresentação do seu coral e os senhores e senhoras da terceira idade, que faziam parte estavam hospedados em um hoje próximo. Eu fui buscar meu pai para ficar conosco, foi emocionante vê-lo me esperando sentado ansioso no saguão. Ele levantou devagar e parecia que me via como aquele pequeno menino que ele levava para a escola.

Achei que ele estava com ar jovial, com boa aparência, ainda no carro nos contou em algumas frases bem elaboradas sua experiência musical, chegando até a cantar uma música, enchendo o peito e estufando-o de ar enquanto confirmava que ele era a primeira voz no coral.

Assim que chegamos ao nosso apartamento, Ellen foi prepara algo para comermos e me deixou sozinho com meu pai.

Silêncio.

Ele quebrou pela primeira vez.

- Quando será o casamento?

- *Pai....*

- *Desculpe.*

- *Não precisa pedir desculpas pai, eu só não estava preparado para essa pergunta.*

Ellen surge com copos de suco na mão.

- *O senhor sabe que nós estamos praticamente casados?* Ellen senta ao lado do meu pai e põe a mão em seu braço e carinhosamente explica.

- *Hoje em dia, os casais ou a maioria deles não precisa de solenidades nem festas para que se deem bem, para que constituam uma família. As expectativas que o casamento gera se transformam em alguns casos em cobranças desnecessárias. Nós estamos tão bem assim.*

- *Será que o senhor entende pai?*

Ele tinha olhos profundos e transparentes, tanto que conseguíamos ver através deles o que sentia, não era necessário palavras.

- *Já sei... quando o senhor pretende voltar?*

- *Segunda....eu acho.*

- *Bem, hoje é quinta, podemos fazer uma pequena cerimônia o que o senhor acha?*

Ele não respondeu.

Uma lágrima teimou em não escorrer pelo seu rosto.

Mas não precisava.

O casamento foi simples, mas não menos romântico, não menos inesquecível.

Um padre, um coroinha, meu pai nervoso, de gravata e calça jeans, eu usando uma camisa polo branca, uma calça branca e ela de branco, linda como o sol, seus olhos estavam mais claros, seus cabelos mais macios, seu rosto mais suave, suas mãos mais quentes, seu corpo perfeito, o dia perfeito.

Os amigos do meu pai do coral transformaram o casamento em um grande acontecimento local enchendo a pequena capela, famílias inteiras testemunhando o amor.

No final da celebração aplausos ininterruptos.

Nos Casamos em uma capela localizada às margens da Baía de Guanabara, na Praia da Luz, a capela de estilo Jesuítico foi erguida ainda no século XVII,

segundo a tradição, como forma de agradecimento de Capitão Francisco Dias da Luz à Nossa Senhora da Luz por ter sobrevivido a um naufrágio. A Capela da Luz tem uma fachada em estilo barroco e guarda imagens originais de Santana, São Gonçalo do Amarante e de Cristo Crucificado, essa com um metro de altura, no interior da sacristia ainda contém o mesmo piso de pedra e sua porta frontal possui mais de 350 anos. A Capela Nossa Senhora da Luz foi registrada como patrimônio histórico municipal no ano de 1985.

Foi lá que deixamos registrados o dia que ficará na história de nossas vidas.



O grande sonho de uma mulher é ter filhos. Nós como qualquer casal, estávamos ansiosos por um diagnóstico positivo da vinda de um filho. As tentativas foram inúmeras, descobrimos em encontros com grupos de casais que apesar de ser possível, **quem tem endometriose tem** mais dificuldade para **engravidar**, principalmente se os ovários e as tubas uterinas estiverem comprometidos. No entanto, existem vários relatos de mulheres que conseguiram **engravidar** naturalmente mesmo com o diagnóstico de **endometriose** profunda.

Tínhamos um grande desafio pela frente.

- *Como você está se sentindo?*

- *Um bagaço...*

- *Eu também....*

Não era bem o que ela esperava ouvir de mim.

- *Mas não podemos desistir.*

- *Como assim? Você ouviu o médico que coordena o grupo explicando sobre as possibilidades que tenho para engravidar são pequenas. Na verdade, são mínimas.*

- *Mas não é impossível certo?*

- *E justamente eu vou estar na exceção?*

- *Porque não?*

- *Estou desolada.*

- *Não fique assim, vamos consultar algum especialista, fazer inseminação artificial e no último caso podemos adotar. Já pensou nessa hipótese?*

Ela levanta do sofá e corre em minha direção me abraçando fortemente.

- *Olha para mim?*

- *Não por favor....*

- *Nós vamos conseguir. Você é capaz.*

Ela se afasta e começa a me olha

- Lembra na apresentação de duplas no colégio?

Balançando a cabeça afirmamente

- Você me ajudou, segurou minha mão...eu estava imaginando que não conseguiria. Você lembra o que me falou?

- Não.

- Você me falou.... você é capaz.... vamos conseguir.

- Hoje sou eu que te digo isso... VAMOS CONSEGUIR.

Tivemos que esperar mais alguns minutos até a secretária pedir que entrássemos no consultório de um dos maiores nomes em tratamentos para engravidar do Rio de Janeiro Doutor Fleury Osching Klours

Entramos em uma sala enorme com muitos quadros na parede, possivelmente exibindo certificados, diplomas e outras tantas que nem dá para saber o que são. O doutor com cabelos escuros, mas o rosto envelhecido usava um jaleco branco, com uma caneta dourada que refletia a luz do abajur que iluminava sua mesa.

- Boa tarde queridos....

- Teodoro e Ellen

- Olá Teodoro e Ellen, o que buscam é na verdade um filho certo?

Assentimos com a cabeça.

- Temos algumas possibilidades, olhando os exames da dona Ellen.

Enquanto ele olhava os exames, os resultados e os laudos.

- A endometriose traz muitas incertezas eu sei, mas nada é impossível,

Nesse mesmo instante eu comecei a simpatizar com ele.

- Mas por outro lado também tem seus riscos.

Nesse mesmo instante mudei de opinião.

- Vou dar algumas opções: a primeira seria a Fertilização in vitro. A Fertilização in Vitro (FIV), é uma técnica de reprodução assistida que ajuda

os casais a engravidarem. A segunda seria Inseminação artificial, a terceira a relação sexual (ou coito) programado. A quarta a Indução da ovulação. E a última a Gravidez com gametas ou embriões doados.

Olhávamos apreensivos.

- Doutor e qual seria a indicada para mim.

- Dona Ellen, pelo quadro que vejo da senhora, acho que poderíamos começar com a Fertilização em Vitro. Mas devo dizer que não é barato. Preciso que tenham consciência disso.

- Doutor, será que a terceira opção não poderia ser a mais indicada. Digo porque precisamos tentar

- Sim, podemos tentar. Se vocês acharem melhor a relação programada pode ser sim um primeiro passo.

Tratamos de detalhes, ele nos contou como seria, como poderíamos obter sucesso. Depois examinou mais os exames, fez anotações, receitou alguns medicamentos para ela e para mim, e depois de longos 50 minutos saímos do consultório satisfeitos.

Estávamos prontos.

Não começamos bem.

Ela começou a sangrar nos dias seguintes, possivelmente pelo nervosismo.

Procuramos o ginecologista que consultou e também receitou alguns medicamentos para estancar a menstruação, também outro para dor.

Depois de quase uma semana e meia, ela melhorou.

Já estávamos escolados no quesito **coito programado, que** era um método de fertilização que utiliza medicamentos para estimular a produção de óvulos na mulher, programando a ovulação e assim aumentando as chances de **engravidar**.

Fizemos tudo certinho, dias certos, horas.... dias.... e nada....

Ellen as vezes desanimava, outras vezes eu.

Ficávamos esperando o momento certo que na verdade nunca chegava.

Voltamos ao médico, eu confesso ter perdido a confiança nele, suas falas beiravam sempre a desconfiança de que estávamos seguindo o método correto. O que não correspondiam ao esforço que estávamos fazendo nesse sentido. Tudo marcado, eu levei a planilha do Excel onde marcávamos todas nossas ações para cumprir as orientações.

Ele demonstrava descrédito e sempre levava a conversa para o lado financeiro, o que na última consulta me fez perder a paciência literalmente, levantei sem cumprimenta-lo, uma deselegância que eu não costumava ter, bati a porta e não voltamos mais lá.

- *Calma Téó.*

- *Eu estou calmo. Muito calmo.*

- *Assim não iremos conseguir.*

- *Você viu a arrogância desse idiota?*

- *Vi, mas no fundo ele quer que façamos pelo modo mais caro, o que para ele é mais dinheiro.*

- *Sinceramente, que ele vá para o inferno.*

- *Téo...*

- *Desculpe Ellen, eu não quero que fique nervosa.*

- *Acho que precisamos descansar uns dias o que acha?*

- *Sim...acho que sim...*

- *Que tal irmos passar uns dias em Holambra?*

- *Acho que pode ser uma boa ideia.*

- *Quem sabe lá os deuses da fecundidade não nos ajude?*

Como se uma nuvem negra fosse dissipada pelo sol, sua paz me fez ficar em paz. Saímos sorrindo, em pensar que a instantes atrás eu estava a ponto de explodir.

∞∞∞∞

Passamos o final de semana em Holambra para alegria do meu pai.

Saímos com amigos, fomos a pizzaria, andamos de mãos dadas na praça e no fim da noite fizemos amor dentro do carro como dois adolescentes.

Voltamos para Rio e tudo estava correndo tranquilamente até um dia próximo a páscoa...

...acordei no meio da noite e procurei Ellen.

Sentado assustado a chamei....

Levantei e vi a luz acesa do banheiro.

- *Eu estou bem Téo...* - responde logo que eu bato a porta.

-*Precisa de algo, você está sentindo alguma coisa....*

Antes que eu completasse a frase ela sai do banheiro.

-*Preciso sim de contar algo, mas só se você me prometer que não irá gritar. Já é tarde, e não podemos fazer barulho.*

-*Ok, OK....mas por favor, me conte logo.*

-*Eu.....*

.... estou....

...grávida....

- *O quê? Como assim? Sério?* - Meu coração de repente saiu da primeira marcha e pulou para a última em menos de um segundo.

-*Verdade meu amor... nós estamos grávidos.*

- *Meu Deus....isso é maravilhosssssso!*

Eu me levantei começando a andar em todas as direções sem rumo nenhum.

Nos abraçamos, eu subi na cama, beijei sua barriga e esperei ela dormir ao meu lado.... assim que a sentir pegar no sono eu adormeci exausto.

Aquele foi um dos dias mais felizes de minha vida, quero dizer, da nossa vida!

Fomos no dia seguinte no primeiro horário em seu ginecologista.

Como praxe pediu exames, exames e mais exames.

Remédios, remédios e mais remédios.

- Vocês são vencedores. – O médico sem disfarçar a satisfação.

- Obrigado doutor. – Respondemos sorrindo abraçados.

- Agora vamos acompanhar no pré-natal.

- Aproveitem essa fase.

Voltamos para casa naquele dia calados dentro do carro, eu não sabia o que falar pois tinha medo de trazer preocupação para Ellen.

- Se for menino o nome será Teodoro Junior. – Ela quebra o silêncio.

Eu não sei até hoje de onde ela tirava o seu otimismo. Eu estava prestes a entrar em parafuso, com mil e uma coisas passando em minha cabeça, além de tudo minha preocupação com ela e com o bebê era síncrono.

Seria como cuidar de duas pessoas ao mesmo tempo, comida, remédios, vitaminas, banho, roupas, etc.

- Bem, eu acho que esse nome é muito bonito e tem tudo a ver ... – Respondo satisfeito com a sugestão.

- Mas se for menina, podemos colocar Ellen Júnia ? - Pergunto tentando descontraír

Enquanto minha continuava imaginando que precisaria aprender a trocar fraldas, a fazer papinhas, dar banho no bebê, meu Deus, muita coisa para aprender em apenas nove meses.

- Não sei.... soou meio estrando não?

- Ellen Filha então?

- Téó?

E assim chegamos em casa, fiz um arroz com ovo (minha especialidade) e fomos para a sala assistir tv, o que para mim não teve feito nenhum para breque meu ímpeto dos preparativos para chegada **do** bebê ou **da** bebê.

∞∞∞∞

Era alvorecer do dia, e o meu celular tocou ininterruptamente, era meu pai.

- Téó....oi é o papai.

-Oi Pai, está tudo bem?

-Filho, já te mandei algumas mensagens, e você não me respondeu, por isso liguei.

Antes que eu justificasse qualquer coisa, ele continuou.

- Ellen está grávida é verdade?

-Sim pai, é verdade.

Meu pai possuía algumas manias incorrigíveis e uma delas é a que sempre ao atender uma ligação importante ele ficava ziguezagueando sem parar, falando ao telefone. Era um hábito que ele tinha, e confesso que herdei.

- Filho, isso é maravilhoso, é simplesmente maravilhoso. Eu vou ser avô. Eu vou ser avô.

- Vai pai, um grande avô.

- Você quer que eu vá para aí?

- Não precisa pai, na verdade eu conversei com Ellen sobre isso.

-Isso o quê?

- Estamos precisando de um lugar tranquilo para que Ellen tenha uma gravidez tranquila, pensamos que aqui no Rio não vamos conseguir isso. Meu trabalho não necessariamente precisa que eu esteja todos os dias, apenas em um ou outra reunião que são pré-definidas, e eu posso usar de reunião online para resolver alguma questão urgente.

- Sim filho, você tem razão. Mas aí, o que decidiram?

- Nós vamos voltar para o lugar onde queremos que nossa filha nasça, cresça.

- Espere um pouco. Será que é o que eu estou pensando?

- Eu não sei o que está pensando pai, mas se for aí em Holambra, a resposta é sim.

Alguns instantes se passaram e pude ouvi-lo conter o choro.

- Estou muito feliz, muito feliz, eu não consigo acreditar.

- Sim pai, veremos nesses próximos dias os médicos aí para acompanharem

Ellen, o bebê, neste final de semana já iremos, Ellen ficará e eu retorno para tratar da mudança.

- Você vai vender seu apartamento filho?

-Não por enquanto, apenas colocarei para alugar.

Quando desligamos o telefone me ocorreu nesses anos longe e com a perda irreparável de minha mãe, meu pai estava se tornando mais próximo e eu já não precisava pedir que ele falasse, como antigamente eu fazia.

Sinceramente, eu sempre gostei muito do Rio de Janeiro, era um sonho acalentado desde pequeno quando Ellen levou algumas fotos para sala de aula, era uma apresentação sobre as cidades mais bonitas do Brasil. Foi amor a primeira vista, mesmo sem ainda ter visto o Cristo Redentor, ter andado pela calçada de Ipanema, ter visto o sol nascer do Arpoador, sem ter participado da queima de fogos no fim do ano, enfim por tudo que vi e ouvi depois com a Bossa Nova de Tom Jobim e João Gilberto.

Então quando surgiu aquela oportunidade de trabalho depois de concluído a faculdade era tudo que eu poderia querer, o que era inalcançável para mim se tornara próximo, quase palpável.

Tantos foram os motivos me faziam acreditar que ali seria o meu lar, entretanto com minha pouca maturidade entrei de cabeça nessa aventura desbravadora.

O mais incrível disso tudo, é que com a maturidade percebemos que nem tudo o que planejamentos acontece da mesma forma que gostaríamos. Tive muitos dissabores, muitas frustrações e insucessos, não obstante a muitas alegrias, conquistas.

No início as dificuldades de adaptação em uma cidade grande eram gigantescas, desafios esses que foram consolidando minha experiência profissional e abrindo portas onde antes só existiam janelas.

Andei até a varanda do apartamento com o celular ainda nas mãos, parei um pouco e me debrucei nas memórias do que vivi ali. Fiquei ali com os braços apoiados na varanda longos minutos, esqueci das horas, queria apenas olhar a cidade, sentir o cheirinho do mar, sentir o Rio de Janeiro; em rápidas imagens nostálgicas, sorria sozinho com algumas, com outras era melhor esquecer.

Dentro do meu coração pressenti sem nenhum esforço uma inevitável

despedida.

Estava decidido.

Adeus Rio.

Em nossas conversas, eu e Ellen, chegamos a desistir em alguns momentos, em outros titubeamos, mas de fato diante das circunstâncias e da vinda do nosso bebê necessitávamos tranquilidade.

Acordamos em ir o mais breve possível.

O nosso filho era uma preocupação nossa, conhecendo os meandros de uma cidade grande, tínhamos a certeza que ela precisaria de um lugar que oferece tudo que ali não poderíamos oferecer.

Voltaríamos para Holambra.

Antes de partimos, nós ligamos para o Dr. Gustavo, o ginecologista, nos orientou diversas atividades em conjunto para cuidar da pressão de Ellen, e concomitantemente estimular nosso filho, começamos o quanto antes o processo chamado *pré-natal*.

Finalmente fomos apresentados a primeira versão de nosso bebê, em ultrassom.

Confesso que a primeira vez que ouvi o seu coraçãozinho bater foi uma sensação indescritível de incredulidade e ao mesmo tempo de felicidade. Em relampejos de emoção e choro, eu por vezes não acreditava que ali naquelas batidinhas estava ela, estava a mais pura prova do amor, a mais realista materialização de uma vida que iria surgir

Fiquei tão nervoso que o médico pediu para sua assistente trazer água para mim.

Apertei a mão da Ellen, como sempre fazíamos quando não conseguíamos encontrar palavras em alguma situação.

Ellen me olhou com os olhos molhados e eu juro, juro que não gritei porque estava tão inebriado com aquela rápida apresentação entre nós e a nosso filho que fiquei parado como um poste sem reação durante um bom tempo, sem contar que recobrado ao meu estado natural, eu insistia em falar com ela ou ele pela tela, mesmo sabendo que não estaria escutando.

- Bem, estou vendo aqui pelo ultrassom que ...
- O que houve doutor...
- Você espera um menino?
- Sim, acho que sim....

- Queridos como vim para causar, para sua alegria...

Um minuto que valeu uma eternidade....

- Será uma linda e charmosa menininha.

Eu tive que me sentar imediatamente, Ellen não conseguiu mais parar de chorar até chegar em casa.



Eu jamais compreendi quando me falavam sobre como é a emoção de ver uma criança ainda no ventre da mãe, pensei sinceramente que era exagero, pois, a imagem de um ultrassom para mim não revelava nada, apenas um monte de traços e contornos claros em uma grande nuvem cinza. Confesso que naquele dia, eu saí dali com plena convicção de que minha filha era linda, a mais bonita, a mais charmosa, a minha filha.

Depois dessa primeira apresentação, eu não deixei de ver mais nenhum dos ultrassons seguintes, que aconteciam todos os meses. Para mim, modestamente já estava ficando especialista em identificar as mãozinhas, a boquinha, sentimos até ela chutando quanto eu fazia cócegas na barriga de Ellen, eu fui descobrindo a ver naquela telinha algo muito parecido comigo, mesmo que todos duvidassem, para mim, ela seria a minha cara.

Ellen fazia alongamentos todas as manhãs quando levantava e quando ia dormir, eu tentava ajudar e ela ria muito pelo meu jeito desajeitado em fazer tudo errado. Para ela aquilo era divertido, para mim, digamos que um tanto constrangedor. No fim, acabávamos nos divertindo com minhas *presepad*as.

Em um sábado quando fomos comprar a carrinho de bebê. Para começar a avaliar os disponíveis, eu pesquisei muitos modelos, fiz uma lista com os principais pontos para fazer uma boa escolha, uma característica importante que achei, talvez a uma das mais importantes seria com o tipo de fechamento, isso diz respeito à praticidade de transporte e manuseio, que, segundo as minhas consultas, muitas vezes teria que ser rápido. Há dois tipos de fechamento: o fechamento guarda-chuva em que ele fica na forma vertical quando fechado. Com esse sistema os carrinhos ficam mais compactos para serem guardados em qualquer cantinho da casa e também caberá facilmente em diversos tamanhos de porta-malas, por exemplo.

Voltamos com uma cor lilás, antes de trazê-lo treinei dezenas de vezes com ajuda do vendedor que ria todas as vezes que eu tinha que fazer de novo.

Paralelamente, eu me desdobrava com o trabalho, havia conseguido novas

contas, ou seja, novos clientes, nada grande, mas o suficiente para me deixar bastante otimista. A minha grande ainda estava no Rio de Janeiro, onde mantinha uma base com um programador que contratei antes de voltar para São Paulo, o nome dele era Hélio.

Eu tinha horário flexível, por esse motivo eu me desdobrava para estar com Ellen todos os momentos.

A Mãe de Ellen entrou em cena assim que soube da gravidez, foi se aproximando devagar, chegando até a cogitar em nos levar para sua casa, pedido esse que foi terminantemente negado antes que chegasse ao meu conhecimento pela própria Ellen.

Ela passava horas com Ellen, trocou toda a mobília do nosso quarto e um novo quarto surgiu, o da Flora. Eu achei importante elas estarem juntas novamente, e acredito que Ellen se sentiu pela primeira vez, querida de verdade pela sua mãe.

Vivian minha irmã me ligou no final de uma sexta-feira para me avisar que estava vindo para a cidade, mas que não ficaria na nossa casa, ela estava procurando um apartamento pois o seu casamento teria acabado.

Assim para ela um ciclo se fechou, como sempre, implacável e objetiva, sem muitos rodeios, o tempo acabou. Simples assim. Para mim soou como um certo alívio, no entanto eu não quis entrar em detalhes, talvez porque sabia que ela não iria me contar. Como irmã mais velha, ela trazia consigo um sentimento de proteção leonino, para ela, acima de tudo, era ela que cuidava de mim, e não, eu dela.

Os dias passaram, fizemos uma bateria de consultas com médicos indicados pelo Dr. Marcelo, foi diagnosticado que a endometriose estava estável, o que nos encheu de alegria e esperança, ficamos animados, recebemos alguns amigos no final de semana seguinte e comemoramos os bons resultados.

A varanda da nossa casa ficou repleta naquela noite, entre conversas, risadas e sucos, refrigerantes e salgados, eu e Ellen concluimos que era ali onde deveríamos estar realmente, ali era nosso lugar.

De volta ao começo

*Rio de Janeiro depois Holambra,
agosto depois primavera e flores*

Época de flores, até podíamos imaginar quão linda estava nossa cidade, que não era por menos, conhecida como *cidade das flores*.

Chegamos a relembrar tantos momentos que passamos ali, na juventude e tantas vezes que estivemos tão perto um do outro, sem jamais imaginar que estaríamos casados depois de longos anos.

Recordamos os passeios que o colégio realizava, aquele que fizemos para falarmos sobre girassóis, sempre nos lindos campos dos girassóis.

- Você lembra a bagunça que era?

- Sim, lembro Ellen, mas eu confesso que a intenção era essa mesmo.

- Vocês eram demais. – Enquanto rimos, vem outras lembranças engraçadas como a do Cesar que ficou trancado no Moinho Povos Unidos, que ainda estava sendo erguido, quando conseguiu sair estava tão apavorado que não conseguia falar.

- Nossos encontros nos finais de semana lembram?

- Lembro sempre, o lago, o Deck Love onde Charle pediu em namoro a Cindi e o Tom e Márcio fingiram estar se casando.

- *Poxa, verdade, eu estava no exército e eles deixaram para no dia que eu estivesse de folga. Muito bacana.*

- *Eles são demais, não é?*

Fomos conversando durante quase todo o trajeto até que ela dormiu, parei o carro em um posto de combustível para arrumar o travesseiro que ela levava em todas as viagens que fazíamos.

Era tarde quando chegamos próximo a entrada de Holambra, eu já conseguia ver a movimentada rua Dória Vasconcelos, que tantas vezes percorríamos enquanto adolescentes, passando por aquelas casinhas geminadas e coloridas, cada recordação um aperto no coração.

O carro devagar percorria as ruas, uma sensação de alívio foi tomando conta de mim, uma sensação boa de estar em casa.

- *Olha lá o Restaurante The Old Dutch, lembra?* – Ellen já desperta.

- Claro que lembro, foi lá minha despedida quando fui para o Rio. Falando

nisso você foi logo embora. Não foi?

- Sim, eu estava muito triste. Você iria embora e talvez nunca mais eu poderia te ver.

- A vida é engraçada Ellen, hoje estamos nós aqui, eu você e Flora.

O Restaurante The Old Dutch era de origem holandesa, mais especificamente em Leeuwarden, norte da Holanda, o proprietário Robert Jager assina as receitas típicas de sua terra natal. O salsichão defumado servido como entrada vem acompanhado de batata sauté e salada de berinjela era uma opção irrecusável principalmente quando tínhamos alguma comemoração.

A vista da rua da casa do meu pai era sinal de que já estávamos chegando, de longe conseguíamos ver os carros em frente, e todos estavam lá, Márcio, Tom, Cesar com sua esposa, Beth e ele meu pai.

O reencontro foi emocionante.

Nos abraçaram, tocaram a barriga de Ellen, ajudaram a levar nossas malas e quando menos esperamos já estávamos todos na varanda rindo como a tanto tempo não fazíamos. Meu pai serviu aquele café forte parecia torrado na hora, Ellen na cozinha com as meninas confabulando sobre os preparativos para a nossa filha, e eu anestesiado de alegria, torcendo para aquele dia durar mais de um.

Lembra do Nick, meu cachorrinho? Quando minha mãe morreu, meu pai que não tinha muita paciência com cachorros, foi se apaixonando por ele, e os dois se tornaram grandes amigos. Descobri isso quando entrei no quarto do meu pai para buscar seus óculos e do lado da janela uma caminha toda organizada com uma tigelinha de água próximo da cama...então era ali que Nick dormia?

Nos dias seguintes foram de adaptação para todos nós, eu montei um pequeno escritório em uma edícula próximo a garagem do meu pai, que eu mesmo pintei sob os sorrisos e jarras de suco que Ellen me levava. Nas tardes passeávamos com o Nick dando uma volta no quarteirão, de mãos dadas.

Apesar de aparentar total controle da situação, na mudança perdi um monte de objetos meu e de Ele. Eu tenho alguns defeitos incorrigíveis e nessa mudança para cá eu percebi que havia perdido algumas roupas, papéis, cds entre outros pertencer que ainda não senti falta. O fato era essa parte do todo de minha vida se tornou cada vez mais evidente: *eu era descuidado*.

Por exemplo, eu perdia facilmente as coisas quando estava preocupado ou com minha atenção em outras, minha capacidade de guardar os objetos e

esquecer onde eles estavam era incrível. Eu nunca lembrava onde havia deixado as ferramentas, óculos, minhas canetas, meu porta moedas, minha toalha, etc., etc. isso já tinha se tornado algo tão comum que Ellen foi se acostumando, mesmo com todo esforço que ela fazia para me fazer mudar.

Um dia que precisei concluir uma apresentação deixei o meu Lap. Top do lado de fora na varanda e entrei para tomar um café, fui ao banheiro, parei em seguida para ver o jornal na Tv e esqueci onde tinha deixado o computador. Conclusão, quase chorei pensando que o haviam roubado, e olha que passei por ele várias vezes.

Ellen foi até a Varanda, e o trouxe fechado do jeito que deixei.

∞∞∞∞

Eu fiquei esperando horas pelo telefone do hospital, pois já havia ligado antes para marcar a cirurgia. Os exames estavam prontos, o Dr. Marcelo já havia nos sinalizado que pelo o quadro atual de Ellen uma intervenção cirúrgica seria o recomendado e que com certeza o bebê nasceria em naquele dia.

O telefone toca exatamente as 10 horas da manhã.

A cirurgia para retirar pequenos cistos precisava ser feita antes mesmo de Ellen completar metade do período de gravidez.

- Senhor Teodoro

- Claro, sim... sou eu

- O senhor ligou mais cedo para agendar uma entrevista pré-operatório?

- Claro, sim.

Marcamos para o final do mês.

Desde que soubemos a data muitos cuidados extras foram tomados, desde a medicação rigorosamente nos horários até a comida sem qualquer gordura ou carne vermelha, muito descanso, e pouco agito. Nós optamos por não receber ninguém enquanto não estivéssemos de volta da cirurgia.

A cirurgia de laparoscopia ocorreu em um sábado pela manhã, os pais de Ellen vieram, mas separados, o seu pai estava com uma outra mulher que eu não conhecia, e ela parecia não ter muita vontade de estar ali, mesmo assim, ele ficou até o fim da cirurgia. A mãe dela estava sozinha com duas amigas, que mais pareciam estrelas de cinema pois usavam roupas tipo aqueles

figurinos do filme Casa Blanca.

Meu pai, com um terço na mão, sempre do meu lado, calado e do lado dele as flores que trouxe para quando ela saísse ou eu a pudesse vê-la. Na verdade, eu comprei como se apostasse que ela sairia dali bem, e poderíamos voltar para casa quando ela colocaria as flores em um vaso e depois plantaríamos como símbolo de nossa vitória.

Já se passavam mais de duas horas quando a equipe médica aos poucos foi saindo pela porta lateral de um corredor cheio de azulejos brancos, Dr. Marcelo é um dos últimos a sair. Eu espero ele se dirigir a mim.

Ele sorri. O peso de meses de apreensão e incerteza neste momento vieram à tona, meus olhos se encheram como se um pequeno riacho fosse inundado pelo vazamento de uma represa.

- A cirurgia foi um sucesso

Parei sem reação....

- Doutor, o que posso te dizer.... obrigado...- caindo no choro copiosamente.

- Não precisa agradecer Téó, ela ficará uns dois dias e poderá voltar para casa.

- E o bebê...?

As palavras param por aí, a alegria misturada com choro e abraços de todos preencheram todo o vazio que por alguns momentos eu sentia.

Horas depois fui liberado para ir ao quarto onde ela está.

Abri a porta devagar, ela estava com os olhos fechados. Ainda sob efeito da medicação, um tanto grogue, um tanto desperta, vai abrindo devagar os olhos que permanecem entreabertos enquanto nos falamos brevemente:

- Minha guerreira linda, meu amor...

- Téó....o homem da minha vida...

- Não faça esforço, você precisa descansar.

- Sim meu amor...obrigada pelas flores...

- Você falou flores, ou floras?

- É um belo nome para nossa menina...

- Flora....Flora será o nome dela.

Beijeí sua testa aquiescendo.

- *Sim será Flora, nossa flor*

Já se passaram nove meses, a barriga de Ellen estava enorme, noites e noites de sono nos preparavam para noites e noites acordados. Quando na madrugada ela começava a se mexer eu já me levantava pronto, quer dizer, quase pronto. Geralmente saía batendo em tudo que surgia na minha frente e depois alguns segundos inertes olhando para o nada até que Ellen gritava.

- Téó, me ajuda aqui!

Nessa madrugada foi diferente, já estávamos cientes que a qualquer momento a bolsa iria estourar e realmente cumpriu-se a profecia.

A bolsa estourou pontualmente as três horas da manhã.

Sorte ou era assim mesmo, não havia carro na rua.

Eu voei até o hospital, e as seis horas da manhã iniciou-se os preparativos para a cesariana.

Aos poucos os familiares foram chegando, meu pai, Vivian, os pais da Ellen.

Eu entrei no centro cirúrgico vestido com uma roupa verde, tremendo, suando e tremendo.

O parto começou diante de um turbilhão de equipamentos, enfermeiros e médicos.

As 07:35 pontualmente, o primeiro gritinho...

Flora nasceu...

Meus olhos estavam escuros de lágrimas.

Não podia perder nenhuma cena, limpei os olhos com o braço direito e olhei na mesa de cirurgia a tempo de ver Ellen sorrindo, também emocionada.

Pude chegar perto dela e a beijei na testa.

A enfermeira trouxe flora até mim, eu a segurei pela primeira vez.

Um vulcão de sentimentos me fez soluçar de emoção.

Me encaminhei até próximo de Ellen, mostrei a nossa filha, mas ela não podia se mexer. Apenas a lágrima que descia pelos seus olhos demonstrava toda a felicidade que ela estava sentindo naquele momento.

Logo em seguida, escutei um murmurinho dentro da sala, e me pediram para levar Flora para os primeiros cuidados médicos.

Saindo com Flora nos braços olhei para trás.

Ellen estava com os olhos fechados.

Flora já havia tomado banhinho, estava com uma roupinha azul claro que compramos para aquela ocasião, deixei-a em uma incubadora, segura e agasalhada.

Eu, estava desesperado no corredor que dá para as salas de cirurgia.

Meu pai sentado, com os olhos fechados. Rezando suponho.

Vivian do meu lado, como uma sombra, tocava meu ombro me abraçava.

Os pais de Ellen discutiam com os funcionários em busca de notícias da filha.

Mais de uma hora de angústia.

O parto tinha acontecido tão bem, tudo tão do jeito que sonhamos, escutar o chorinho de Flora gritando para anunciar sua chegada a vida, sua lutar para nascer, a mais linda menininha do mundo. Em casa seu quarto estava esperando, tudo rosa. As mamadeiras prontas, o bercinho, a mesinha de trocar fraudas. A cadeira onde mamãe iria dar de mamar.

Tudo que sonhamos foi interrompido em segundos, quando me dei conta da correria dentro da sala de cirurgia logo que Flora nasceu, eu ainda estava com elas nos braços, havia acabado de mostra-la para Ellen, mas de repente as enfermeiras me conduziram para fora da sala, levando-a fomos cuidar de limpá-la, vesti-la...eu voltei correndo pelo corredor enquanto aquela parafernália de equipamentos fazendo barulho, prenunciava que algo não estava bem, foi um pesadelo que durou poucos minutos para saber que Ellen não havia sobrevivido.

Seu coração não aguentou.

Um ataque fulminante levou o grande amor da minha vida.

Não deu tempo de me despedir, não deu tempo de ela colocar a Flora no colo, de amamenta-la ou mesmo de dizer como tanto ela queria “Seja bem-vinda filha”

A porta do centro de cirurgia se abre.

Pessoas entram e saem a todo momento.

O Doutor Marcelo surge pela porta lateral com as mãos ainda com luvas cirúrgicas.

Olha fixamente para mim.

Não foi preciso falar nada.

Me sentei ali mesmo no chão.

O mundo desabou sobre mim.

Tão perto de mim

“...o infinito de nós dois”

- Senhores passageiros queiram apertar os cintos e preparar para o pouso.

Enquanto o avião descia, avistamos o sol tocar o mar e um reflexo desse encontro brilhou nos olhinhos de flora que olhava sem pestanejar aquele espetáculo maravilhoso.

- Pai. Olha....olha...

Eu chego próximo dela e juntos olhamos fascinados.

Logo em seguida dá para ver o Cristo Redentor com braços abertos.

- Pai, que lindo olha....

Eu também estava como ela muito feliz, como a muito tempo não havia estado, desde que sua mãe partiu.

Estávamos desembarcando no Rio, eu e o fruto desse amor, de mãos dadas, ela estava muito animada, eu por outro lado com o coração batendo rapidamente como se quisesse sair pela boca.

No bolso, eu trazia dentro da carteira uma carta escrita por ela, que havia sido deixada com meu pai, que só me entregou uma semana após seu enterro. Eu ainda não tinha tido coragem de ler, talvez agora estava chegando a hora, o dia de voltar a origem de tudo.

Flora estava eufórico, poderia deixar de apresentar a ela, no alto de seus 10 anos, onde eu e sua mãe vivemos momentos tão maravilhosos.

Assim que colocamos as malas no carrinho, arrumei-a sentada nas bagagens, ela trazia seu ursinho marrom debaixo de um dos braços carinhosamente, eu presenteei em seus primeiros dias de vida e ela nunca mais largou. Estava usando um colarzinho que a Tia Vivian confeccionou para ela e na cabeça um laço amarelo que o Vovô comprou para a viagem, dizendo que ele iria mantê-la sem enjoo.

O táxi do Clóvis já estava nos esperando. Ele sempre estava pontualmente todas as vezes que precisamos. Clóvis se tornou um anjo da guarda desde que cheguei ao Rio de Janeiro, final da década de 80. No para-brisas pendurado ao retrovisor, um escapulário pendurado, no painel, pequenos imãs grudados com fotos bem amadoras dos filhos e da esposa. Tudo do mesmo jeitinho desde da primeira vez, exceto o carro que já havia trocado umas duas vezes.

Eu estava voltando do aeroporto, retornando depois de mais de 10 anos.

Desta vez não vinha pra ficar como das outras, queria apresentar Flora um pouco de minha história com sua mãe e aproveitaria para fechar a venda do apartamento que já estava consumada, restando apenas minha assinatura.

Estava chovendo muito e fazia um pouco de frio, coisa não tão comum na terra do verão, na cidade que tanto amava Rio de Janeiro.

O avião havia chegado antes do previsto, mas eu sabia que Clóvis estava lá. Ele era muito pontual, nunca atrasava, aliás horas antes do combinado, lá esteve ele com seu Toyota cinza que brilhava impecavelmente.

- *Que bom revê-lo Senhor Téó, quanto tempo.... nossa é a sua filha, não é?*

- *Sim Clóvis é a Flora amigo, que bom, que bom que você está aqui. Saudades de você.* – Nos demos um rápido abraço - *Não irei te pedir para parar de me chamar de Senhor, porque sei que você não vai parar.*

Clóvis abaixou para ficar da altura de Flora e a beijou na testa.

- *Seja bem-vinda pequena flor... digo...pequena Flora.*

Ela sorriu e abraçou-o.

Senti um carinho tão espontâneo como se Flora já o conhecesse, o quê de algum modo lá dentro conhecia.

- *Oi Tio Clóvis.*

- *Ah, Dona Flora, vou mostrar para você as belezas do Rio* – Diz Clóvis abrindo o porta-malas.

Acredito que ele já sabia por aonde eu queria ir, e mesmo sem que eu pedisse o táxi foi seguindo pelo velho percurso que ele costumava nos levar, passando pelo Leme até o Leblon. Por este caminho a distância até o meu prédio aumentava, acho que cerca de oito quilômetros. Indiscutivelmente para nós sempre valia a pena.

Flora foi na janela e eu sentei do lado dela.

Eu precisava percorrer com ela aqueles lugares, eu tinha prometido por mais difícil que pudesse ser....seria extremamente importante para ela. Por alguns momentos eu tinha a sensação de que ela estava ali conosco.... poderia até sentir sua respiração rápida depois dos comentários engraçados que ela sempre fazia com coisas tão simples.

À medida que as lembranças iam chegando, tudo obviamente também se

tornava familiar. O carro vai passando pelo calçadão, mostro o mar para Flora que fica boquiaberta sem nenhuma palavra...estava lindo...passamos pelo Forte Duque de Caxias....

Peço que Clóvis pare o táxi um pouco na Praça Almirante Júlio de Noronha. Ali começa a Avenida Atlântica, no Leme....

Já fora do carro, encosto nos faróis trazeiros e meu coração inicia um compasso apressado.... lembrei dela enquanto Flora corria um pouco.... olhei o Forte novamente, recordei dos olhos de Ellen que amava apreciar aquela construção que está no alto de um morro com vista deslumbrante para o Pão de Açúcar, Corcovado e Copacabana.

Em rápidos reflexos de lembranças a via como em uma miragem, pintando seus quadros ali mesmo tão perto que por pouco não gritei seu nome chamando sua atenção...eu a chamando e ela sorrindo fingindo que não havia percebido minha presença.

Ela pintava muito bem, muito de suas pinturas que decoramos o nosso apartamento ela havia se inspirado ali, e foi ali também que tantas vezes caminhamos de mãos dadas como dois adolescentes, sentávamos nos bancos com vista para o mar e em outras ocasiões ficávamos parados em frente a escultura da Baleia...lembro o dia em que eu, na minha santa ignorância, afirmei convictamente que a escultura retratava a poluição, e era uma homenagem aos bravos índios que viviam antes aqui, antes da poluição esconder o céu tantas vezes, claro que rimos tanto que por alguns minutos não conseguíamos falar mais nada.

- *Pai vem aqui*

Eu fui devagar, mas ela correu e tocou em meu braço sorrindo.

- *Você é o pega agora.*

Corri tentando acompanhá-la e quando consegui nos abraçamos, levantei-a pelos braços e coloquei-a nos ombros.

De volta ao carro, Clóvis já tinha tirado um monte de fotos.

- *Senhor Téo, que lindo de ver vocês dois.*

De volta ao carro passamos em frente ao restaurante, o nome continua lá até hoje ***A Nostra Italia***.

-Filha, ali durante muito tempo foi nosso refúgio das madrugadas frias, sua mãe adorava esse lugar, consigo até ouvir o barulho dos talheres, sentir o cheirinho das massas quentinhas, da pizza de Muzzarela...

- Hummm pai.... depois você me leva lá...?

- Claro filha, sabe eu posso ouvir as nossas conversas entre um brinde e outro, sonhando alto um futuro previsível para nós, com uma filha linda, com nossa casa, com aquela viagem à Itália...os almoços aos sábados com os amigos.

Flora parou de olhar para fora do carro e encostou em meu ombro.

Lá dentro do restaurante estavam autógrafos de artistas rabiscados nas paredes, e, lá também, ficaram as nossas discretamente no final daquela que termina no corredor. Nossos nomes que assinamos não porque éramos famosos, mas porque passamos a ser presenças constantes e ela.... bem.... ela havia conquistado a empatia de todos, do manobrista que cuidava do carro, ao Metre, do garçom ao dono do estabelecimento. Ela, era cativante preenchia o vazio, deixava saudades... não era surpresa para mim.

- Eu te amo pai...

- Eu também filha

Respondo enquanto tento manter o tom de minha voz que embargada se divide em sílabas.

Chagamos ao prédio, desço com a Flora, Clóvis me ajuda com as malas, me despeço ele me pede para que eu ligue para ele a qualquer hora caso eu precise.

- Obrigado Clóvis, está tudo bem.... tudo bem.... obrigado amigo, muito obrigado. Acredito que amanhã a tarde precisarei de você novamente. Mas eu te ligo para confirmar. – Paguei-o e nos despedimos.

Orlando, o porteiro, velho amigo também, o mesmo desde que me mudei para o rio. Um sujeito impressionante, sereno, tranquilo. Nunca o vi alterado com ninguém, sua disposição de estar pronto a auxiliar é uma característica marcante, sem falar de sua capacidade indulgente com os destemperos e desrespeitos de alguns moradores.

- Senhor Téó, o senhor está de volta.... como vai? E essa linda menininha.

- Oi? Sou filha do dele.

- Nossa, que linda. Seja bem-vinda filha do Seu Téó.

-Meu nome é Flora.

- *Bem-vinda Flora.*

- *Olá Orlando, quanto tempo, obrigado por me ajudar, acho que não preciso mais apresentar não é mesmo...?*

Olhando para Flora com ar de brincadeira.

- *Não precisa, ela já se apresentou.*

Está muito calor, mas a noite está agradável e a viagem foi boa?

- *Sim, a viagem foi boa sim, a Flora adorou.*

Paramos em frente ao elevador.

- *Dona Ellen não veio com o senhor?*

Não precisei responder, meus olhos falaram mais do que qualquer palavra.

Abro os olhos devagar, assim que acordo pela manhã. A janela dormiu aberta, a cortina parece que vai se soltar com o vento. O sol já ocupa seu espaço em parte da sala. Vou me levantando devagar, me espreguiço com os braços para o alto, sinto que minha a orelha está doendo devido a posição nada confortável que adormeci. Dormi no tapete. Não me recordo como peguei no sono ali.

Fui até o quarto e Flora ainda dorme com a perna fora da coberta, igualzinha a mãe.

Olho o relógio, são seis e quinze da manhã. Os compradores do apartamento irão estar as oito em ponto.

Eu preciso me arrumar.

Do meu lado esquerdo, embaixo do sofá, vejo a carta que guardei da Ellen antes dela dar a luz, não tive coragem de ler até aquele dia. Ontem cansado da viagem, devo ter deixado cair de minha mão antes do sono me derrubar.

Mesmo decidido a lê-la não consegui.

Me esforcei, eu juro, mas no fundo eu ainda queria guardar a imagem dela como se estivesse ali, perto, do meu lado ou que estivesse viajado e iria retornar em breve.

Minha consciência me pegou na esquina do meu coração, eu não podia mais evitar, pego a carta debaixo do sofá e sinto o perfume dela ainda no papel.

Lembro que ela havia me pedido para abrir apenas se algo acontecesse com ela.

Suspiro....

...hesito.... ponho a folha ainda dobrada em cima da mesa de vidro próximo a mim...

...disfarço, olho novamente na mesa de vidro ...

...a folha dobrada.....

... a letra dela....

...ainda tem o perfume dela....

.... Abro-a...

Começo a ler devagar e enquanto leio, posso ouvir a sua voz suave:

“Téo, meu amor

...Você está trabalhando lá na sala...

...o sol está batendo na janela e você não conseguiu dormir pois amanhã nossa menina vai nascer. Está nervoso eu sei.

Talvez você esteja com fome, eu deixei comida congelada na geladeira e na gaveta da escrivaninha aqueles doces de amêndoa que você tanto adora, guardei para você.

Incrível não é mesmo? Vamos ser pais... Eu quero fazer tanta coisa com ela, pintar tantos quadros, sair com você e ela sem destino, cuidar dela com todo o amor do mundo, vê-la crescendo, descobrindo a vida, aprendendo a amar, estudando, se formando.

Sonhamos tanto juntos, não é?

Hoje conseguimos.

Eu tinha tanta coisa para te dizer, mas acho que não é necessário. Você sabe o quanto te amo, te amei e sempre te amarei.

Você lembra do dia em que comecei a te ensinar a usar o computador? Éramos tão jovens não é mesmo?.....eu lembro tudo.... lembro a primeira frase que você digitou de brincadeira?...” quer casar comigo?” eu ri, devo ter ficado vermelha, como sempre eu ficava todas as vezes que você olhava para mim, afinal você era o mais cobiçado pelas meninas do colégio, e eu, a filhinha do papai, tímida e retraída.

Lembro de você com uniforme do exército...lindo.... e depois que deixou a farda, sua ida para o Rio de Janeiro, assustado, parecendo um menino perdido numa cidade grande.

Hoje está tudo tão óbvio para mim como nunca estive....

Preciso te dizer que sou feliz todas as manhãs que acordo ao seu lado, que te vejo sorrindo...

...feliz nas suas poucas ausências, porque sabia que você voltaria para mim...

... feliz pela sua proteção, que muitas vezes vinha com aquela carinha de ciúmes...

... feliz, por nossos cafés, nossas séries infinitas, nosso sofá nas noites frias...

... feliz pelos inúmeros almoços e jantares recheados com nossas confidências, planos, experiências e vivências diárias.

... feliz por tudo que você faz por mim enquanto, quando a endometriose me aflige, com dor, quando passo boa parte do tempo sem conseguir namorar, justamente durante esse período foi que eu mais aprendi a te amar, porque você me mostrou que me amou sem pedir nada em troca....apenas amou.....e ficou perto de mim....tão perto de mim.

Todas as noites que não pude te dar meu corpo, você me deu o seu para me aquecer, apenas me abraçando...tocando meu rosto.... passando as mãos em meu cabelo...lendo para mim...me trazendo comida em uma bandeja delicadamente sorrindo...lindo.

Obrigada por tudo meu amor, eu não poderia pedir nada que não fosse o que eu vivi ao seu lado.

Que venha nossa pequena Flora.

Boa noite amor da minha vida.

**“Um cantinho e um violão este amor, uma canção
Pra fazer feliz a quem se ama**

Muita calma pra pensar e ter tempo pra sonhar

**Da janela vê-se o Corcovado
O Redentor que lindo**

**Quero a vida sempre assim com você perto de mim
Até o apagar da velha chama e eu que era triste
Descrente deste mundo ao encontrar você eu conheci
O que é felicidade meu amor**

Compositores: Antônio Carlos Jobim / Gene Lees

Com você para sempre

Ellen”

Humberto Fag

Meramente seguindo a sugestão de professores do colégio, sua forma de criar um enredo e o colocar nas palavras fez com que ainda adolescente ganhasse um concurso literário entre os colégios de sua cidade.

Sua relação com os livros nunca cessou, porém, a escrita ficou adormecida por quase trinta anos, de lá para cá as vivências reais o talhavam primorosamente para o grande romance que você leu ou vai ler.

Grandes histórias ele viveu.

Sua mãe o deixou ainda pequeno com apenas três anos de idade. Perdeu sua primeira esposa ainda jovem para um câncer. Casou novamente com o grande amor de sua vida e hoje têm duas lindas meninas.

Poderia ser um bom romance para um livro, mas é uma vida real, repleta de grandes amores, grandes aprendizados que o fizeram voltar a escrever um livro.

Quem o conhece diz que seu estilo de escrita se assemelha ao do Nicholas Sparks, eu digo que não, ele tem o seu próprio estilo e hoje o seu romance só confirma a sensibilidade de um homem diante de realidades muitas vezes tão difíceis nunca deixou de acreditar no amor.

Bibliografia

1 - <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/08/dia-da-informatica-confira-historia-do-computador-e-sua-evolucao.html>

2 - <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/programas-populares/>

3 - <http://blog.prestus.com.br/beep-servico-de-pager/>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pager>

4 - Workaholic é uma gíria em inglês que significa alguém **viciado em trabalho**; um trabalhador compulsivo e dependente do **trabalho**. As **pessoas viciadas em trabalho** sempre existiram, porém, esse número está crescendo muito e se tornando um fenômeno em todo o mundo

5 <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/efeitos-colaterais-da-quimioterapia/3706/593>

6 <https://www.bbc.com/portuguese/geral-38302219/>

7 Conceito e Significado de **In loco**: **In loco** é uma expressão em latim, que significa `no lugar` ou `no próprio local`